

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

LUCAS NORONHA KESKE

O uso de técnicas do jornalismo Open Source nas Visual Investigations do New York Times: a reportagem sobre a unidade russa que matou dezenas em Bucha, na Ucrânia.

Porto Alegre

2023

LUCAS NORONHA KESKE

O uso de técnicas do jornalismo Open Source nas Visual Investigations do New York Times: a reportagem sobre a unidade russa que matou dezenas em Bucha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ruschel Träsel

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Noronha Keske, Lucas

O uso de técnicas do jornalismo Open Source nas Visual Investigations do New York Times: a reportagem sobre a unidade russa que matou dezenas em Bucha, na Ucrânia. / Lucas Noronha Keske. -- 2023.

119 f.

Orientador: Marcelo Ruschel Träsel.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. jornalismo investigativo. 2. Osint (Open Source intelligence). 3. New York Times (NYT). 4. pesquisa qualitativa. 5. verificação. I. Ruschel Träsel, Marcelo, orient. II. Título.

LUCAS NORONHA KESKE

O uso de técnicas do jornalismo Open Source nas Visual Investigations do New York Times: a reportagem sobre a unidade russa que matou dezenas em Bucha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profº. Drº. Marcelo Ruschel Träsel

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. Marcelo Ruschel Träsel - UFRGS
Orientador

Profº. Drº. Felipe Moura de Oliveira - UFRGS
Examinador

Profº. Drº. Fabiana Freitas - UFRGS
Examinadora

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime.

Denunciemo-lo.

Euclides da Cunha

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a meus pais por todo o apoio e os ensinamentos que me foram passados não só durante esta graduação, mas em toda a vida. Sem seu esforço, seria incapaz de me mudar para estudar em outra cidade e seguir a carreira que sonho. Também ao meu irmão, Yuri por seus conselhos sobre este momento da vida e a meus sobrinhos Amanda e Rafael que, apenas por sua alegria, me foram de grande ajuda em momentos difíceis da escrita deste texto.

Ao meu orientador, Marcelo Träsel, por seu apoio fundamental e influência na escolha do tema para esta pesquisa; ao meu examinador, Felipe de Oliveira, que acompanhou e aconselhou mesmo durante a graduação, sendo fundamental para a obtenção de meu intercâmbio; assim como à minha examinadora, Fabiana, pela constituição da banca e leitura do trabalho. Também agradeço à UFRGS, ao La Salle Caxias, e a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada.

A jornalista Barbara Marcolini, que não só aceitou ser entrevistada, como me aconselhou sobre futuros passos no jornalismo; assim como aos jornalistas Malachy Browne, Masha Froliak e Yousur Al-Hlou que, fizeram-me sentir honrado apenas por participar de alguns minutos de suas ocupadas rotinas como jornalistas de um dos maiores jornais do mundo. A todos eles, também agradeço pelos conhecimentos e esclarecimentos sobre algumas das centenas de dúvidas que nutria sobre seu trabalho.

Também a meus colegas do Correio do Povo que me ajudaram durante estes meses em que me restava pouca disposição para a realização das tarefas do estágio, podendo os ter sobrecarregado, nominalmente Camila, Itamar, Nereida, Patrícia e Thaise. Assim como a meus colegas da universidade que me ajudaram em situação semelhante, com destaque para Flávia ajudou também com ideias e sugestões para o texto.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo a análise do papel das técnicas de jornalismo Open Source na apuração da reportagem intitulada “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”, produzida pela equipe de Visual Investigations (VI) do New York Times. Para tanto, foi executada uma pesquisa qualitativa, utilizando da técnica de entrevista em profundidade com quatro jornalistas que trabalharam na equipe ou diretamente na realização do projeto, com foco na rotina produtiva da apuração. A partir da contextualização realizada por meio do resgate histórico do movimento Open Source, das pesquisas com uso de Osint e do jornalismo investigativo, buscou-se entender as principais técnicas de Open Source Intelligence (Osint) utilizadas pela equipe do NYT; avaliar a eficácia dessas técnicas em relação às abordagens tradicionais de jornalismo e examinar como a equipe incorporou essas técnicas na reportagem. A partir das respostas obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, conclui-se que o uso de apuração Open Source nesta reportagem foi comparativamente menor do que a equipe costuma aplicar, mas que, mesmo assim, foi responsável por permitir a obtenção de informações que seguiriam veladas se tais técnicas não fossem aplicadas. Além disso, foi destacado que o ímpeto dos jornalistas entrevistados em cobrir eventos que tensionam ou violam os direitos humanos, é a responsabilização dos criminosos. Por fim, foram explicitados e elencados diversos dos processos e decisões tomadas pelos jornalistas envolvidos na produção desse vídeo, desde técnicas convencionais e consolidadas, quanto experimentais e inovadoras.

Palavras-chave: jornalismo investigativo; Osint (Open Source intelligence); New York Times (NYT); pesquisa qualitativa; verificação.

ABSTRACT

The aim of this research paper is to analyze the role of Open Source journalism techniques in investigating the story entitled “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”, produced by the New York Times Visual Investigations (VI) team. To this end, qualitative research was carried out, using the technique of in-depth interviews with four journalists who worked on the team or directly on the project, focusing on the productive routine of the investigation. Based on a historical overview of the Open Source movement, research using Osint and investigative journalism, the aim was to understand the main Open Source Intelligence (Osint) techniques used by the NYT team; to assess the effectiveness of these techniques in relation to traditional journalism approaches and to examine how the team incorporated these techniques into their reporting. Based on the responses obtained through semi-structured interviews, it was concluded that the use of Open Source investigation in this report was comparatively less than the team usually applies, but that, even so, it was responsible for allowing information to be obtained that would have remained veiled if such techniques had not been applied. In addition, it was pointed out that the impetus for the journalists interviewed in covering events that tension or violate human rights is to hold the criminals accountable. Finally, the following were explained and listed, ranging from conventional and consolidated techniques to experimental and innovative ones.

Keywords: New York Times (NYT); investigative journalism; osint (Open Source intelligence); qualitative research; verification.

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	9
2 - O movimento Open Source.....	12
2.1 - Open Source intelligence (Osint).....	15
3 - Jornalismo, investigação e conflitos armados.....	22
3.1- Jornalismo Open Source.....	27
3.1.1 - Cooperação.....	28
3.1.2 - Transparência.....	31
3.2 - O que as Visual Investigations usam para gerar credibilidade aos seus vídeos.....	36
4 - A Osint no núcleo de Visual Investigations do New York Times.....	39
4.1 - Procedimentos metodológicos.....	43
4.2 - Análise das entrevistas.....	48
4.2.1 - Definição da abordagem da pauta e o modelo de trabalho.....	49
4.2.2 - Apuração dos responsáveis pelos assassinatos.....	54
4.2.2.1- Ligações e números de telefone.....	54
4.2.2.2 - Apuração usando Osint para identificar os veículos.....	63
4.2.2.3- Reportagem Assistida por Computador (RAC).....	67
4.2.3 Discussão.....	70
5 - Considerações finais.....	72
Referências bibliográficas.....	75
Apêndice A - Entrevista - Barbara Marcolini.....	78
Apêndice B - Entrevista - Malachy Browne - Visual Investigations.....	91
Apêndice C - Entrevista - Masha Froliak - Departamento de Vídeo.....	103
Apêndice D - Entrevista - Yousur Al- Hlou - Departamento de Vídeo.....	108

1 - Introdução

O presente trabalho se propõe a analisar o papel das técnicas de jornalismo Open Source na apuração da reportagem¹ que permitiu a equipe de *Visual Investigations* (VI) do New York Times a identificação dos responsáveis pelo massacre de civis desarmados em Bucha, no âmbito da invasão russa da Ucrânia. Pretendemos responder qual foi a relevância da aplicação de técnicas do jornalismo *Open Source* no âmbito das *visual investigations* para a viabilizar a apuração de informações que não seriam possíveis sem elas e em permitir a narrativização dos eventos do massacre.

O que o jornal estadunidense chama de *visual investigations* se diferencia do jornalismo *Open Source clássico*. Porém, dividem certas características e qualidades que os torna uma forma quase que única de fazer jornalismo, mas que ainda se encontra longe do conhecimento e estudo da maioria. Mesmo que jovem, sendo praticado desde o final da década de 1990, o jornalismo *Open Source* já adquiriu alguns estigmas, mas a experiência americana prova que ele pode ser apresentado de formas palatáveis para o grande público. Termos em inglês e linhas de programação são algumas das primeiras imagens que surgem ao tratar de jornalismo *Open Source*, possivelmente por sua origem ligada a engenharia ou sua recente existência, muitos dos jornalistas tem pouca relação ou mesmo interesse pelo assunto. Por tudo isso, observo que há uma abundância de informação inexplorada ou subexplorada, que merece ser vista pelo público.

Além do citado, a reportagem “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”, foi a vencedora do prêmio Pulitzer de reportagem internacional em 2023, assim como indicado ao Prêmio Emmy do mesmo ano. Nestas premiações, a obra concorreu, e ganhou, de diversas outras que abordam o mesmo massacre. Além das premiações, essa reportagem em específico se diferencia das agora consolidadas *Visual Investigations*, iniciadas em 2016 e premiadas nos últimos anos, como no caso do bombardeio do governo sírio com gás cloro em Douma, na síria; o constante bombardeamento de hospitais civis pela força aérea russa, na Síria; a reconstrução da morte de George Floyd; e a reconstrução da invasão do Capitólio por apoiadores do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Entre elas, apenas na plataforma YouTube, algumas contam com mais de oito milhões de visualizações e, a reportagem que é parte do objeto desta pesquisa conta com mais de 1,5 milhões de visualizações. As diversas conquistas da obra e a ampla exposição dela já poderiam, por si só, justificar a pertinência de sua análise, contudo, há também relevância pessoal. Tendo

¹ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/12/22/video/russia-ukraine-bucha-massacre-takeaways.html>>

acompanhado as reportagens publicadas por este núcleo desde 2018, o realizador deste estudo as tem como referência em qualidade, relevância e inovação na apuração e apresentação de conteúdo jornalístico desde antes do início de sua graduação como jornalista.

A reportagem alvo desta análise conta com uma alta carga de apuração realizada de forma *convencional*, e não usando imagens Open Source como as captadas por testemunhas oculares, por exemplo, assim invertendo a lógica de como costumam ser apuradas e apresentadas tais reportagens. Com todo o citado, a análise deste estudo se justifica devido à relevância e visibilidade que recebe este jornalismo inovador, além das características únicas desta reportagem em específico quando comparado com os demais realizados pelos mesmos jornalistas. Quanto às diferenças de língua em que foi publicada a reportagem e em que esta pesquisa se apresenta, esse intercâmbio de culturas se justifica pelo momento atual de globalização e, na plataforma YouTube, podem ser ativadas legendas em português que possibilitam a compreensão do conteúdo apresentado. Já sobre o apontamento de que tal reportagem não se destina ao público brasileiro, este estudo entende que, da mesma forma que crimes contra a humanidade afligem a todos, reportagens que as denunciam e estudos que ajudam a esclarecer como estas foram feitas também podem ser destinadas a todos.

Com isso em vista, foram definidos os objetivos de 1) entender quais são as principais técnicas de Osint utilizadas pela equipe do NYT; 2) Ponderar a efetividade do uso destas técnicas quanto a impossibilidade de chegar às mesmas informações através de técnicas do jornalismo tradicional; 3) Avaliar como a equipe escolheu apresentar estas técnicas no vídeo em meio a outras nuances da apuração. Para entender como as técnicas de Open Source foram aliadas a outras convencionais do jornalismo, entrevistamos as jornalistas Masha Froliak e Yousur Al-Hlou, que fizeram três viagens para a apuração da pauta em Bucha; o produtor sênior e cofundador da equipe, Malachy Browne; e a ex-integrante do núcleo, Barbara Marcolini.

Este estudo começa por uma pesquisa bibliográfica versando sobre a história do movimento Open Source e como este ressignificou processos de apuração de informações amplamente disponíveis para serem captadas por qualquer cidadão. Além disso, tal movimento acrescentou ao fenômeno uma influência sociológica comum ao início do século, com valores enxertados da ciência da computação e da engenharia de software, possibilitando novos modelos de trabalho que envolvem diretamente a comunidade e destacam valores como cooperação e transparência.

Na sequência, aborda como estes conceitos foram adaptados ao jornalismo, sendo também um dos responsáveis pela digitalização e informatização desta área de atuação profissional. Passando por uma rápida recuperação histórica sobre o jornalismo investigativo e

delimitando o que o difere de outras *formas* de jornalismo. Com isso, também delimitados que, mesmo em um ambiente de guerra, nem todo o jornalismo realizado corresponde à “correspondência de guerra”, com a delimitação de *jornalismo investigativo* residindo nas metodologias empregadas e não no ambiente. Depois, destacamos os valores de verificação e cooperação devido à grande importância dada a estes pelo movimento Open Source e, por fim, nos aproximamos do objeto deste estudo investigando o que as reportagens anteriores das Visual Investigations costumam usar para gerar credibilidade aos seus vídeos.

Em seguida, este estudo explica o porquê da escolha de metodologia de entrevista, assim como justifica seu uso nas pesquisas acadêmicas de áreas como as ciências humanas e a comunicação. Segue, discorrendo sobre a história de criação e os princípios de atuação da equipe de visual investigations do NYT, assim como as funções desempenhadas pelos profissionais que atuaram na produção do vídeo sob análise. Por fim, destaca a atuação e relevância da escolha de cada um dos entrevistados no estudo, assim como explicita como estas foram realizadas.

Dentro da mesma seção, o estudo destaca os momentos em que técnicas de apuração do jornalismo Open Source foram aplicadas na reportagem, por meio das declarações e informações passadas pelos entrevistados. Desta forma, o conteúdo das entrevistas é apresentado e, ao mesmo tempo, analisado sob sua relevância para os três objetivos definidos para esta pesquisa. O capítulo é finalizado com a discussão, ponderando sobre a efetividade do uso destas técnicas quanto à impossibilidade de chegar às mesmas informações através de técnicas do jornalismo tradicional e avaliando como a equipe escolheu apresentar o uso delas no vídeo em meio a outras nuances da apuração. Concluiu-se que a apuração Open Source apareceu em menor quantidade nesta reportagem quando comparado com as demais realizadas pelo grupo, mas que, mesmo assim, foi agente em permitir a obtenção de informações que seguiriam veladas se tais técnicas não fossem aplicadas. Além disso, foi destacado que o ímpeto dos jornalistas entrevistados em cobrir eventos que tensionam ou violam os direitos humanos, é a responsabilização dos criminosos.

No quinto capítulo, estão disponíveis as considerações finais do pesquisador a partir das pesquisas, entrevistas e análises realizadas por ele. Seguido pelas referências bibliográficas que permitiram a contextualização e o aprendizado de conceitos e conteúdos basilares para esta pesquisa. Por fim, a íntegra das entrevistas, no idioma em que foram realizadas, se encontra disponível no sétimo e último capítulo deste estudo (como transcritas pelo Pinpoint).

2 - O movimento Open Source

A história do movimento *Open Source* se confunde com a história da internet. O primeiro momento de que se tem registro em que algo próximo do que conhecemos hoje como internet se trata de uma série de memorandos escritos por J.C.R. Licklider do MIT, em agosto de 1962, discutindo seu conceito de “Rede Galáctica”². A proposta do pesquisador consiste em “um conjunto globalmente interconectado de computadores por meio do qual todos poderiam acessar rapidamente dados e programas de qualquer site” (LEINER, et al., 2009, p. 23)³.

A rede que havia sido proposta e, posteriormente, criada para permitir a comunicação e trocas de arquivos entre universidades nos Estado Unidos ainda nos anos 1960, sofreu outra grande mudança nos anos 1980 com a chegada da tecnologia Ethernet. Bob Metcalfe, ao desenvolver esta tecnologia ainda em 1973, permitiu a transição de uma lógica de várias redes que ligavam poucos computadores, para uma rede única que ligava a grande maioria das máquinas e, por consequência, dos usuários. Nesta década tem início o fenômeno dos *Computadores Pessoais* e das redes privadas locais⁴ (LANs), que “permitiu à nascente Internet florescer” (LEINER et al., 2009, p. 26). A este fenômeno puramente tecnológico, soma-se a tendência comportamental dos anos 1970 no mesmo país, quando surgia a “cultura da liberdade” (BRAMBILLA, 2006) que, mesmo que anterior ao boom da internet, já marcava seu espaço no ambiente social. Outra variável social que merece destaque nesta discussão é a *cultura hacker*, que pode, em algum nível, ser apontada como uma mistura das variáveis citadas anteriormente. A transparência, um valor fundamental da ética hacker, está estreitamente vinculada à liberdade de informação, como apontado por Träsel (2018). Esse conjunto de valores éticos e da cultura hacker também se estende para além dos profissionais de tecnologia, encontrando expressão entre jornalistas especialistas em dados.

Um ideal de troca de conhecimentos com maior liberdade que a lógica anterior e uma visão de comunidade são conceitos que, como visto anteriormente, nascem com os primeiros teóricos e pesquisadores da internet. Contudo, atinge um caráter definitivo na cultura do modelo aberto (*Open Source*); que estenderá suas características ao jornalismo, mas que primeiro esteve presente na engenharia de software e na computação.

Para entender esse fenômeno, há de se entender o sistema de produção comum às sociedades capitalistas do ocidente. Um sistema que exemplifica tal lógica é o sistema de

² No original: Galactic Network

³ No original: A globally interconnected set of computers through which everyone could quickly access data and programs from any site.

⁴ No original: Local Area Network.

patentes, ao qual o *Open Source* é, comumente, interpretado como oposto. Em resumo, o sistema moderno de patentes têm origem que remonta ao século XV (FEDERICO, 1929) e trabalha como um acordo comum entre todas as pessoas que produzem inovação, em qualquer das áreas do conhecimento, de que o primeiro a ter uma ideia — ou a registrá-la formalmente perante a sociedade — passa a deter sua propriedade, assim como a exclusividade de exercer uso comercial desta.

Contudo, ao se referir ao *Open Source* (código aberto) em áreas da computação, seu sentido está atrelado aos programas de computador que têm seu *código aberto*. Tal sistema pode ser mais facilmente explicado se analisado como antagônico aos sistemas *closed source* (código fechado); mais próximo às patentes. Enquanto este tem uma lógica muito próxima à produção industrial de que estamos acostumados, aquele permite que todos que se interessem pelos códigos usados tenham acesso a estes e os manipulem — com algumas restrições de que trataremos adiante.

Os sistemas de código fechado costumam ter como principal objetivo de existência a futura comercialização de um produto específico. Produtos com processos de fabricação bastante conhecidos com um mercado com grande variedade de marcas e produtos, como cervejas, por exemplo, tem pequenas diferenças entre os ingredientes e os processos de fabricação de cada um dos rótulos. Desta forma, manter sob sigilo quais são estes detalhes é parte importante da concorrência franca e da busca pela preferência de clientes neste mercado. Este modelo de trabalho é denominado por Raymond (2002) como “catedral”⁵: uma empresa zela por manter sob sigilo de toda e qualquer pessoa que não pertença a seu núcleo de colaboradores os planos e projetos de que usa para atingir um produto final.

Já o modelo *Open Source* tem como seu principal exemplo o desenvolvimento do sistema operacional *Linux*. Produzido continuamente desde a década de 80, o sistema operacional foi construído em uma lógica de trabalho diferente batizada por Raymond (2002), como “bazar”⁶, em oposição à anterior (catedral).

É caracterizado por uma transferência de conhecimento não comercial e não contratual entre atores, compartilhando informações relevantes com um conjunto indefinido de outros atores sem qualquer recompensa imediata. Os atores compartilham suas ideias com o propósito claro de contribuir para um desenvolvimento conjunto (BALKA et al., 2009, p. 3, tradução nossa)⁷.

⁵ No original: Cathedral.

⁶ No original: Bazaar.

⁷ No original: Characterized by a non-market, non-contractual transfer of knowledge among actors, sharing relevant information with a non-definite set of other actors without any immediate recompense. Actors share their ideas with the clear purpose of contributing to a joint development.

Tal modelo é a uma estrutura de trabalho horizontal de produção com ampla contribuição do público. A lógica permite que outras pessoas, além das que desenvolveram os códigos destes programas, possam analisar e mudar as linhas escritas. Em resumo, qualquer pessoa que disponha dos conhecimentos e capacidade técnicas necessárias para programar a partir do trabalho feito anteriormente por outro programador pode acessá-lo e propor mudanças nas linhas já escritas ou a adição de novas — note que, mesmo com essa abertura, existe ainda uma “barreira de técnica” (ou de entrada) que, nesse caso pode ser de origem informacional (saber programar), de acesso (saber como chegar até esses arquivos) ou de computação (possuir um computador potente o suficiente). O Linux é, portanto, um perfeito exemplo de um modelo *Open Source*.

Dessa forma, o desenvolvimento deste software — de diversos outros e de demais produtos realizados em processo semelhante — conta com uma estruturação semelhante a um fórum, em que os presentes recebem um conteúdo inicial proposto por um dos presentes, que pode ser avaliado e corrigido ou melhorado pelos demais. Esse processo carrega algumas vantagens notáveis que são até mesmo de senso comum, como o raciocínio de que diversas pessoas cooperando e somando seus conhecimentos desempenham melhor que um ator isolado. Mais a fundo, essa lógica conta com dois valores que merecem destaque já que, dada a constituição do sistema, são inerentes a ele: cooperação e transparência. Dada a necessidade de haver vários atores e a necessidade de comunicação entre eles, a cooperação é indispensável. Essa característica resulta em um fenômeno — também característico da produção de ciência do momento atual — que consiste na cooperação de atores com formação em diversas áreas do conhecimento. Ou mesmo quando todos os atores são de uma área de estudo semelhante, o modelo consegue gerar cooperação entre pessoas de diferentes parte e de culturas diferentes. Já a transparência é também elementar, já que, esconder informações dos demais colaboradores é contrassenso e, em diversos exemplos, inviabilizaria a existência do próprio sistema de trabalho — No exemplo dos softwares, os códigos da programação precisam ser compartilhados em sua totalidade, já que não funcionam separadamente.

No exemplo do Linux, cabe a Linus Torvalds, criador do sistema operacional, a chancela das alterações. O criador do sistema operacional, veta qualquer alteração no código central do programa, sem o qual ele não funciona, conhecido como *kernel*. De forma aparentemente paradoxal, a existência de uma autoridade máxima que regula as características dos códigos basilares do sistema é o que o faz se manter livre. Ou seja, neste tipo de sistema horizontal, a hierarquia não deixa de existir, mas tem um caráter de manutenção do mínimo para mantê-lo funcionando e livre, já que evita mudanças que poderiam torná-lo desacreditado, vandalizado ou que alterassem a ordem da estrutura em que funciona (BRAMBILLA, 2006).

Além disso, com a vagarosa chegada dos computadores pessoais a mais e mais lares nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, surgem de arrasto iniciativas que, para o jornalismo, serão igualmente importantes as funcionalidades da tecnologia. Iniciativas que flexibilizam ou relativizam a detenção de direitos autorais e de propriedade intelectual como a *Open Source Initiative* (OSI), a General Public License (GPL), Creative Commons (CC), Copyleft — assim como a lei do *uso justo*⁸ — vão permitir respaldo jurídico e moral para o surgimento de práticas da comunicação digital e ao modelo *Open Source* (BRAMBILLA, 2006). Em comum, as iniciativas têm sua derivação filosófica da sociedade informacional (Castells, 2000). O autor afirma que a internet, diferente de outras tecnologias da comunicação desenvolvidas anteriormente, como telégrafo ou telefone, seria responsável por uma grande ruptura social e o nascimento de uma *sociedade informacional* que agregaria uma série de benefícios e tensionaria dogmas e conceitos enraizados na sociedade anterior.

A partir das iniciativas que partem da sociologia de Castells, ocorre a disputa entre os defensores do “Movimento do software livre” e da “*Open Source Initiative* (OSI)”. “Enquanto os seguidores da Free Software Foundation trabalham a ideia de movimento social, os adeptos da *Open Source Initiative* acentuam o caráter técnico e mercadológico do produto de código-fonte aberto” (BRAMBILLA, 2006, p. 62). Turner (2005) ratifica a interpretação de movimento social ao afirmar que a motivação para projetos de código aberto reside na busca pelo bem comum e em interesses da comunidade do que no lucro. O próprio sistema operacional Linux é coberto pela GNU Free Documentation License — que tem como principal patrocinador a Free Software Foundation —, o que significa que qualquer usuário com os meios para isso pode baixá-lo da internet, instalá-lo e usá-lo, como preferir. Essa licença difere de outros sistemas operacionais concorrentes como o Windows e o IOS, que são proprietários de Microsoft e Apple, respectivamente, e vendidos como um pacote — sem o acesso às linhas de programação. A discordância citada acima se mostra relevante para a análise futura por que, como será mostrado a seguir, o modelo utilizado pelo New York Times carrega características importantes de ambas as correntes.

O mais conhecido dos exemplos que envolve a Free Software Foundation e essa premissa de movimento social da iniciativa é a Wikipédia. A organização se propõe a democratizar o acesso ao conhecimento por meio de uma lógica de trabalho horizontal — semelhante à proposta por Raymond (2002). Todo o conteúdo presente no site é coberto pela GNU ou pelas Licenças

⁸ Disponível em: <<https://fairuse.stanford.edu/overview/fair-use/what-is-fair-use/>>

Creative Commons. A própria definição da iniciativa é feita horizontalmente, por meio de voluntários e com base em outras informações disponíveis para serem checadas pelo público:

A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa. Foi lançado em 2001 por Jimmy Wales e Larry Sanger e é atualmente administrado pela Fundação Wikimedia (organização sem fins lucrativos que engaja pessoas para desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público e para disseminá-lo globalmente), integrando vários projetos mantidos pela fundação. [...] Quase todos os verbetes presentes no sítio eletrônico podem igualmente ser editados por qualquer pessoa com acesso à internet e que possua um endereço eletrônico. Esta enciclopédia tornou-se a maior e mais popular obra de referência geral na internet. ⁹(WIKIPÉDIA, 2023)

A apresentação traz 227 referências para artigos ou estudos e cita, inclusive, críticas relacionadas à iniciativa, como as acusações de apresentar sistematicamente vieses em relação a gênero e ideologia, além de ser visto como fonte pouco confiável de informações e propenso a vandalismo.

2.1 - Open Source intelligence (Osint)

A condensação de emissor e receptor anunciada por Castells (2000) e a afirmação de Turner (2005) em relação às motivações dos projetos Open Source carregam em si um notável otimismo comum aos primeiros anos deste século em relação às capacidades da internet e do movimento na totalidade. Como citado anteriormente, a principal raiz do movimento *Open Source* como conhecemos hoje remonta à lógica de trabalho definida por Raymond (2002). Contudo, há outro espectro que merece ser analisado: a Osint e os serviços de inteligência.

Osint é a sigla em inglês para *Open Source Intelligence*. A tradução direta para o português resultaria em algo como “Inteligência de código aberto”, contudo, neste estudo optamos por tratá-la como “informações de código aberto”, já que, mesmo em inglês, *intelligence* não se refere à capacidade cognitiva, mas sim ao ato de recolher informações e dados. A diferença em relação a outras formas de obtenção de recursos é que essa tem como princípios a compilação de informações que estejam livremente disponíveis para o público.

Um grande exemplo de Osint é a utilização dos jornais de grande circulação, para o uso do “clipping”, prática da profissão que consiste em reunir as publicações que tratam do mesmo acontecimento ou assunto, para verificar se as informações publicadas por um jornal estão sendo respaldadas pelos outros, por exemplo. Diferentemente de outras formas de recolhimento de informações, Osint se refere a dados e informações que foram tornadas públicas e que podem ser livremente acessadas por qualquer cidadão.

⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>

Agora, vale ressaltar a diferença entre o movimento *Open Source*, analisado anteriormente, e Osint: Osint é parte do movimento *Open Source*, contudo, a filosofia seguida pelo movimento só pode ser desenvolvida a partir das experiências da Osint. A palavra *Open Source*, no jornalismo, está muito mais ligada ao movimento do início dos anos 2000 e de valores como a cooperação e a transparência. Já Osint, é um conceito mais amplo e está ligada a sua origem militar.

A tradição militar da Osint é indispensável para seu estudo. Sabe-se que durante os anos 1930, diversos governos mundiais investiram em iniciativas de espionagem e contra-espionagem. O Escritório de Serviços Estratégicos (OSS)¹⁰, predecessor da atual CIA dos Estados Unidos, é a agência desse ramo de que se tem mais informações sobre sua criação e atuação. Stephen Mercado (2004), um oficial aposentado da *Open Source Enterprise* da CIA (originalmente o Serviço de Informações de Transmissão Estrangeira)¹¹, define as técnicas de *Open Source* usadas nos anos 2000 — por meio da internet — como “apenas os mais recentes desenvolvimentos em uma disciplina de coleta de dados cujos pioneiros começaram a desenvolver o campo no final dos anos 1930” (MERCADO, 2004, p. 45, tradução nossa)¹².

As técnicas aplicadas naquela época se dividiram em duas abordagens ligadas aos meios nos quais estavam as informações: o escritório responsável por monitorar transmissões de rádio AM partindo da Europa, o Foreign Broadcast Intelligence Service (FBIS), em 1941; e o responsável pela aquisição de periódicos publicados em diversos países do mundo — aliados, inimigos e neutros —, o Interdepartmental Committee for the Acquisition of Foreign Periodicals (IDC). “Os homens e mulheres que trabalhavam nos campos de OSINT da época produziam produtos que se comparavam em quantidade e qualidade aos de outras agências que carimbavam seus documentos como ‘secretos’” (MERCADO, 2004, p. 45, tradução nossa)¹³.

O resgate até as raízes da Osint se mostra importante para atingir a dimensão de que este tipo de informação é muito anterior à internet e ao digital. Além disso, se mostra relevante porque muitas das matérias nas quais este tipo de informação tem sido usada no jornalismo

¹⁰ No original: Office of Strategic Services (OSS)

¹¹ No original: Retired officer of the CIA’s Open Source Enterprise (originally the Foreign Broadcast Information Service)

¹² No original: Only the latest developments in a collection discipline whose pioneers began developing the field in the late 1930s.

¹³ No original: The men and women who labored in the OSINT fields of the day produced products that compared well in quantity and quality to those of other agencies that stamped their documents ‘SECRET’.

Disponível em: <https://www.cia.gov/static/Sailing-the-Sea-OSINT.pdf> ou <https://www.cia.gov/resources/csi/studies-in-intelligence/archives/vol-48-no-3/sailing-the-sea-of-Osint-in-the-information-age/>

recente envolvem, em alguma medida, conflitos armados ou confrontos bélicos de algum tipo, sendo um exemplo desta observação o vídeo que será analisado nesta pesquisa.

“Por décadas, o mundo do *Open Source* (em um contexto de análise de governos) entrou em um sono profundo, imperturbável pela Guerra Fria ou mesmo pelos ataques de 11 de setembro” (COLQUHOUN, 2016, tradução nossa)¹⁴. Cameron Colquhoun, gerente de uma corporação especializada em produzir investigações usando informações *Open Source* sobre aspectos como geopolítica e riscos cibernéticos, aponta que no período posterior à Segunda Guerra Mundial, o investimento em dados abertos ficou estagnado. “Após a Segunda Guerra Mundial, a disciplina de OSINT tornou-se um remanso da maioria das agências governamentais e militares, composta por bibliotecários e pesquisadores de carreira” (COLQUHOUN, 2016, tradução nossa). Segundo ele, porque os estados nacionais aumentaram os investimentos em métodos como espionagem, mas também pelo desinteresse de novos pesquisadores.

Nic Newman (2009) observa que as redes sociais¹⁵ são as responsáveis pela mudança nessa lógica e a aproximação do uso de Osint que conhecemos hoje. O “Movimento Verde” (Primavera Persa), ou “revolução do Twitter”, como foi posteriormente apelidado pela mídia ocidental, é apontado pelo jornalista como um ponto de inflexão na disponibilidade de conteúdo *Open Source*. O conflito pode ser resumido como uma série de protestos — que começaram pacíficos, mas que se tornaram violentos — ocorridos no Irã após suspeitas de corrupção nas eleições presidenciais de 2009, cujo resultado oficial foi uma sonora vantagem para a reeleição de Mahmoud Ahmadinejad.

Naquele momento, milhões de iranianos usavam as redes para coordenar atividades, compartilhar conteúdo e encorajar outros a se juntarem aos protestos. Qualquer cidadão com acesso à internet poderia usar as redes sociais para publicar informações úteis (no mesmo sentido de compilação de dados citado anteriormente).

Pela primeira vez, a Internet foi inundada com informações dos cidadãos sobre um acontecimento político importante, em grande parte graças à combinação de smartphones, ligações à Internet e redes sociais. Durante a primeira semana de protestos, 60% de todos os links de blogs publicados no Twitter eram sobre política iraniana (COLQUHOUN, 2016)¹⁶.

¹⁴ No original: For decades, the world of Open Source (in a Government analysis context) went into a deep sleep, undisturbed by the Cold War or even 9/11. Disponível em:

<<https://www.bellingcat.com/author/cameron-colquhoun/>> Acesso em: 20 de julho de 2023.

¹⁵ *Redes sociais* é o termo comumente usado para se referir às plataformas digitais que permitem a criação de um cosmos digital.

¹⁶ No original: For the first time, the internet was flooded with citizen information about a major political event, largely thanks to the combination of smartphones, internet connections and social media. During the first week of the protests, 60% of all blog links posted on Twitter were about Iranian politics.

Segundo as observações de Newman, “as consequências das eleições iranianas em junho de 2009 forneceram mais provas convincentes do poder das imagens geradas pelos usuários” (NEWMAN, 2009, p. 24)¹⁷. As imagens “user-generated”, às quais Newman se refere, carregam uma óbvia consonância com a sociedade informacional de Castells, não só em relação à produção destas imagens (gravadas em sua maioria pelos celulares ou câmeras portáteis dos próprios protestantes), mas também pelo fato de estas chegarem ao conhecimento de jornalistas por meio das redes sociais. Essas imagens, aliadas às redes sociais, são um exemplo claro da condensação de que trata o autor — os dois aspectos são necessários, ao mesmo tempo, para poderem ser classificadas dentro deste conceito.

Um dos principais pontos relacionados à comunicação na teoria da *sociedade informacional* de Castells (2000), trata da interpretação de que essa sociedade possibilitaria a condensação de *emissor e receptor*, permitindo que criador e público sejam a mesma pessoa. Essa preocupação, que já nasce firmemente ligada à comunicação, levanta ainda questões relevantes à produção destes dados, como a cristalização de vieses e implicações éticas nessa produção difusa de conteúdo: mesmo que sua abordagem seja, em linhas gerais, otimista, o autor se mostra preocupado com as possibilidades de criação de narrativas e notícias falsas neste âmbito.

Os avanços da Osint para uso jornalístico se mostraram pequenos na segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI. A tecnologia recente migrou para uma “miniaturização dos equipamentos”¹⁸, como é notável ao comparar os tamanhos de computadores, câmeras e microfones de hoje com os do início do século — cabe ressaltar que esse fenômeno não travou o avanço de aspectos como qualidade ou confiabilidade da tecnologia. A quantidade de câmeras, de qualquer natureza e instaladas para qualquer propósito, é imensamente maior que a disponível há 30 anos; dessa forma, estatisticamente, a possibilidade de que essas imagens acabem por ser de livre acesso ao público (*Open Source*), ao mesmo tempo que relevantes, é muito maior.

Nos anos seguintes, manifestações que usavam as redes sociais como meio de organização se espalharam por todo o mundo árabe, no âmbito da “Primavera Árabe”. “A combinação de raiva do público, smartphones e mídias sociais abalou as ditaduras no norte da África e no Oriente Médio” (COLQUHOUN, 2016). Mesmo o Brasil vivenciou movimentos

¹⁷ No original: The aftermath of the Iranian elections in June 2009 provided further compelling evidence of the power of user-generated footage, [...].

¹⁸ Definido pelo Cambridge Dictionary como “o processo de fabricação de algo muito pequeno usando tecnologia moderna”. Tradução nossa. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/miniaturization>

semelhantes ao ocorrido no Irã — se não pelos motivos, mas pelas formas de organização. Naquele momento de agitação política da juventude mundial, os movimentos de “ocupação global”, como ficaram conhecidos os movimentos ocorridos a partir do Occupy Wall Street. As *jornadas de junho* de 2013 foram os eventos nacionais.

Boa parte dessas mobilizações é articulada pelas redes digitais, as narrativas são produzidas *in loco* pelos próprios participantes e o que é veiculado pela imprensa gera uma grande e instantânea discussão pública, com muitas contestações aos enquadramentos articulados (OLIVEIRA, 2016, p. 85).

Além da força *irrefutável* das imagens geradas pelo próprio público, os protestos também evidenciaram uma disputa entre um governo determinado a restringir o acesso à informação, e uma aliança de jornais, emissoras e cidadãos que buscavam utilizar as novas tecnologias para divulgar as informações nas redes sociais (NEWMAN, 2009, p. 24, tradução nossa)¹⁹. Já em 2010, ocorre o caso que catapultou o Wikileaks ao conhecimento do grande público: “Collateral Murder”²⁰, publicado em 5 de abril de 2010, conta com duas versões do mesmo vídeo, que mostram com clareza como mais de uma dezena de pessoas foram mortas “indiscriminadamente” em New Baghdad, no Iraque, em 2007. O vídeo é gravado pelo próprio helicóptero estadunidense que faz os disparos contra os civis em solo e acompanha com precisão onde o artilheiro da aeronave mirava enquanto disparava — a gravação era, obviamente, confidencial às forças armadas dos Estados Unidos. Um funcionário da Reuters e seus socorristas foram executados, e duas crianças foram feridas; nenhum destes representava perigo para os tripulantes.

O caso citado é um sonoro exemplo de como informações *Open Source* podem não ser concebidas como abertas ao público, mas passarem a essa condição ao serem publicadas desta forma. Estima-se que o soldado estadunidense Bradley Manning²¹ (hoje Chelsea Manning) tenha vazado cerca de 700 mil documentos confidenciais para o site Wikileaks, que os checou e publicou²². Manning, sendo o responsável por vazarem os documentos confidenciais, atuou como denunciante — no jargão jornalístico estadunidense, *whistleblower*. Essa lógica se estende a outros conteúdos como imagens de câmeras de segurança, imagens de satélite, transmissões de rádio, mensagens de aplicativo e dezenas de outros recursos. Sem dúvidas, somam-se a essas as informações presentes em perfis nas redes sociais ou semelhantes, que podem não ter a intenção

¹⁹ No original: [...] but it also highlighted a battle of wills between a government determined to restrict access to information, and an alliance of newspapers, broadcasters and Iranian citizens equally determined to use new technology to get the story out.

²⁰ <https://collateralmurder.wikileaks.org/>

²¹ Disponível

em: <<https://www.justiceinitiative.org/litigation/united-states-v-private-first-class-chelsea-manning>>. Acesso em 03 de agosto de 2023.

²² Como este caso se difere de outras ocorrências de vazamentos de documentos para a mídia, será abordado em detalhes no próximo capítulo.

de “compartilhamento de informações”, mas que o fato de serem facilmente acessadas é de maior ou menor conhecimento dos publicadores.

Tanto em relação às imagens *user-generated* quanto aos vídeos vazados ou a qualquer outra forma de vídeo, vale ressaltar a estratégia de *video first* que as redes sociais imprimem: em 2016, Mark Zuckerberg, hoje dono de diversas redes sociais digitais, sob o nome “Meta”, deixava muito clara a vontade de que suas redes investissem em potencializar a produção e divulgação de vídeos. Como parte desta política, mudanças claras como o fato de os vídeos começaram a tocar sozinhos quando aparecem na *timeline* do usuário, mesmo que sem som, deixam clara a vontade de que os usuários os assistam. “Não é o tipo de experiência de vídeo tradicional. Na verdade, é uma experiência mais social”²³, afirmou em uma reunião com acionistas. Sem grande confirmação pública, conjectura-se que o motivo para essa política seja principalmente comercial: as redes sociais são financiadas por anunciantes e, historicamente, anúncios que condensam imagem e som tem maior custo agregado para veiculação, quando comprados com anúncios “estáticos” em páginas em que texto ou áudio predominam. Também se imagina que os algoritmos destas redes impulsionem os conteúdos em vídeo em detrimento de conteúdos escritos. Essa política, aliada às demais nuances já comentadas, pode ter ajudado a aumentar a disponibilidade de vídeos, de qualquer tipo ou origem, nas redes.

No âmbito deste estudo, entenderemos Osint a partir da definição ampla de técnicas de coleta de informações que podem ser livremente acessadas por qualquer cidadão. Excluiremos restrições como as intenções com as quais tais informações foram produzidas e/ou como chegaram ao domínio público. Imagens geradas por testemunhas (User Generated Images - UGI), bases de dados abertas, perfis em redes sociais, imagens de satélite, além de informações de qualquer natureza publicadas na internet são alguns exemplos de Osint. Abordemos profundamente as barreiras de entrada e os recursos necessários para manipular as informações, que podem gerar a falsa impressão de que o trabalho com estas informações é fácil ou menos importante. As definições e delimitações feitas neste capítulo serão basilares para o estudo sobre os conceitos do jornalismo *Open Source* e para a análise da produção da reportagem dos jornalistas do New York Times sobre o massacre ocorrido na cidade ucraniana de Bucha.

²³ No original: It's not the kind of traditional video experience. It's actually a more social experience.

3 - Jornalismo, investigação e conflitos armados

“Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue — Hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspia, mas aquela gosma amarga permanecia na boca” (RIBEIRO, 2005, p. 20). É desta forma que o jornalista Hamilton Ribeiro define o que sentia ao retomar a consciência após pisar em uma mina terrestre a caminho de sua última pauta no Vietnã. A explosão dilacerou sua perna esquerda. A publicação da reportagem na revista Realidade (1968) marcou seu nome na história do jornalismo nacional.

A guerra do Vietnã a qual se refere ocorreu entre os anos de 1965 e 1975 no contexto da Guerra Fria, sendo um dos mais lembrados exemplos de “guerra por procuração”. Este conceito pode ser resumido como uma guerra que acontecia em um país que passava por um momento de disputas políticas internas, mas que era fortemente armado ou mesmo invadido militarmente por forças externas. Neste caso específico, a parte sul do país era apoiada pelos Estados Unidos e buscava unificar todo o país sob um regime capitalista. Os Estados Unidos e seus aliados enviaram tropas para apoiar o governo do sul. Já a parte norte do país era apoiada pelo governo da União Soviética e tinha o mesmo objetivo de unificar o país, contudo sob um regime socialista. Este último se concretizou com a tomada de Saigon — atual Cidade de Ho Chi Minh — por tropas do norte e consequente unificação (BURNS; WARD, 2017).

Um dos exemplos de cobertura jornalística desta guerra foi a também ganhadora do prêmio Pulitzer de reportagem internacional sobre a cobertura do massacre de *My Lai*²⁴. Em 1969, o mundo soube do ocorrido na pequena vila, no sul do Vietnã, por meio do trabalho do jornalista investigativo Seymour Hersh, publicado no “St. Louis Post-Dispatch” e na agência “Dispatch News Service”, que escreveu reportagens e livros sobre o massacre e a consequente tentativa das forças armadas de encobri-lo. Em resumo, o episódio consiste no assassinato de mais de 500 cidadãos vietnamitas por um batalhão norte-americano sob comando do tenente William Calley, na vila que dá nome ao massacre, no dia 16 de março de 1968. Os soldados haviam recebido a informação de que a localidade estaria repleta de tropas inimigas e que os cidadãos dali eram simpatizantes destes. Assim que adentraram a localidade, os estadunidenses começaram a agir com notável crueldade, sendo diversos os relatos de assassinatos de civis desarmados, de crianças, de idosos, assim como o estupro de mulheres.

Calley foi julgado e condenado por diversos “assassinatos premeditados”, sendo o único militar responsabilizado pelo ocorrido. Desculpou-se formalmente durante um discurso em 2009, quando também reforçou que estava apenas seguindo ordens que havia recebido. Contudo, a

²⁴ Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/article/i-sent-them-good-boy-and-they-made-him-murderer>>.

informação de que Calley seria inicialmente julgado pela morte de 109 civis não foi divulgada à imprensa, mas foi descoberta pelo jornalista Seymour Hersh que, assim, recebeu a primeira pista sobre o ocorrido. A partir disso, sua investigação envolveu entrevistas com os soldados, com oficiais do exército, assim como autoridades do governo e o próprio tenente Calley. Ao ser capaz de descrever o ocorrido e confirmar as informações que obtivera, Hersh publicou uma matéria com todas essas informações no dia 13 de novembro, seguida por atualizações nos dias 20 e 25 de novembro de 1969.

Hersh, à época um jornalista *freelancer*²⁵, trabalhou quase que isoladamente, entrevistando por conta própria todas as fontes, depois reunindo e editando as informações que recolhera. Mesmo que a notícia tenha sido publicada em uma agência, a única *cooperação* que pode ser apontada neste caso ocorreu apenas após a publicação da primeira descoberta de Hersh, sendo creditado pelo trabalho até hoje. O principal exemplo disso é que o jornal *The Plain Dealer*, de Cleveland, Ohio, foi o primeiro a publicar fotos coloridas do ocorrido, que traziam evidências inegáveis do massacre. Mesmo que tenham sido publicadas por outro jornal, as fotografias foram levadas ao jornal depois da repercussão causada pela publicação de Hersh; quem as entregou foi o próprio fotógrafo do exército Ronald L. Haeberle, natural de Ohio, que tirou as fotos enquanto o massacre ocorria.

Este estudo entende que a lógica de apuração seguida por Hersh era comum ao seu momento histórico, se aproximando da lógica Catedral (RAYMOND, 2002). Ou seja, Hersh seguiu as premissas convencionais do jornalismo, buscando sempre a exclusividade, tanto na apuração quanto na publicação das informações, comum à busca pelo “furo jornalístico”. Outro fato que corrobora com esse trabalho isolado é a premiação do Pulitzer de 1970, destinado apenas a Hersh.

Também entendemos que o método de trabalho empregado por Hersh pode ser classificado como “jornalismo investigativo”. Na primeira definição de Lage (2001), o jornalismo investigativo é uma forma “extremada de reportagem”, já que toda a reportagem jornalística demanda investigação, em maior ou menor grau. Mas o autor completa com a consideração de que jornalismo investigativo “trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pela qual o repórter, em geral, se apaixona (LAGE, 2001, p. 61)”. Lage destaca a ressalva de que este tipo de jornalismo tende a enfrentar dificuldades de financiamento, o que, segundo ele, pode ajudar a explicar porque o jornalismo investigativo prosperou nos

²⁵ Um jornalista que não é formalmente empregado por uma empresa jornalística, sendo pago a partir das matérias que publica em um veículo que o contrata de forma temporária.

Estados Unidos “onde fundações e instituições universitárias costumam destinar recursos a esse tipo de pesquisa” (LAGE, 2001, p. 61).

Mesmo que o evento investigado por Hersh tenha ocorrido em um âmbito de guerra, seu trabalho não se enquadra no trabalho de “correspondente de guerra” — diferentemente de Ribeiro. Não apenas porque não esteve no local dos fatos — ponto que discutiremos mais adiante — mas também porque sua investigação não se focava fundamentalmente no andamento ou nos resultados dos beligerantes, mas sim nos civis que foram obliterados de forma desumana; ao compararmos a atuação de Hersh e Ribeiro, ambas ambientadas na mesma guerra, a diferença de tipo de jornalismo exercido fica clara.

Lage (2001) também apresenta outra definição que, segundo ele, abarca apenas parte do jornalismo investigativo, mas que entendemos resumir, ainda melhor, a atuação de Hersh:

Pode-se também entender jornalismo investigativo — pelo menos parte dele — como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido. [...] Livres de injunções, os repórteres se permitem explorar linhas de raciocínio divergentes e chegar a conclusões que, se não verdadeiras, pelo menos inquietam os bem pensantes (LAGE, 2001, p. 61).

Também é importante entender o momento histórico em que Hersh fez suas publicações: dois anos após a publicação, o *The New York Times* publica os *pentagon papers*, um estudo oficialmente intitulado *Report of the Office of the Secretary of Defense Vietnam Task Force*, que foi vazado para jornalistas. As 14 mil páginas discorriam sobre a história do planejamento interno e da política nacional norte-americana sobre a Guerra do Vietnã e confirmavam que governos investiram grandes quantidades de dinheiro no conflito; além de terem mentido para a população do próprio país sobre as operações militares e o andamento da guerra.

Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2014) trazem a observação de Anthony Lewis, à época colunista editorial do *The New York Times*, que cita a revisão feita pelos professores Harold Edgar e Benno Schmidt Jr., da Faculdade de Direito da Universidade de Columbia, que assinalaram a publicação dos *Pentagon Papers* como o “fim de uma era” para a imprensa estadunidense. De acordo com eles, ao publicar os *pentagon papers*, o *Washington Post* publicou a história secreta da Guerra do Vietnã e que, a partir daquele momento, parte da imprensa pretendia se tornar adversária do governo e dos poderes estabelecidos.

Compararemos este caso, enquanto a prática de apuração e distribuição, com o praticado pelo Wikileaks na publicação de *Collateral Murder* — este estudo se eximirá de analisar as repercussões e os seus impactos na opinião pública, assim como os ocorridos e as responsabilidades dos beligerantes ou vítimas. Ao publicar os vídeos em sua página na internet,

Assange abriu mão do privilégio do furo jornalístico, ao disponibilizar os vídeos e permitir o uso dele por meio de outras empresas de mídia. Inclusive, o seu site à época costumava ser referenciado como mais uma fonte, em pé de igualdade com qualquer outro especialista ou autoridade ouvida.

“A reportagem investigativa — como, de resto, toda forma de pesquisa — tende a beneficiar-se enormemente com a difusão dos computadores, que facilitam o arquivamento e recuperação de informação” (LAGE, 2001, p. 61). No início dos anos 2000, Lage se refere a Reportagem Assistida por Computador (RAC)²⁶ na qual, em resumo, os jornalistas usavam da inigualável capacidade dos computadores de processar bases de dados, além de realizar cálculos e estimativas complexas. À época, os apontamentos do autor estavam mais relacionados a essa capacidade de cálculo do que a comunicação em rede, depois, catalisada pela internet. O jornalismo atual usa das capacidades de cálculo viabilizadas pela RAC, como máquinas virtuais, de forma conjunta com as possibilidades da internet, como Inteligência Artificial (IA) e filtros complexos de busca.

Lage (2001) destaca como a reportagem assistida por computador e como os computadores alteraram profundamente o trabalho jornalístico. Afirmar que veículos da imprensa já haviam investido neste tipo de reportagem por volta de 1992, envolvendo veículos de maior e de menor expressão — sendo o NYT um destes (SIMON; NAPOLITANO, apud LAGE, 2001). Ferramentas como os editores digitais de som e vídeo, assim como a internet, as planilhas de cálculo e os gerenciadores de bancos de dados, geraram uma grande diferenciação entre os jornalistas que os dominavam e os que não. “Numa profissão em que se confundiam o grande profissional e o grande artífice — em que a experiência parecia suprir o conhecimento —, isso já não é pouco” (Lage, 2001, p. 68).

Lage dedica partes relevantes do livro para as possibilidades e as limitações da internet, sendo uma das mais interessantes o paradoxo de, porque existem muitas informações, as mais importantes destas se perdem em outras menos relevantes. Contudo, algo que não previu — e que não poderia prever — é o uso massivo que o jornalismo de hoje faz de redes sociais e aplicativos de trocas de mensagem. Mesmo o caso do Wikileaks foi pouco afetado pelas redes sociais se comparado ao que é possível hoje. Esta será uma tônica importante na análise.

Mesmo que Lage (2001) preconize o benefício da computação para as reportagens investigativas, o que acontece no caso da publicação do Wikileaks perpassa esse auxílio para apuração: o tipo de publicação feita em *Collateral Murder* só é possível por causa da

²⁶No original: Computer Assisted Reporting (CAR).

computação, mas também pela internet e, acima de tudo, pela filosofia que seus publicadores seguem. As centenas de *terabytes* de arquivos vazados para o site, assim como grande parte do trabalho de confirmação da veracidade das informações que foi feito, é análogo ao que qualquer jornalista faria se recebesse tais informações. Contudo, a forma de distribuição escolhida por Assange é que o difere. Sua publicação é guiada por sua filosofia próxima a um movimento social que prega liberdade, fiscalização dos poderes constituídos e dar voz aos menos ouvidos. “A WikiLeaks é especializada na análise e publicação de grandes conjuntos de dados de materiais oficiais censurados ou restritos, envolvendo guerra, espionagem e corrupção”.²⁷

“A essência do jornalismo é uma disciplina de verificação”²⁸ (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 84). A verificação/apuração é definida pelos autores como um dos pilares do jornalismo e o que o separa de outras formas de comunicação como entretenimento, propaganda, ficção e arte — além de criar uma razão econômica para continuar existindo. Os jornalistas devem se esforçar para fornecer informações precisas e confiáveis ao público. Esse processo envolve a verificação rigorosa das fontes, o cruzamento de informações e a garantia de uma compreensão abrangente do assunto em questão. O princípio da verificação lembra aos jornalistas que devem ser cautelosos quanto à autenticidade dos dados que utilizam, especialmente na era do rápido compartilhamento de informações, em que a desinformação pode se espalhar rapidamente.

A apuração é um dos 10 princípios delimitados pelos autores, sendo citado em pé de igualdade com valores como verdade e lealdade aos cidadãos. Para que estes valores sejam atingidos, práticas como a censura — seja externa ou autoimposta — são impeditivos para a realização de um jornalismo condizente com o que a sociedade merece e deseja (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014). Em caso de censura externa, como a imposta por governos, empresas ou qualquer instituição, o jornalista acaba por falhar com o dever de “servir como um monitor independente”. De forma semelhante, se há censura autoimposta — devido a vieses, ideologias ou interesses do jornalista —, falta com o valor anterior que demanda de que “seus profissionais devem manter independência em relação às pessoas que cobrem”(KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 84)

Uma confusão muito comum a partir do jornalismo contemporâneo são os valores de imparcialidade ou neutralidade. Os autores afirmam que aqueles não são princípios fundamentais do jornalismo. Principalmente porque o jornalista precisa tomar decisões e, por isso, ele não é e não pode ser objetivo. Contudo, reforçam que se exige um método consistente de testar

²⁷ No original: WikiLeaks specializes in the analysis and publication of large datasets of censored or otherwise restricted official materials involving war, spying and corruption. It has so far published more than 10 million documents and associated analyses. Disponível em: <https://wikileaks.org/What-is-WikiLeaks.html>

²⁸ No original: The essence of journalism is a discipline of verification

informações dos jornalistas — uma abordagem transparente das evidências — precisamente para que os preconceitos pessoais e culturais não prejudiquem a precisão do trabalho. O método é objetivo, não o jornalista. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Valores como justiça e equilíbrio não são irrelevantes, mas podem ter peso menor se os fatos apurados assim indicarem. Para a obtenção de tal método, aconselham aos jornalistas os cinco princípios da “ciência da apuração”:

- 1 Nunca adicione nada que não estava lá originalmente;
- 2 Nunca engane o público;
- 3 Seja o mais transparente possível quanto aos seus métodos e motivos;
- 4 Confie em suas próprias reportagens originais;
- 5 Tenha humildade.

3.1- Jornalismo Open Source

A ideia de um jornalismo *Open Source* perpassa um enxerto direto ao jornalismo das mesmas premissas usadas pelo movimento em sua origem ligada ao desenvolvimento de *softwares*. Contudo, não deixa de carregar valores de ambos. Em suma, se trata de práticas jornalísticas realizadas com auxílio ou por meio da participação direta de cidadãos, assim como da manipulação de dados abertamente disponíveis para qualquer cidadão acessar. É importante ressaltar, porém, que “abertamente” significa não apenas estarem acessíveis, mas que estão em formato que permitem sua manipulação em computadores e sem limitação de direitos autorais. Estas informações podem ter sido produzidas, ou não, para estarem disponíveis a todos. E podem, ainda, ser disponibilizadas sem conhecimento dos realizadores. Elas podem ser de diversos tipos ou meios: imagens produzidas por testemunhas oculares de eventos, imagens de satélite, transmissões de rádio e até mesmo rotas realizadas em aplicativos de corrida.

Parte deste tipo de informação só é possível de existir devido ao ciberespaço, da internet e de inovações tecnológicas como a miniaturização de equipamentos como câmeras e microfones. Todas as fotos e vídeos gravados por celulares registram metadados, que trazem informações como a data e o local no qual as imagens foram produzidas, por exemplo. Mesmo reportagens que usam de transmissões gravadas de rádio, por exemplo, têm a influência do aumento da capacidade de armazenamento dos computadores como fator relevante para sua viabilização.

Brambilla (2006) debate a necessidade da existência de meios digitais e computacionais para que as publicações de um jornal sejam classificadas como *Open Source*, explicando que, mesmo os raríssimos exemplos que existem em que os conceitos são aplicados em meios

impressos, por exemplo, a produção não é totalmente analógica e o trabalho acaba por não integrar, a pleno, os conceitos da filosofia *Open Source*. A autora exemplifica com o caso do *The Northwest Voice*²⁹, um pequeno jornal da cidade de Bakersfield, na Califórnia, que concedia aos seus leitores as funções de produção dos textos e das fotos que formariam a versão impressa do jornal semanal. O jornal conta com editores responsáveis pelo filtro final das informações publicadas.

A iniciativa não é, necessariamente, um modelo de jornalismo *Open Source*, mesmo que conte com parte de suas premissas, sendo a principal delas a participação popular que, em algumas interpretações, é o suficiente para caracterizar o jornalismo cidadão — que também é citado por autores como sinônimo de jornalismo *Open Source*, mas que não é consenso.

Mesmo com esse avanço tecnológico e as novas possibilidades, o jornalismo *Open Source* ainda é, fundamentalmente, jornalismo. Valores basilares do jornalismo tradicional são apenas transportados para o jornalismo *Open Source*, ainda que determinados princípios ganhem mais destaque, especialmente em função da intersecção com o movimento *Open Source*. Neste capítulo destacamos cooperação e transparência.

3.1.1 - Cooperação

Em *We the Media* (2004), Gillmor destaca que a mudança de paradigma de que anteriormente produtor e receptor de notícias eram estruturas sociais e técnicas visivelmente diferentes, mas, agora, estão “confundindo-se uma com a outra”. Na sequência, o autor elenca os jornalistas como uma das “três grandes constituintes” deste novo paradigma e, a eles, aconselha:

Aprenderemos que fazemos parte de algo novo, que nossos leitores/ouvintes/espectadores estão se tornando parte do processo. Eu tomo como certo, por exemplo, que meus leitores sabem mais do que eu - e isso é um fato libertador, não ameaçador, da vida jornalística. (Gillmor, 2004, p. 14)

Nesse sentido, Brambilla (2006) traça um paralelo com o sistema de trabalho “bazar” (RAYMOND, 2002), um processo de criação protagonizado por hackers, que no jornalismo *Open Source* são análogos a pessoas, que assumem o papel de produtor de notícias. Essa lógica de trabalho pode ser encontrada em redes sociais que simulam fóruns, como Reddit e Discord, que dividem os usuários em grupos, ou em redes abertas como Twitter³⁰, que organizam as postagens em *threads*, umas ligadas às outras. Todas essas redes permitem que os usuários — que estão conectados por meio das redes — realizem uma investigação cooperativa, em que cada um posta suas descobertas, assim como os processos que realizou para obtê-las. A partir daí, os demais

²⁹Disponível em: <<https://nwvoicenews.com/>>.

³⁰ A rede social “Twitter” foi renomeada como “X” em 24 de julho de 2023.

constituintes repetem os processos realizados pelos colegas — para checar suas descobertas — e, a elas, somam suas próprias pesquisas. Outra possibilidade é que integrantes destas redes postem produções suas, como imagens que gravaram em um protesto de que participavam, por exemplo. Os demais usuários também podem compartilhar as imagens que gravaram na mesma manifestação, só que carregando seu ponto de vista logo abaixo das anteriores.

Toda essa produção conjunta gera um arquivo de imagens, que nas mãos de um jornalista ou investigador *Open Source* pode ser utilizado, por exemplo, para confirmar se uma pessoa específica estava em uma manifestação, com base na presença dela ou não nas imagens compartilhadas.

A lógica da cooperação possibilita, inclusive, a ocorrência de um fenômeno notado por Müller e Wiik (2023), que observam a constituição das equipes de veículos diferentes da mídia tradicional — em sua maioria nativos digitais — que, em muitos casos, tem mais profissionais com formação acadêmica ligada a tecnologia do que *jornalistas*; no sentido de profissionais com formação acadêmica no jornalismo ou notória experiência nessa área. Veículos como Airwars³¹, Bellingcat³², Forensic Architecture³³ e Syrian Archive³⁴ contam com a maioria de seus profissionais com formações acadêmicas de outras áreas do conhecimento. Estas áreas englobam desde especialistas nos meios digitais, como programadores, até áreas “alheias” à computação, como arquitetos.

Neste estudo, escolhemos destacar o Forensic Architecture que, durante a guerra da Síria, ficou conhecida por usar métodos e ferramentas de alta tecnologia desenvolvidos para estudo de estruturas arquitetônicas na investigação dos fatos ocorridos no conflito e, assim, ajudar a esclarecer temas em que narrativas dos beligerantes discordavam sobre os ocorridos. O veículo entende a *arquitetura forense*³⁵ como um campo acadêmico emergente desenvolvido no próprio centro Goldsmiths, parte da University of London.

Além das publicações próprias, o Forensic Architecture atua frequentemente aliado a veículos de mídia e seu notável envolvimento com investigações *Open Source*, fazem com que consideremos sua atuação relevante para esse estudo. Um episódio interessante é quando trabalharam em conjunto com o time de *Visual Investigations* do New York Times, em 2018, para recriar digitalmente um único prédio na cidade síria de Douma, permitindo analisar os efeitos da

³¹ Disponível em: <<https://airwars.org/>>

³² Disponível em: <<https://www.bellingcat.com/>>

³³ Disponível em: <<https://forensic-architecture.org/>>

³⁴ Disponível em: <<https://syrianarchive.org/>>

³⁵ No original: Forensic Architecture

bomba de cloro lançada sobre ele³⁶ — A entrevistada Barbara Marcolini atuou nesta reportagem e este estudo usa seu relato como base para tais informações).

Em seu site, a aba *sobre* resume a atuação do grupo como empenhado em investigar violência e violações de direitos humanos em todo o mundo. Além disso, afirma que usam de “investigação *Open Source*, construção de modelos digitais e físicos, animações 3D, ambientes de realidade virtual e plataformas cartográficas”³⁷ para suas investigações. O veículo destaca que faz uso regular da análise de “fotografias, vídeos, arquivos de áudio e testemunhos para reconstruir e analisar eventos violentos”. No momento de nossa pesquisa, o veículo contava com apenas um jornalista em sua equipe, o diretor-assistente³⁸, Robert Trafford.

Quando perguntado sobre as práticas do jornalismo, seus limites e como elas são abordadas nas lógicas de produção colaborativa que sua instituição prática, observa uma limitação conceitual basilar: “há um problema essencial, porque o jornalismo *Open Source* é exatamente o oposto do que o jornalismo sempre foi, que é uma ‘fonte fechada’”³⁹ (MÜLLER; WIJK, 2023, p. 199).

Ainda de acordo com Trafford, diretor-assistente do Forensic Architecture, os atores envolvidos em investigações de código aberto não apenas se dedicam a contar uma história, mas também buscam apresentar suas descobertas e demonstrar como podem ser verificadas. Nesse contexto, “o processo de encontrar informações torna-se parte integrante da narrativa” e há uma preocupação em explicar “como repetir o processo no futuro” (MÜLLER; WIJK, 2023, p. 199). Conclui-se, então, que as disputas no jornalismo *Open Source*, antes centradas na validade dos fatos (se X é verdadeiro ou não), agora também abrangem uma discussão sobre os métodos utilizados e as formas como essas afirmações podem ser comprovadas. Diante de um cenário onde surgem diversas acusações de falsificação, torna-se necessário defender os métodos empregados para sustentar as alegações feitas (MÜLLER; WIJK, 2023, p. 202).

Contudo, em relação às afirmações de que qualquer cidadão teria capacidade de emular seu trabalho para confirmar as informações que a investigação atingiu, ele afirma, especificamente sobre o trabalho executado por sua instituição:

Trafford aponta limitações afirmando que “há um certo fato irreconciliável” sobre a forma como a Forensic Architecture e a Bellingcat funcionam. Na Forensic Architecture

³⁶How Bashar al-Assad Gassed His Own People | NYT - Visual Investigations. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P2X84JZINcl&t=321s>>

³⁷ No original: Our investigations employ cutting-edge techniques in spatial and architectural analysis, Open Source investigation, digital modeling, and immersive technologies, as well as documentary research, situated interviews, and academic collaboration. Na grafia original, em inglês.

³⁸No original: Assistant Director / Communications

³⁹No original: There is an essential problem in that open-source reporting is exactly the opposite to what reporting has always been because it is a closed source”.

“em última análise, muito trabalho requer treinamento em arquitetura” e seus projetos também são “mediados por habilidades arquitetônicas”. Assim, ele se refere a “uma alta barreira técnica” que não permite que qualquer tipo de amador simplesmente imite seu trabalho investigativo⁴⁰ (MÜLLER; WIIK, 2023, p. 201).

É notável a semelhança deste formato de trabalho focado na cooperação com o modelo *bazar* descrito por Raymond (2002) e com a filosofia que parte o jornalismo *Open Source*. Contudo, e conforme o citado por Trafford em entrevista às autoras, conglomerados de mídia seguem a — e não parecem querer deixar — de exercer a função de gatekeeper⁴¹.

3.1.2 - Transparência

Já a transparência é amplificada pela internet e a filosofia *Open Source* como um todo, pois permitem um gatekeeping mais transparente. Kovach e Rosenstiel (2014) suscitam o debate de que a situação tecnológica e social do Século XXI dificulta a aplicabilidade da “objetividade” no jornalismo atual. Como citado anteriormente, na visão dos autores, objetividade deve partir do *método* empregado pelos profissionais, e não de suas consciências ou preferências. Para tanto, suscitam a transparência — mais especificamente o “Espírito de Transparência” — para atuar como o valor *substituto*. Em sua visão, este é o elemento único mais importante na criação de um melhor rigor de apuração. Fazem, anteriormente, uma diferenciação entre precisão e verdade, em que o jornalista deve buscar a verdade, e não apenas ser 100% preciso com as informações que recolheu. Exemplificam com a comparação realizada por Walter Lippman: a notícia “Lenin está morto” é diferente, e menos precisa, do que a notícia “Helsingfors [uma fonte] diz que Lenin está morto”. Mesmo que o que “realmente interessa” — neste caso, o fim da vida do líder de uma nação, ou não — escape a ambas, a segunda é mais assertiva que a primeira. Esse tipo de atuação também sinaliza o respeito pelo público, ao permitir a ele julgar a “validade das informações, o processo pelo qual elas foram obtidas e os motivos e preconceitos das pessoas que as fornecem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 96).

Os autores resumem seu argumento da seguinte forma:

A maioria das limitações que os jornalistas enfrentam ao tentar passar da precisão para a verdade é resolvida, se não superada, pela honestidade sobre a natureza de seu conhecimento, porque confiam nele e que esforços que fazem para aprender mais (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 96).

⁴⁰ No original: Trafford points out limitations stating that “there is a certain irreconcilable fact” about the way Forensic Architecture and Bellingcat work. At Forensic Architecture “ultimately a lot of work does require architectural training” and their projects are also “mediated by architectural skills.” Thus, he refers to “a high technical bar” that does not allow any kind of amateur to simply imitate their investigative work.

⁴¹ Gatekeeping é uma teoria que coloca os jornalistas e os veículos de mídia na função de entidades que escolhem o que será notícia e o que não. O “novo Jornalista” não cumpre mais esta função na era digital (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014).

Conforme visível no grande esforço realizado pelas empresas para mostrar como as reportagens foram feitas, iniciativas como a Forensic Architecture trabalham adicionando informações e conhecimentos complexos a partir de recursos abertos mais facilmente verificáveis, tornando o produto notavelmente complexo e demandando uma grande capacidade técnica para verificá-lo.

O site Bellingcat, fundado em 2014 pelo jornalista Eliot Higgins, tem, desde sua criação, uma grande preocupação com o valor da transparência. São frequentes as publicações que dissecam, passo a passo, como os investigadores do site — ou do público — chegaram às conclusões que apresentaram em publicações anteriores. Tais publicações se encontram na aba “Case Studies”⁴². Para esta discussão, destacamos a publicação “Como investigadores online provaram que o vídeo de soldados ucranianos assediando uma mulher foi encenado”⁴³. O artigo publicado pelo criador do site, Eliot Higgins, em 29 de março de 2023, explica os passos percorridos pelos investigadores, as ferramentas usadas, os raciocínios desenvolvidos, assim como os responsáveis pela descoberta de cada uma das informações.

Além dos estudos de caso, o site ficou conhecido entre os investigadores pelos frequentes “workshops” que promovia para que o público se familiarizar com as ferramentas e com os métodos de investigação *Open Source*.

O mesmo Bellingcat publicou, em 12 de agosto de 2022, um artigo que traz uma enquete realizada pela investigadora Johanna Wild com pesquisadores em *Open Source* sobre as ferramentas que usam ao realizar pesquisas — como ferramentas, a pesquisa considerou “qualquer meio digital que ajude a executar tarefas específicas na pesquisa online”⁴⁴. A enquete revela que as três ferramentas mais utilizadas pelos participantes são o motor de busca do Google (ou Search Engine), Google Earth Pro e Maltego⁴⁵. Avaliemos, brevemente, cada um deles:

1) A Google Search Engine consiste em abrir o navegador da internet, o site “Google” e, ali, pesquisar a informação desejada. Tal site utiliza do algoritmo conhecido como *PageRank*⁴⁶ (um processo patenteado pela Universidade de Stanford, onde foi desenvolvido) para escolher qual página da internet tem relação com o conteúdo pesquisado e qual deve ser mostrada primeiro para quem faz a busca (VISE e MALSEED, 2018). Esse algoritmo é hoje bastante

⁴²Disponível em: https://www.bellingcat.com/category/resources/?fwp_categories=case-studies

⁴³No original: How Online Investigators Proved Video of Ukrainian Soldiers Harassing Woman was Staged. Disponível em: [diers-harassing-woman-was-staged/>](https://www.bellingcat.com/news/2023/03/29/how-online-investigators-proved-video-of-ukrainian-soldiers-harassing-woman-was-staged/)

<https://www.bellingcat.com/news/2023/03/29/how-online-investigators-proved-video-of-ukrainian-soldiers-harassing-woman-was-staged/>

⁴⁴ Disponível em:

[<https://www.bellingcat.com/resources/2022/08/12/these-are-the-tools-open-source-researchers-say-they-need/>](https://www.bellingcat.com/resources/2022/08/12/these-are-the-tools-open-source-researchers-say-they-need/)

⁴⁵ Disponível em: [<https://www.maltego.com/>](https://www.maltego.com/)

⁴⁶Vise. Malseed. **The google story**. 2018.

complexo e também usa aspectos como inteligência artificial para a escolha das páginas — para a maioria das pessoas que têm acesso à internet, esse procedimento está quase que internalizado, valendo lembrar que, sim, se trata de uma pesquisa e de um método válido.

2) O Google Earth Pro é um programa de mapas em três dimensões, que usa imagens de satélite para permitir que o usuário visite a maior parte do mundo. A versão “Pro” é mais avançada — mas também gratuita — e permite mais funções ao usuário, contudo, exige que o usuário se cadastre. Pode ser encarado como uma versão mais completa do Google Maps, outra ferramenta da empresa que permite ao usuário se deslocar por um mapa repleto de detalhes do mundo, ambos disponibilizam dados em camadas como relevo, fronteiras políticas e divisões administrativas, trânsito, transporte público, incêndios florestais e até mesmo qualidade do ar. O Google Earth também traz uma estimativa dos níveis de subida da água dos oceanos devido às mudanças climáticas. Ambos também permitem uma medição mais ou menos precisa da distância entre pontos que podem ser escolhidos pelo usuário — Essas ferramentas são protagonistas no processo de geolocalização.

3) Já o Maltego é o mais específico e complexo das três ferramentas. É projetada para fazer uso de Osint, facilitando a coleta e a visualização de informações sobre objetos específicos na internet. O objetivo principal do Maltego é fornecer uma visão detalhada das conexões e relacionamentos que podem existir entre diferentes elementos de informação. Realiza pesquisas automatizadas em diversas fontes disponíveis publicamente na internet, como mecanismos de busca, redes sociais, registros de domínio, bases de dados públicas, entre outras. Este serviço costuma ser usado por analistas de segurança, investigadores e outros profissionais que trabalham com Osint para identificar e compreender padrões. A aplicação conta com uma “visualização gráfica” intuitiva que representa as informações coletadas na forma de gráficos e diagramas. Isso permite uma visualização clara das conexões entre os diferentes pontos de dados, facilitando a análise e a compreensão das informações. O Maltego organiza os dados coletados em “entidades” (por exemplo, pessoas, organizações, endereços, domínios, etc.) e “relações” que conectam essas entidades. Essas relações podem incluir atributos como “trabalha para”, “é proprietário de”, “é amigo de”, “é membro de”, entre outros. Para coletar dados, o Maltego observa as “Transformações”: a partir de um endereço de e-mail, a ferramenta pode descobrir as contas de mídia social associadas a esse endereço, por exemplo⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: <<https://docs.maltego.com/support/solutions/articles/15000019166-what-is-maltego->>

O mesmo Bellingcat disponibiliza o que chama de “kit de ferramentas⁴⁸”, que reúne “serviços de satélite e mapeamento, ferramentas para verificação de fotos e vídeos, sites para arquivar páginas da Web e muito mais”.

Essas ferramentas suscitam o debate entre o uso *cego* de ferramentas e o de métodos no jornalismo *Open Source*. Na aba “Entendendo o Times”⁴⁹, Christoph Koettl publicou o artigo “Imagens de satélite e análise de sombras: como o The Times verifica os vídeos de testemunhas oculares”⁵⁰ (User Generated Images - UGI), em 2018, em que o integrante das Visual Investigations — e parte da equipe que produziu o vídeo que será alvo da análise deste estudo —, aponta que, quando os jornalistas recebem Imagens produzidas por testemunhas oculares que foram, alegadamente, gravados em uma manifestação específica, por exemplo, o primeiro passo é aplicar a ele uma lógica de Lide: o quê (a ação), quem (o agente), quando (o tempo), onde (o lugar), como (o modo) e por quê (o motivo). Em seu exemplo, cita perguntas como “Um vídeo de um ataque químico foi realmente filmado na Síria? A que horas do dia ocorreu um ataque aéreo? Que unidade militar esteve envolvida num tiroteio no Afeganistão?” (Koettl, 2018)⁵¹.

Koettl adiciona que o processo de verificação é dividido em duas etapas: primeiro, a equipe determina se o vídeo é realmente novo (não se trata de conteúdo reciclado de outro evento anterior).

Nós nos esforçamos para estabelecer a procedência de cada vídeo — quem o filmou e por quê — e pedimos permissão para usá-lo. No cenário perfeito, isso envolve a obtenção do arquivo original do vídeo ou encontrar a primeira versão do vídeo compartilhado on-line, verificar o rastro digital do publicador e entrar em contato com a pessoa — se for seguro fazê-lo. (Koettl, 2018)⁵².

Segundo, os jornalistas dissecam cada segundo dos vídeos para chegar às informações de “local, data e hora, os atores envolvidos e o que exatamente aconteceu”⁵³.

Vale ressaltar que Koettl não dá destaque às ferramentas que usa, mas sim aos métodos/raciocínios que desenvolve. A partir destes raciocínios, usará as ferramentas que forem

⁴⁸No original: “Toolkit”. Disponível em:

<<https://docs.google.com/spreadsheets/d/18rtqh8EG2q1xBo2cLNyhIDuK9jrPGwYr9DI2UncoqJQ/edit#gid=930747607>>

⁴⁹No original: “Understanding the Times”. Disponível em

<<https://www.nytimes.com/series/understanding-the-times>>

⁵⁰No original: Satellite Images and Shadow Analysis: How The Times Verifies Eyewitness Videos. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/04/reader-center/social-media-video-how-to-verify.html>>

⁵¹No original: Was a video of a chemical attack really filmed in Syria? What time of day did an airstrike happen? Which military unit was involved in a shooting in Afghanistan? Is this dramatic image of glowing clouds really showing wildfires in California? Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2018/09/04/reader-center/social-media-video-how-to-verify.html>>

⁵²No original: “We strive to establish the provenance of each video — who filmed it and why — and ask for permission to use it. In the perfect scenario, this involves obtaining the original video file or finding the first version of the video shared online, vetting the uploader’s digital footprint and contacting the person — if it’s safe to do so”.

⁵³No original: “we dissect every frame to draw conclusions about location, date and time, the actors involved and what exactly happened”.

necessárias, algumas mais conhecidas e convencionais, e outras menos ortodoxas e mais específicas, funcionam perfeitamente para um caso, mas não serviriam de nada para outro.

Para definir o local — processo nomeado como geolocalização — o autor destaca que costumam observar evidências visuais dos vídeos como lâmpadas de rua, sinais de trânsito ou árvores.

Em um dos meus esforços de geolocalização mais desafiadores, usei lâmpadas e outras características de uma rua em um vídeo desfocado de um celular trêmulo para identificar a esquina exata de uma execução extrajudicial em Maiduguri, no nordeste da Nigéria. (KOETTL, 2018).

Já para definir o momento em que um vídeo foi gravado — também chamado de cronolocalização — a equipe pode comparar históricos de clima com a alegada data em que o vídeo foi gravado. Contudo, processos mais complexos como a “análise de sombras” podem ajudar a determinar a hora em que um vídeo foi gravado com maior precisão. Nota-se que esse é o único momento em que uma ferramenta em específico é destacada.

Quando analisamos a filmagem da câmera do capacete de um soldado dos EUA morto no Níger em outubro, usei uma ferramenta chamada SunCalc⁵⁴ para confirmar — com base nas sombras curtas — que a emboscada aconteceu por volta do meio-dia (KOETTL, 2018)⁵⁵.

Já para definir os envolvidos nos vídeos, Koettl é ainda mais generalista, exemplificando apenas com um caso em que a equipe extraiu “detalhes sobre insígnias oficiais ou equipamentos militares”⁵⁶ para identificar uma unidade de operações especiais do exército estadunidense que estaria envolvida no assassinato de um motorista de caminhão.

Tendo isso em vista, este estudo considera que, para além das ferramentas que são usadas — e até mesmo além da filosofia *Open Source* — os métodos/raciocínios empregados na apuração são, ao mesmo tempo, o que possibilita um uso ótimo das possibilidades do *Open Source* e o que classifica uma peça jornalística como jornalismo *Open Source*.

3.2 - O que as Visual Investigations usam para gerar credibilidade aos seus vídeos

As edições mais recentes do livro de Hamilton Ribeiro trazem reflexões também sobre o trabalho jornalístico desenvolvido no período. O jornalista aponta dois fatores para a cobertura dessa guerra ter ocorrido da forma como foi — que também fez o resultado da guerra ser influenciado pela imprensa: a viabilidade técnica permitida pelas pequenas câmeras de vídeo; e a

⁵⁴Disponível em: <<http://suncalc.net/#/51.508,-0.125,2/2023.08.01/17:35>>

⁵⁵No original: “When we reviewed footage of the helmet camera of a U.S. soldier killed in Niger in October, I used a tool called SunCalc to confirm — based on the short shadows — that the ambush happened around noon”.

⁵⁶No original: “We extract details on official insignia or military equipment”.

grande liberdade que os correspondentes tinham a campo, com pouca ou nenhuma resistência dos militares, para que os repórteres documentassem os acontecimentos.

Por mais que quando comparadas as capacidades técnicas disponíveis hoje, as câmeras das quais Ribeiro fala sejam completamente obsoletas, pela primeira vez na história, possibilitaram a gravação de longos períodos de combate no solo. Neste estudo, nos limitaremos a constatação de que a qualidade técnica das câmeras e dos microfones aumentaram exponencialmente desde o período, assim como de dissertar sobre o impacto destas imagens na população; o foco desta análise será em relação à apuração jornalística e o *storytelling* que tais imagens permitem.

O NYT aposta em diversos assuntos para o conteúdo dos vídeos, mas a estética de todos acompanha um certo padrão de qualidade. A construção das narrativas são diversificadas na montagem, como apenas com locução em off e imagens (exemplo do vídeo sobre Harper Lee citado anteriormente) ou documental (costurando depoimentos e imagens de apoio) ou até mesmo com a utilização de uma figura de apresentação).

Ao olhar para as montagens dos vídeos, para a organização dos vídeos por editorias e assuntos, para o tratamento que é dado às imagens utilizadas e para as narrativas, identifica-se sentidos do cinematográfico, do documental. Não são claras as molduras vindas do telejornalismo ou de vídeos amadores da web, mas sim molduras que dão sentidos de documentário e de cinema ao videojornalismo que é produzido pelo NYT (SALIBA, 2016).

No seu estudo em que entrevista jornalistas do New York Times e analisa como o time de Visual Investigations constroem “apontamentos de verdade”, Bjercknes destaca “práticas discursivas” como “narrativização (a distribuição e organização de artefatos visuais)”, “esquemas de codificação (classificando e interpretando o ‘visual’)” e “sincronização, justaposição, inscrições e técnicas de destaque” (BJERKNES, 2022). Avaliemos, rapidamente, cada um deles:

Quanto à narrativização, o autor destaca que vídeos de testemunhas oculares, imagens estáticas (geralmente para identificar vítimas e criminosos) e mapas digitais são os três recursos visuais mais utilizados nos vídeos das Visual Investigations (BJERKNES, 2022). Segundo ele, as investigações seguem uma estrutura narrativa simples, começando com uma fase introdutória que estabelece a análise, seguida de um passo a passo do material visual coletado. Na fase introdutória o material recolhido é mostrado em sua forma bruta, sem nenhum comentário, familiarizando o espectador com o conteúdo e comprovando sua autenticidade. Já na fase do “passo a passo”, as imagens são reproduzidas novamente, fornecendo mais contexto e enfatizando sua importância temporal. Segundo o autor, “a combinação dessas práticas discursivas pela equipe fortalece a credibilidade das imagens e, ao mesmo tempo, restringe seus potenciais significados alternativos” (BJERKNES, 2022, p. 960).

Esquemas de codificação (BJERKNES, 2022) se tratam das interpretações e inferências gráficas feitas pela equipe sobre as imagens apresentadas (infográficos e representações gráficas sobrepostas às imagens apresentadas). Os esquemas auxiliam os jornalistas a analisar e interpretar as imagens e informações coletadas, assim como os eventos retratados. Também destaca a importância dos procedimentos de verificação e da transparência nas reportagens investigativas. Os jornalistas têm o cuidado de não enfatizar demais as emoções e de manter uma distância profissional dos eventos que estão investigando.

Tal ressalva é importante por que, como observado por Silva e Maciel (2019), produções que usam de imagens de testemunhas oculares tendem a apresentar um viés mais humano utilizado em suas produções. Em seu estudo sobre a TV Folha e da Mídia Ninja, identificam que elas “apresentam um viés mais humanizado nas suas produções audiovisuais direcionadas à plataforma YouTube, visto que é notória a preocupação de dar voz às minorias que não teriam um espaço nas grandes mídias”. Diferente das imagens produzidas por um cinegrafista, que é alheio ao acontecimento, uma gravação feita diretamente por uma vítima, por exemplo, parece entregar uma reação mais próxima entre fato e leitor, por excluir um “intermediário” da equação.

Já a sincronização, justaposição, inscrições e técnicas de destaque se refere às técnicas aplicadas às imagens e vídeos em si para analisar e entender o desenrolar dos eventos. Bjerknnes destaca: sincronizar imagens que foram gravadas de diversos ângulos e retratam o mesmo acontecimento, reduzir a velocidade de vídeos de testemunhas oculares, imagens de câmeras de segurança além de imagens gravadas por câmeras presas ao corpo de policiais (BJERKNES, 2022).

O uso do modo de tela dividida também permite a exibição de várias formas de evidência, por exemplo, a localização de testemunhas em um mapa juntamente com a filmagem correspondente. “Um mapa digital com gráficos em movimento mostrando as posições das câmeras e seus cones de visão é exibido em um lado, enquanto a filmagem geolocalizada é executada no outro” (HILL et al. apud BJERKNES, 2022, p. 964) Essa soma aumenta o peso probatório dos artefatos porque “quando o NYT aponta nos mapas onde a filmagem foi feita, há coerência entre os dois artefatos, gerando uma dinâmica em que eles se validam mutuamente” (BJERKNES, 2022, p. 964).

Discorrer sobre quais são os recursos que os vídeos das Visual Investigations costumam apresentar se mostra relevante por dois motivos. Primeiro, porque como o próprio nome da equipe carrega investigações visuais, suas reportagens tem um grande foco nas imagens; tanto no fato de levar esse ponto na hora da apuração quanto na apresentação. Segundo, por que, como

vamos analisar na sequência, o vídeo que será alvo da análise deste estudo apresenta diferenças relevantes em relação às quantidades de conteúdos apresentados em reportagens anteriores.

4 - A Osint no núcleo de Visual Investigations do New York Times

Nas primeiras horas da manhã do dia 24 de fevereiro de 2022, o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, discursava em favor de uma “operação militar especial na Ucrânia”. Provavelmente esse será apontado pelos livros de história como o momento oficial do início do conflito em 2022, mas as questões que envolvem essas duas nações e que contextualizam ou explicam esta guerra são centenários e, portanto, muito complexas.

Esta guerra pode ser diferente das outras. Sem aprofundar ainda mais em conceitos das Relações Internacionais, esta pode ser a primeira das guerras do Século XXI, de grande escala, a ser considerada Intracivilizacional. Já que ambos, Ucrânia e Rússia fazem parte da civilização Cristã-Ortodoxa (HUNTINGTON, 1996) e, em uma análise mais profunda da história, tem a origem de seus povos quase idêntica.

Com o fim da União Soviética no ano de 1991, surgem dois autores importantes que balizam parte das visões de geopolítica e relações internacionais de hoje: Fukuyama e Huntington. Enquanto aquele previa um fim da história, já que o fim da união soviética representava a vitória do bloco capitalista, que seria soberano em um mundo “unipolar” — diferente do anterior “bipolar” —, este previa uma maior ocorrência de guerras intercivilizacionais, em que civilizações entrariam em confronto, motivados por suas diferenças. Os conflitos modernos entre Israel e Palestina, as guerras de independência das ex-repúblicas soviéticas e mesmo os ataques de 11 de setembro de 2001 são alguns dos exemplos da teoria do choque de Civilizações. Contudo, o apoio dos países que fazem parte da civilização ocidental, como Estados Unidos e nações da Europa Ocidental (HUNTINGTON, 1996), podem estar buscando auxiliar a um aliado que se “ocidentalizou” rapidamente, neste caso, a Ucrânia.

A exemplo do massacre ocorrido em My Lai e denunciado por Hersh, no dia 27 de fevereiro de 2022 tropas russas foram impedidas de entrar na cidade de Kiev, capital da Ucrânia, por uma forte resistência local. Os combatentes russos tiveram seu rápido avanço interrompido na cidade de Bucha, um município que em 2020 tinha uma população estimada em 36.825 habitantes e que fica a cerca de 23 quilômetros do centro de Kiev. Após serem impedidos de avançar na primeira tentativa, os soldados remanescentes, e reforços, retornaram à cidade no dia 3 de março. Desta vez, a abordagem das tropas diferiu, avançando com menor rapidez, tomando prédios e instalações industriais da região como bases de operação e, acima de tudo, agindo com uma violência voraz contra os civis que não evacuaram a cidade.

Estima-se que 458 civis foram encontrados mortos na região. A ocupação durou cerca de um mês, até o dia 30 de abril de 2022, quando as tropas russas recuaram em direção ao norte, saindo de Bucha.

No caso de My Lai, os jornalistas contavam apenas com documentos oficiais ou depoimentos para apurar as informações; no caso de Bucha, além dos meios anteriores, por meio de imagens de satélite, câmeras de segurança, gravações feitas por testemunhas usando seus celulares, históricos de ligações telefônicas e uma série de outras evidências.

Em sua conta oficial no Telegram, o Ministério da Defesa russo publicou uma nota rejeitando as acusações de que civis foram mortos por seus soldados na cidade da forma como o governo de Kiev os havia acusado. “Durante o tempo em que a cidade esteve sob o controle das forças armadas russas, nenhum residente foi vítima de qualquer ação violenta”⁵⁷, afirmou a declaração oficial. Juntamente com essa rejeição, a nota passa a justificar porque entende que as imagens e vídeos que mostravam civis mortos se tratavam de “outra provocação”. Para tanto, põe sob dúvida as características do estado de putrefação dos corpos, alegando que seriam incompatíveis com as características que corpos que teriam sido mortos durante a ocupação russa deveriam apresentar. A nota termina afirmando que, como teria ocorrido em outras cidades, “tudo isto confirma de forma conclusiva que as fotografias e as imagens de vídeo de Bucha são mais uma produção do regime de Kiev para os meios de comunicação ocidentais [...]”.

No dia 4 de abril, imediatamente depois da veiculação das primeiras imagens que mostravam corpos estirados nas ruas, alguns destes com as mãos amarradas e outros sinais de execuções, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, afirmou à imprensa internacional que o conteúdo que veiculava à época não era “confiável”. De acordo com ele, os especialistas do Ministério da Defesa russo haviam exposto “sinais de falsificação de vídeo e outras falsificações”⁵⁸. Ainda de acordo com Peskov, “os fatos e a sequência do calendário de eventos também não testemunham a favor dessas alegações”⁵⁹, além de enfatizar que “Moscou nega categoricamente qualquer acusação”⁶⁰ em relação à situação.

Quando perguntado sobre o motivo da escolha da pauta, o cofundador e Produtor sênior da equipe de Visual Investigations, Malachy Browne, destaca as imagens que pareciam mostrar corpos pelas ruas e, por si só, já mereciam investigação. Contudo, ressalta a imediata negação às autoridades russas de que os militares tivessem relação com o ocorrido. “Em vez de ter a mente aberta e dizer: ‘Tudo bem, vamos iniciar uma investigação’, ‘vamos conversar com nossos

⁵⁷ Disponível em: <<https://russiaeu.ru/en/news/russian-defence-ministry-statement-situation-bucha-kiev-region>>

⁵⁸ No original: "signs of video fakes and other forgeries". Disponível em: <<https://tass.com/politics/1432019>>

⁵⁹ No original: The facts and the calendar sequence of events do not testify in favor of these allegations, either.

⁶⁰ No original: categorically denies any charges.

comandantes e com as unidades envolvidas’. Foi uma atitude imediata: ‘Isso é um complô do Ocidente para incriminar a Rússia e nos fazer parecer maus’ (BROWNE, 2023).

Tal resposta imediata, assim como citado por Browne, gerou um maior ímpeto nos jornalistas em descobrir o que realmente ocorreu no mês em que a cidade ficou sob ocupação. Ainda de acordo com Malachy, ser capaz de relatar o massacre envolvia muito mais do que apenas relatar quem foram as vítimas ou elencar os fatos que poderiam ser percebidos a campo.

Sentimos que era importante mostrar isso, mostrar a irresponsabilidade e como não se tratava de alguns soldados descontrolados. É assim que se explica a execução de uma pessoa, mas quando se vê dezenas de pessoas sendo executadas ao longo de 1,2 quilômetros de uma estrada, dia após dia, dia após dia pela mesma unidade, isso é sistemático e é um crime contra a humanidade (Browne, 2023).

A obtenção da declaração de Malachy — e de outros jornalistas responsáveis pela apuração — resultou de entrevistas feitas pelos realizadores deste estudo com os jornalistas. “Na tradição positivista, pesquisa qualitativa não fazia muito sentido, pela própria exclusão da dialética como método importante da reconstrução do conhecimento” (DEMO, 1998, p. 89). A afirmação de Demo contextualiza que a tradição científica do ocidente, fortemente presente na revolução industrial e recentemente, próxima, inclusive, do nascimento do jornalismo como conhecemos hoje, desconsidera a pesquisa qualitativa como método válido. “Os pesquisadores qualitativistas recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social” (GOLDENBERG, 2007, p. 14). Mirian Goldenberg (2007) reforça a clara oposição observada por ela entre as visões positivistas e compreensiva na realização de pesquisas sociológicas. A perspectiva positivista prega que o objeto das ciências sociais deve ser estudado da mesma forma que ocorre com as ciências físicas, em que “a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, nas quais o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 2007, p. 17). Mesmo que a determinação de evitar preconceitos e julgamentos seja epistemologicamente justa, é simplesmente impossível de ser aplicada, em especial nas ciências humanas, em que é necessário que um estudo tome decisões sobre quais autores e atores sociais serão incluídos na pesquisa bibliográfica ou quais serão objeto da pesquisa, por exemplo, dentre um universo de produtores de conhecimento sobre um fenômeno ou período específico.

O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) é apontado por Goldenberg como o primeiro a defender que as ciências sociais deveriam ter métodos diferentes de pesquisa, pelos seus objetos de pesquisa serem diferentes. O autor defende sua interpretação influenciado pelo idealismo kantiano, a qual foi a corrente filosófica responsável por influenciar diversos autores a criticar a visão positivista a partir de uma diferenciação entre os conceitos de “natureza” e

“cultura”. Aponta que as ciências naturais (natureza) buscam “generalizações e a descoberta de regularidades”, enquanto uma ciência social (cultura) “visa à compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciadas” (GOLDENBERG, 2007).

Nas primeiras [ciências físicas], os cientistas lidam com objetos externos passíveis de serem conhecidos de forma objetiva, enquanto nas ciências sociais lidam com emoções, valores, subjetividades. Esta diferença se traduz em diferenças nos objetivos e nos métodos de pesquisa. (GOLDENBERG, 2007, p. 18).

Dessa forma, outros autores propõem a *sociologia compreensiva* como método ideal para pesquisa em ciências sociais. Max Weber (1864 – 1920) é o principal representante desta visão sociológica e, para ele, o foco principal dos esforços das ciências sociais deve ser “o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos” (GOLDENBERG, 2007, p. 19). Diferentemente de um fazer científico que se limita a uma busca de padrões e regras universais, “estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (GOLDENBERG, 2007, p. 19).

Contudo, Demo ressalta que o tradicionalismo positivista não é o único responsável por toda a resistência que a pesquisa científica enfrenta quanto a nuances qualitativas. Exemplifica com a tentativa de um pesquisador de realçar emoções em uma pesquisa científica: neste caso o pesquisador enfrenta dificuldades geradas pela formalidade científica que “de virtude, pode virar defeito”, ao limitar a apresentação de nuances relacionadas ao sentimento, mas que não podem ser plenamente expressas por não se adequarem às regras formais científicas (DEMO, 1998).

Desta forma, aponta sua interpretação da intenção das pesquisas qualitativas como: “perseguir faces menos formalizáveis dos fenômenos, às quais damos o nome de qualidade” (DEMO, 1998, p. 92). Ou seja, a pesquisa não busca recolher dados e estatísticas da atuação dos profissionais, mas sim entender o porquê de fazer as escolhas que escolheram, os caminhos que seguiram e também como se sentiram ao fazê-los.

Tal inferência sobre a serventia das pesquisas qualitativas conversa com a afirmação de Goldenberg de que:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória (GOLDENBERG, 2007, p. 14).

Essa observação vai de encontro a uma lógica mais simples que buscaria recolher as impressões de figuras superiores na hierarquia de uma empresa, por exemplo, já que a posição que ocupam lhes daria mais crédito e credibilidade. Contudo, a pesquisa qualitativa restringe as

qualidades às figuras diretamente relacionadas com a tomada de decisões e com o tema e, por isso, tem maior qualidade para uma pesquisa que os investiga. Mesmo assim, a pesquisa não se torna menos científica ou relevante. “Nos fenômenos mais voláteis, dispersos, contraditórios, fragmentários, etc., a ciência parte sempre para visualizar neles o que houver de formalizável, antes de mais nada” (DEMO, 1998, p. 91).

Tendo em vista que o jornalismo se trata de uma disciplina da área das ciências humanas, a aplicação do método de entrevista semiestruturada se justifica como forma válida para a fazer ciência. Em especial, em um caso como o que este trabalho se propõe a analisar os passos realizados, assim como os raciocínios desenvolvidos, padrões identificados, técnicas usadas e escolhas feitas por um grupo de cerca de 15 profissionais. Dada a essa natureza, entendemos que a melhor — se não a única — forma de entender por que escolhas foram tomadas e técnicas aplicadas, em detrimento de outras possíveis, é perguntar-lhes como e por que pensaram a respeito dos aspectos que interessam. Por meio da observação e análise destes pontos, este estudo visa entender quais foram as técnicas de jornalismo *Open Source* empregadas pela equipe, assim como ponderar sua efetividade ou possibilidade de troca por outras mais comuns ao jornalismo tradicional.

Para tanto, o estudo foi realizado conforme as recomendações de Jorge Duarte (2005), em formato de *entrevista qualitativa em profundidade e semi-aberta*. A seguir, definiremos, brevemente, cada um destes aspectos, sempre conforme os apontamentos do autor:

A entrevista qualitativa se trata de uma técnica que “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2005, p. 62). O autor cita como vantagens desta técnica a capacidade de o informante definir de que forma prefere responder às perguntas que podem ser livremente ajustadas pelo entrevistador.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2005, p. 62).

Por meio das perguntas e respostas, é possível explorar um assunto e “descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas” (DUARTE, 2005, p. 62). Ainda segundo o autor, além das identificações científicas mais comuns como padrões e problemas, a entrevista também permitem identificar “microinterações, detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada” (DUARTE, 2005, p. 63). Duarte exemplifica o uso deste tipo de pesquisa acadêmica

com as práticas dos já citados Kovach e Rosenstiel, que usa de entrevista qualitativa, sendo definida por Duarte como “fundamental para discutir o jornalismo”.

Como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2005. p. 63).

O uso da entrevista qualitativa no presente estudo se assemelha ao exemplo citado por Duarte de que esta forma de fazer ciência permite “explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação” (DUARTE, 2005. p. 63). No mesmo parágrafo, preconiza que “saber como e porque as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está ocorrendo”. Também vale ressaltar que o processo de entrevista acadêmica (definida por Duarte como uma “pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado”) se aproxima, em alguns de seus aspectos, com a entrevista jornalística — que, para os realizadores, é parte fundamental de sua formação acadêmica. Neste aspecto, Duarte afirma que esses dois tipos de entrevistas guardam semelhanças quando buscam “informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto”. Contudo, os conceitos se afastam quanto a exigência que a entrevista acadêmica tem de “elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos” em relação ao “marco conceitual no qual se origina, os critérios de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações” (DUARTE, 2005. p. 64), já que eles serão essenciais para que, ao fim das entrevistas, elas possam gerar conhecimento válido e, mesmo que com limitações, que elas sejam consideradas pelos pesquisadores.

A entrevista semi-estruturada está diretamente ligada ao problema de pesquisa e deve “buscar tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2005. p. 66). Duarte afirma que este tipo de entrevista costuma ter entre quatro e sete questões, que precisam ser feitas diretamente para o entrevistador e sem que as perguntas limitem as respostas. Esse número de perguntas pode parecer pequeno para exaurir assuntos complexos como o de análise deste estudo, contudo, a recomendação de Duarte é que as perguntas sejam tratadas quase que como grandes temas. Ou seja, depois da primeira pergunta e sua respectiva resposta, o entrevistador deve insistir perguntando até esgotar suas dúvidas ou questões que ele entenda necessitar de esclarecimento com mais perguntas; só então, o entrevistador deve passar para a próxima *pergunta*. Para evitar a ambiguidade, pode-se entender essas perguntas divididas

por temas já mencionadas, como tópicos que necessitem esclarecimento, e que vão demandar quantas perguntas forem necessárias para seu esclarecimento. Essas perguntas, mais amplas, devem ser elencadas em um roteiro.

Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias (DUARTE, 2005. p. 66).

Como se pode perceber, este tipo de estruturação de entrevista não só permite, mas de certa forma incentiva, que as poucas e amplas perguntas roteirizadas se tornem dezenas de questionamentos específicos e detalhistas que surgem ao longo da conversa. “É natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente” (DUARTE, 2005. p. 66). Duarte exemplifica com uma hipoteticamente pesquisa relacionada ao jornalismo, em que o pesquisador entrevistaria editores de jornais *on-line* sobre as características deste tipo de veículo: A primeira pergunta roteirizada seria “Como é estruturada a divisão de trabalho?”, após ser perguntada, e da escuta da consequente resposta, o entrevistado “não passa para a pergunta dois, mas a aprofunda, em busca de exemplos, detalhes, especificações, fazendo talvez mais de uma dezena de novas perguntas, antes de passar para a seguinte”.

Por fim, deve-se analisar os resultados obtidos. “Analisar implica separar o todo em partes e examinar a natureza, funções e relações de cada uma” (DUARTE, 2005. p. 78). Desta forma, a análise deve se preocupar em chegar até “os conceitos e aspectos com os quais estamos lidando”, fato que este estudo tentará realizar ao colocar em perspectiva os conceitos abordados e reunidas, por meio de pesquisa bibliográfica, sobre áreas dos conhecimento como jornalismo, Open Source, apuração jornalística, etc. Por este motivo, as seções seguintes estarão divididas em aspectos como a “Definição da abordagem da pauta e o modelo de trabalho”, “Apuração dos responsáveis pelos assassinatos” e suas subdivisões — que se tratam de processos que usam de conceitos específicos — e, por fim, a “discussão” que condensa a maior carga de análise em relação aos conceitos do jornalismo e do Open Source.

4.1 - Procedimentos metodológicos

Para entender as técnicas usadas e as entrevistas desta pesquisa, primeiro precisamos conhecer o veículo, a equipe e o vídeo que dela são o objeto. O The New York Times, ou apenas The Times, é um jornal de referência baseado em Nova Iorque, Estados Unidos. Fundado em 1851, a versão impressa do jornal surgiu próxima ao jornalismo que conhecemos hoje em uma lógica de financiamento por meio da venda de jornais e anúncios — em oposição aos periódicos

puramente partidários e propagandistas de anteriormente. Desde então, o jornal se consolidou como um ícone da cultura ocidental, sendo visto por muitos de seus leitores como o epíteto do jornalismo, ou mesmo sinônimo da profissão. O jornal acumula quase 120 prêmios Pulitzer, destes, 5 por serviço público, sendo o primeiro a recebê-lo, em 1918⁶¹. O documentário “Page One: Inside The New York Times” (ROSSI, 2011), retrata como, não sem percalços, o jornal foi capaz de se transferir de uma lógica de apenas um *tabloide* impresso por dia, para um jornal digital dinâmico e inovador, que não se restringe apenas ao jornalismo realizado em matérias escritas — ou com as técnicas convencionais de jornalismo. Neste âmbito, surge o departamento de vídeo deste conglomerado de mídia e, anos depois, o subgênero das Visual Investigations.

A formação inicial da equipe era constituída por Malachy Browne, Barbara Marcolini e Christoph Koetll. Destes, a brasileira Barbara Marcolini era a única jornalista que unia experiência a campo com formação acadêmica em Jornalismo (que foi convencionado para este estudo como jornalismo tradicional), tendo se graduado em jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obtido mestrado na The City University of New York (CUNY), e trabalhado no O Globo (Rio de Janeiro, Brasil). Já Christoph Koetll trabalhava com investigações *Open Source* na Anistia Internacional⁶², é graduado em História e Ciência Política pela Universidade de Viena e em Análise de Inteligência Geoespacial pela University of Colorado Denver. Malachy Browne obteve seu bacharelado em engenharia pela University College Dublin e seu mestrado em relações internacionais pela Universidade de Limerick. Trabalhou na agência de checagem Storyful⁶³, que usa métodos deste tipo de jornalismo para fact-checking (MARCOLINI, 2023). Tendo uma relação direta com as redes sociais, é consenso o crédito dado a Browne por identificar a pertinência da realização de investigações a partir das imagens que começavam a ser cada vez mais divulgadas em redes sociais como Facebook, Twitter e YouTube (RISTOVSKA, 2022). Contudo, também há crédito para o fundador da Storyful, Mark Little, pela identificação deste fenômeno. Posteriormente, jornalistas como Christiaan Triebert, Evan Hill e Haley Willis se uniram ao grupo.

De início, tratada como investigação *Open Source*, foi posteriormente lançada no jornal New York Times como “Visual Investigation”. A pauta da primeira investigação⁶⁴ da equipe de Visual Investigations — em vídeo — foi publicada em 2017, cobrindo um ataque com armas químicas realizado na Síria. Este fato revela duas características notáveis da unidade: seu ímpeto

⁶¹ Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/prize-winners-by-category/204>>.

⁶² Disponível em: <<https://www.amnesty.org/>>

⁶³ Disponível em: <<https://storyful.com/>>

⁶⁴ Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/10000005063944/syria-chemical-attack-russia.html>>

de investigar possíveis crimes e ataques contra direitos humanos; e sua relação com a guerra da Síria — por este ser o grande guarda-chuva de acontecimentos nos quais a unidade nasceu e cresceu.

Acho que uma diferença entre os dois [guerra na Síria e guerra na Ucrânia] talvez seja que, na Síria, houve um esforço ocidental para colocar a tecnologia de câmeras nas mãos dos ativistas. Como a tecnologia dos smartphones não era tão avançada e as filmagens feitas com essa tecnologia na época ainda eram muito granuladas e a conectividade talvez não fosse a melhor, houve um esforço conjunto, muito apoiado pelos países ocidentais, para tentar criar uma comunidade de ativistas que documentasse as coisas e, ao fazer isso, há um certo risco de que, ao equipar um lado de um conflito, se você chamar isso de “conflito”, você esteja apresentando um lado da história. (MALACHY, 2023).

Desta forma, além de se tratar de um conflito corrente que aflige pessoas de nosso tempo, o objeto de pesquisa deste estudo foge do comum de outras das Visual Investigations. Enquanto a grande maioria de suas publicações em vídeos são realizadas a partir quase exclusivamente de imagens de testemunhas oculares que captaram conflitos ou episódios de tensão dos direitos humanos, como violência policial. Mesmo que se mantenha fiel a esta segunda característica, de apuração de massacres e atentados a direitos, no vídeo “Capturado por câmera, rastreado por telefone: a unidade militar russa que matou dezenas de pessoas em Bucha”⁶⁵, a maioria dos conteúdos foi captado *in loco*, em Bucha.

O vídeo que será objeto da presente pesquisa tem duração de 28 minutos e 50 segundos sobre o massacre, seus realizadores e as consequências dele na comunidade de Bucha. As informações presentes na reportagem não são todas exclusivas dela, tendo algumas sido apresentadas anteriormente em outras matérias — apenas escritas ou interativas. A matéria está disponível na íntegra e sem restrições no YouTube⁶⁶ e no site do NYT⁶⁷. Apenas no YouTube, o vídeo conta com mais de 1,6 milhões de visualizações, além de ter sido ganhador do prêmio Pulitzer de reportagem internacional⁶⁸, em 2023, e indicado ao Prêmio Emmy do mesmo ano — com resultados ainda não divulgados. No caso do primeiro prêmio, a reportagem se destacou em meio a dezenas de outras que cobriram o mesmo conflito e, inclusive, o mesmo massacre; no Emmy, concorre com pelo menos três reportagens sobre os mesmos crimes de guerra.

Para compreender o trabalho dos jornalistas, primeiro precisamos conhecer a equipe que trabalhou na reportagem “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”. De acordo com Malachy Browne, produtor sênior e cofundador da equipe de Visual Investigations, a produção do vídeo em análise contou com a participação dos

⁶⁵ No original: Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/12/22/video/russia-ukraine-bucha-massacre-takeaways.html>>

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IrGZ66uKcl0&t=832s>>

⁶⁷ Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000008299178/ukraine-bucha-russia-massacre-video.html>>

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/winners/staff-new-york-times-0>>

seguintes profissionais (a classificação abaixo não resume a totalidades das atuações desses profissionais em suas carreiras, apenas as funções que desempenharam na produção desta reportagem em específico), citados em ordem alfabética:

QUADRO 1 - Equipe do departamento de vídeo do NYT

Nome	Atuação
Alexander Cardia	Editor de vídeo e de <i>motion graphics</i>
Aleksandra Koroleva	Tradutora de russo e ucraniano para inglês
Benjamin Foley	Cinegrafista
Christoph Koettl	Especialista em análise de imagens de satélite, vídeos e outras evidências visuais, conflitos armados, direitos humanos e verificação de mídia social
Dmitriy Khavin	Editor de vídeo das Visual Investigations
Evan Hill	Repórter investigativo parte do time de Visual Investigations
Haley Willis	Repórter investigativo parte do time de Visual Investigations
Ishaan Jhaveri	Repórter especializado em reportagem assistida por computador (RAC).
Julian E. Barnes	Repórter de segurança nacional em Washington, D.C.
Malachy Browne	Produtor sênior e cofundador da equipe de Visual Investigations
Masha Froliak	Repórter investigativa freelancer presente em Bucha
Milana Mazaeva	Repórter e tradutora de checheno e russo para inglês
Natalie Reneau	Editora de vídeo
Oksana Nesterenko	Tradutora de ucraniano para inglês
Yousur Al-Hlou	Repórter investigativa presente a campo

Fonte: Malachy Browne, em entrevista.

Outros profissionais de áreas de gestão participaram da produção da reportagem, mas não foram aqui citados e podem ter seus nomes conferidos nos créditos da reportagem. A equipe também consultou outros membros da redação do New York Times que não foram nominalmente citados.

Esse estudo foi feito conforme o método da pesquisa qualitativa e o método de entrevista semi estruturada, com as entrevistas em formato livre realizadas com os jornalistas Barbara Marcolini, Malachy Browne, Masha Froliak e Yousur Al-Hlou. A pesquisa será suplementada pela entrevista da jornalista Haley Willis no 17º congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)⁶⁹.

Barbara Marcolini⁷⁰ é uma jornalista brasileira, nascida no Rio de Janeiro. Em 2015, foi vencedora do *Fellowship* “Jornalista de Visão”, do Instituto Ling, que visa promover jovens jornalistas brasileiros. Ingressou no NYT em junho de 2017, como parte do grupo inicial das Visual Investigations. Enquanto na empresa, Bárbara ganhou quatro Prêmio Emmy de Documentários e Notícias para Novas Abordagens para as Notícias. Mesmo que Bárbara tenha deixado a empresa e a equipe ainda em 2021, entrevistá-la se justifica por seu conhecimento acumulado sobre o início e os primeiros anos da equipe, além de como o que sabe das reportagens que costumavam ser realizadas a época e como se difere da que é objeto deste estudo. Além disso, a proximidade da língua, sendo Barbara a única lusófona do *pool* de entrevistados e as proximidades de formação e de visão de mundo que tem com maior proximidade com os brasileiros. A entrevista com Bárbara foi realizada por meio de videochamada no dia 20 de junho, tendo duração de 80 minutos; os pesquisadores entraram em contato com ela por meio de suas redes sociais particulares.

Malachy Browne⁷¹, como já dito anteriormente, é o cofundador e Produtor Sênior da equipe de Visual Investigations. Sua função na constituição deste núcleo e mesmo da escolha das pautas e dos repórteres é primordial e, apenas por tal fato, sua entrevista já se justifica. Soma-se a isso, que — como será abordado na sequência — esta matéria contou com uma apuração longa e complexa, com diversas viagens, equipes em deslocamento e mesmo constituída por profissionais de diversas culturas que, ao mesmo tempo, investigavam um acontecimento delicado e impactante. Essa reportagem contou com “apurações paralelas” em questão de tempo, mas

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z_K8_GRbWpc>

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/by/barbara-marcolini>>

⁷¹ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/by/malachy-browne>>

também de conteúdo e método, adicionais mais um nível de complexidade. Como definido por ele mesmo, a função de Malachy nesta reportagem foi

O pessoal estava envolvido em todos esses métodos diferentes. Então, o que eu estava tentando fazer era tentar manter as informações de Masha e Yousur no caminho certo e manter isso em andamento [a apuração Open Source]. Então eu estava meio que... eu não estava fazendo muitas reportagens, mas era mais como que dirigindo, tentando conduzir a investigação. (BROWNE, 2023)

Tendo isso em vista, entendemos a entrevista de Malachy como de suma importância para o estudo. Além de que ajudou a explicar partes relevantes da história e do presente do núcleo, além de ter ao mesmo tempo, experiência e autoridade para falar por outros jornalistas que não puderam ser entrevistados, mas que trabalhavam sob seu comando. Malachy foi contatado por meio de seu e-mail profissional no dia 27 de junho, tendo aceitado a entrevista no dia 4 de julho. A entrevista teve duração de 61 minutos, sendo realizada por meio de videochamada no dia 7 de julho de 2023.

Masha Froliak⁷² é uma jornalista *freelancer* ucraniana que trabalhou em diversos momentos em conjunto com o NYT, sendo agraciada com dois prêmios Pulitzer de reportagem internacional. Além de estar presente a campo em Bucha, Masha, que fala fluentemente russo e ucraniano, foi a responsável por ligar para os autores do massacre e seus familiares. Ademais da reportagem convencional, atuou na aplicação de algumas das técnicas de Open Source, com destaque para a que possibilitou a captação das identidades e imagens dos criminosos. A entrevista com Masha foi realizada no dia 18 de julho de 2023, por telefone, e teve duração de 26 minutos, sendo a mais curta deste trabalho. Contatamos Masha por meio de seu e-mail profissional, no dia 6 de julho, tendo recebido resposta positiva no dia 14 do mesmo mês.

A jornalista Yousur Al-Hlou⁷³ trabalhou juntamente com Masha tanto a campo na Ucrânia quanto em relação à atuação no jornalismo Open Source. Yousur, também ganhadora de outros prêmios como Pulitzer e Emmy, é síria e trabalha sob o departamento de vídeo do New York Times desde 2015. Sua atuação no vídeo que analisaremos foi semelhante à realizada por Masha, já que ambas estiveram sempre juntas nas viagens para o país do leste europeu. Com exceção da primeira viagem, na qual o cinegrafista Benjamin Foley foi responsável pela captação de imagens, Yousur também acumulou a função de cinegrafista. Yousur foi contatada por e-mail no dia 6 de julho, tendo aceitado a entrevista no dia 10 do mesmo mês. A entrevista foi realizada no dia 14 de julho de 2023 por meio de videochamada, tendo duração de 50 minutos.

As entrevistas de Masha e Yousur se justificam devido a sua atuação no campo e no Open Source. Juntas, estruturaram as entrevistas com os soldados e realizaram um dos processos de

⁷² Disponível em: <<https://www.nytimes.com/by/masha-froliak>>

⁷³ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/by/yousur-al-hlou>>

Open Source que possibilitou a definição das identidades dos soldados, assim como da unidade, além das imagens que reforçam esse achado.

As entrevistas com os jornalistas estrangeiros foram realizadas em inglês, e todas foram depois aplicadas a ferramenta Pinpoint⁷⁴, que decupa e transcreve os áudios das conversas. Posteriormente, foram traduzidas livremente pelos realizadores deste estudo, considerando os sentidos e a semiologia e entoação das entrevistas, mas sem ter seu conteúdo original alterado. No texto seguinte, serão apresentadas no formato (ENTREVISTADO, ano). Por fim, a íntegra das entrevistas, no idioma em que foram realizadas, se encontra disponível no sétimo e último capítulo deste estudo (como transcrito pelo Pinpoint).

4.2 - Análise das entrevistas

Nas seções 4.2.1 a 4.2.3, analisamos as entrevistas semiestruturadas, para tentar compreender o uso de métodos Open Source na apuração jornalística do massacre e como complementou o jornalismo convencional em três momentos da apuração: a rápida apuração à distância e consequente escolha da pauta; a investigação para definir qual unidade militar russa foi responsável pelos assassinatos e a busca por imagens das vítimas, dos assassinos e dos comandantes. Os jornalistas e suas respostas podem aparecer em mais de uma categoria, já que alguns dos processos ocorreram quase que de forma paralela ou em momentos diferentes, mas para aferir as mesmas hipóteses.

4.2.1 - Definição da abordagem da pauta e o modelo de trabalho

Ao longo de oito meses, a equipe do New York Times cobriu o ocorrido e as consequências do massacre perpetrado por soldados russos na cidade de Bucha, na Ucrânia. Contudo, com a guerra ainda em seus primeiros meses, havia pouca disponibilidade de repórteres *in loco* e, ao mesmo tempo, uma enxurrada de imagens gravadas por militares ucranianos ou vítimas que inundavam a internet com denúncias de que crimes de guerra haviam sido praticados na cidade. Com tudo isso, a equipe das Visual Investigations começou a verificar a veracidade das imagens, desde Nova Iorque.

De acordo com Malachy Browne, a primeira vez em que teve contato com a pauta foi quando os soldados russos haviam acabado de se retirar de Bucha, após ocupá-la por cerca de quatro semanas.

⁷⁴ Disponível em: <<https://journaliststudio.google.com/pinpoint/about>>.

Todo mundo ficou chocado com as fotos de corpos espalhados pela rua, pessoas aparentemente executadas com as mãos amarradas. E isso só foi possível porque as autoridades ucranianas finalmente entraram no local e começaram a documentar o ocorrido (BROWNE, 2023).

Segundo Malachy, um ponto que chamou a atenção foi a negativa imediata do governo de Moscou, que nem chegou a considerar uma investigação ou maiores esclarecimentos, apenas negar veementemente as acusações. “Me lembro de ter visto as imagens naquele fim de semana. Nosso editor nos chamou para dar uma olhada nelas. Então, o que eu vi foram esses corpos ao longo da rua” (BROWNE, 2023). As imagens as quais Malachy se refere se tratam de um vídeo gravado por oficiais ucranianos ao circular, pela primeira vez depois da retirada das forças russas, pela rua Yablunska, onde pelo menos oito corpos eram visíveis.

Em entrevista para o 17º congresso da Abraji⁷⁵, Haley Wilis mostra como ela e outros membros da equipe geolocalizaram o logradouro: uma placa na rua continha os escritos “таунхаус” que, segundo ela, bastou aplicar a um tradutor online que lhe apresentou o significado como “condomínio”. Haley então passou a procurar por condomínios na rua em que, alegadamente, as imagens haviam sido gravadas. E, por meio do Google Maps, encontrou a mesma placa em um lugar que continha diversos outros aspectos que confirmavam que se tratava da mesma rua.

A partir da informação de que as tropas russas se retiraram da cidade em 31 de março, veiculada pelo próprio ministério da defesa do país na mesma nota em que rejeitavam a acusação dos crimes de guerra, Malachy (2023) afirma que seu próximo passo foi, usando como referência o vídeo, marcar o local onde os corpos estavam ao longo da rua e analisar imagens de satélite das últimas semanas⁷⁶ — antes da retirada russa. Esse movimento tentava observar se os corpos encontrados na rua já apareciam nas imagens de satélite enquanto as tropas russas tinham o controle da cidade, ou se apareceram apenas depois do recuo. Para tanto, a equipe comparou imagens de 28 de fevereiro de 2022, e 19 de março do mesmo ano (WILLIS, 2022). O trabalho concluiu que os corpos não estavam nas ruas antes da ocupação (28) e que apareceram em dias em que a cidade estava sob domínio russo, também não se alterando nos dias depois do recuo russo e consequente domínio ucraniano.

Acho que essa investigação talvez tenha começado dessa forma [Open Source], porque foram as imagens compartilhadas nas mídias sociais e no Telegram e que começaram a ricochetear pela internet internacional que primeiro chamaram nossa atenção para o que aconteceu em Bucha e nos levaram até lá muito rapidamente, dando início a essa investigação (BROWNE, 2023).

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z_K8_GRbWpc>

⁷⁶ As imagens de satélite usadas no vídeo são de um serviço pago para que a companhia tenha autorização legal para usá-las. Contudo, outras imagens disponíveis em Open Source possibilitam a realização da mesma apuração.

Malachy (2023) afirma que, a partir destas primeiras manipulações com os dados, passaram a estruturar perguntas como: “o que aconteceu aqui? Quem são as pessoas que foram mortas e quem é o responsável por matá-las?”; responder a essas perguntas foi o foco final da investigação. “Reunimos uma grande equipe da unidade de Visual Investigations e contamos com dois de nossos colegas de vídeo, Masha Froliak e Yousur Al-Hlou que, por acaso, estavam em Kiev”.

As jornalistas Masha e Yousur chegaram a Bucha poucos dias depois que as primeiras imagens rodaram o mundo. Yousur (2023) afirma que estavam cobrindo o massacre para “hard news”, ou seja, entrevistando cidadãos e filmando a maior quantidade possível de imagens do ocorrido para, depois, estarem disponíveis para o uso em reportagens do NYT. Em meio a essa tarefa, os editores perguntaram se elas estariam interessadas em buscar material adicional de uma natureza “mais investigativa”. Portanto, Yousur afirma que a tarefa lhes foi dada pelos editores em Nova York, mas que, após conversas entre as partes, chegaram à conclusão que Bucha era o local onde queriam dedicar mais tempo para realizar as reportagens.

A guerra ainda estava em andamento, então estávamos baseados em Zaporizhia e poderíamos ter decidido continuar fazendo reportagens em Zaporizhia ou em Donbas. Mas acho que [Bucha] era uma cena dramática demais para ser deixada para trás muito rapidamente. Portanto, o projeto evoluiu de forma natural a partir dessa conversa entre os editores em Nova York e nós, repórteres em campo na Ucrânia. (AL-HLOU, 2023).

Masha afirma que enquanto as duas estavam em Bucha e perceberam a “destruição”, “morte” e os “efeitos da ocupação russa”, perceberam que Bucha era uma “grande cena de crime” e precisavam fazer um trabalho de investigação do ocorrido.

Então, já estávamos conversando com Malachy e decidimos colaborar. É assim que acontece: quando a história é investigativa e pode usar dados de código aberto, você sente isso, você sabe que é isso. E como ele [Malachy] é o principal editor desse tipo de trabalho, entramos em contato com ele. E essa foi uma mistura interessante de uma espécie de “reportagem em campo” e de código aberto (FROLIAK, 2023).

Quando retornaram desta primeira viagem, na qual passaram quatro meses na Ucrânia, trouxeram consigo imagens do ocorrido, dos mortos e da destruição, assim como entrevistas com os cidadãos vizinhos dos mortos e, até mesmo, com um sobrevivente. Esse conteúdo deu origem à reportagem interativa “Novas evidências mostram como soldados russos executaram homens em Bucha”⁷⁷. De acordo com Masha (2023), a reportagem leva o nome de interativa porque, além da parte escrita, “tinha todos os elementos interativos com câmeras de segurança e drone, mas como recursos separados” [não reunidas em um vídeo] (FROLIAK, 2023). Parte do conteúdo presente em tal reportagem está também no vídeo que é alvo da análise deste estudo.

⁷⁷ No original: “New Evidence Shows How Russian Soldiers Executed Men in Bucha”, na grafia original, em inglês. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/05/19/world/europe/russia-bucha-ukraine-executions.html>>

Masha deixa clara a sua interpretação à época de que a história era maior e merecia ser mais trabalhada que apenas esta primeira reportagem. Após explicar como ocorreu esta primeira reportagem, afirma que “queríamos cobrir os assassinatos de 36 pessoas, não de oito. E tínhamos muitos dados e muito sobre o que falar”.

Tal explicação vai ao encontro do que afirma Yousur que classifica o vídeo alvo de nossa análise, uma reportagem que “representa o conjunto do trabalho e o material que coletamos ao longo dos oito meses em que trabalhamos nesta história. Isso não significa que seja tudo” (AL-HLOU, 2023). Também destaca a primeira reportagem sobre o assassinato dos oito homens como a responsável por “começar o ímpeto de nossa reportagem” (AL-HLOU, 2023).

Todos os entrevistados concordam que a apuração necessária a ser feita a partir daquele momento teria como foco definir quais foram os soldados e oficiais russo responsáveis pelas mortes e relacioná-los, por meio de diversas evidências, às mortes. Tal abordagem condiz com o acrônimo apresentado por Haley (2022) que guia a escolha de pautas da equipe *V.O.R.I.*: Visual, Original, Revelatória e Impactante⁷⁸. “O modelo mais básico de uma Visual Investigation é: alguém no poder diz alguma coisa, mas as evidências dizem que não é verdade”. Dessa forma, é notável que a forma de escolha da pauta é comum a demais critérios que baseiam as escolhas de pauta do jornalismo tradicional. Contudo, este caso conta com duas diferenças:

1º) As imagens que motivaram o início da apuração são claros exemplos de Osint e foram verificadas por meio de técnicas de Open Source; técnicas que seguiram sendo aplicadas durante o decorrer da apuração.

2º) O objetivo primário da reportagem não é contar como ocorreram os eventos, mas sim provar a relação da unidade 234^a com as mortes. “O impacto é o mais importante para nós. Então: ‘Vai haver alguma responsabilização a partir disso?’” (WILLIS, 2022).

Esse objetivo da apuração, assim como parte das técnicas usadas para confirmar as evidências que uniam uma unidade específica aos assassinatos, está presente no título disponível para o site oficial do NYT: “Capturado por câmera, rastreado por telefone: A unidade militar russa que matou dezenas de pessoas em Bucha”⁷⁹; e também no título escolhido para a plataforma YouTube: “Expondo a unidade militar russa por trás de um massacre em Bucha | Visual Investigations”⁸⁰.

⁷⁸ No original: Visual, Original, Revelatory and Impact.

⁷⁹ No original: Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/12/22/video/russia-ukraine-bucha-massacre-takeaways.html>>

⁸⁰ No original: Exposing the Russian Military Unit Behind a Massacre in Bucha | Visual Investigations. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IrGZ66uKcl0&t=832s>>

Além de tais títulos, a obra traz a legenda “Registros telefônicos exclusivos, documentos, entrevistas e milhares de horas de vídeo revelam como uma unidade de paraquedistas russos matou dezenas de pessoas em uma rua em março”. Essa linha de apoio com marcações claras como “exclusivos” — quase que sinônimo de competência do jornalismo exibido — deixa clara a vontade editorial de relatar a um possível leitor de que a reportagem lhe apresentará novidades.

Quando perguntado se o modelo de apuração aplicado nesta reportagem tem maior proximidade com os conceitos de *catedral*, tradicional no jornalismo — especialmente em grandes corporações de mídia — ou do modelo *Bazar*, que se baseia na cooperação e nos dados abertos, como definido por Raymond (2002), Malachy responde:

Então — e acho que isso acontece com a maioria das nossas investigações — quando você está em um lugar, uma organização como o New York Times, é um público competitivo e, por isso, você não compartilha suas descobertas, sabe, em tempo real. À medida que você descobre, você vai coletar e analisar, você quer ter certeza de que está certo e, então, acho que nossa investigação se tornou muito mais uma espécie de reportagem tradicional, de ir ao local coletar evidências e depois analisá-las e combiná-las com informações disponíveis na web aberta, reportagem de fonte aberta. Assim, obtemos exclusivamente vídeos de veículos blindados descendo a rua e nossa equipe de Open Source pode dizer: ‘Ok, vamos coletar todos os exercícios de treinamento das unidades que achamos que estão em Bucha e, em seguida, vamos fazer uma identificação manual se pudermos identificar o modelo, o número de série, o logotipo, etc.’ (BROWNE, 2023).

Tal opinião sobre a forma de apuração é compartilhada por Yousur, para quem “nesse caso, o Open Source não foi útil na coleta de material. A maioria dos materiais foi coletada no campo, na Ucrânia.” (AL-HLOU, 2023), mas ressalta que tal abordagem faz desta reportagem “um projeto único”, porque as evidências foram, em sua grande maioria, coletadas por métodos tradicionais como entrevistas e documentos ou dados fornecidos por fontes fechadas. “Você encontra as fontes, obtém as filmagens, os registros ou os dados que não eram de fonte aberta. Isso foi 100% jornalismo tradicional” (AL-HLOU, 2023).

Contudo, a jornalista destaca que, mesmo que grande parte da apuração tenha sido realizada por meio de reportagem tradicional, a parte que usou Open Source — mesmo que pequena em comparação — “foi uma parte muito especial do projeto”. Além disso, sublinha que o processamento do material recolhido a campo em destaque para os procedimentos que visavam somar e estruturar evidências de qual foi a unidade responsável pelas mortes, “foi a maior parte da história que se baseou em Open Source”.

“Acho que, voltando à sua analogia, bem, não é bem construir uma *catedral* a partir do *bazar*. Mas talvez seja como construir templos dentro do *bazar*, se isso faz sentido” (BROWNE, 2023).

Tendo isso em vista, fica claro que a identificação da pauta foi realizada por meio de técnicas de apuração Open Source aplicadas a Osint disponível nas redes sociais à época da

revelação das primeiras imagens do massacre. Contudo, a escolha de realização de uma investigação mais extensa, que resultou no vídeo sob análise, se dá pelo que as jornalistas Masha e Yousur presenciaram localmente em Bucha. Sendo assim, o Open Source foi relevante para uma apuração inicial sobre a veracidade ou não do massacre, mas que foi logo substituída por uma apuração tradicional. Essa foi, posteriormente, suplementada por apuração Open Source quando a pauta passou de entender se o massacre aconteceu ou não — confirmado pela apuração e publicação das primeiras reportagens sobre o assunto, ainda em abril e maio de 2022 e, assim, exaurido — para quem foram os responsáveis por esse massacre, e questões circundantes.

Neste momento, ficam evidentes as equipes que trabalharam de forma “paralela”, sendo elas o time de Open Source, baseado apenas na redação do jornal em Nova Iorque; e a equipe formada por Masha e Yousur que, ora trabalhavam da mesma redação, ora retornavam a Bucha.

4.2.2 - Apuração dos responsáveis pelos assassinatos

Como se pode perceber, essa apuração teve como principal objetivo provar a ligação da unidade russa e seus soldados às mortes. Tal ímpeto foi catalisado pela rápida negativa das autoridades russas quanto a suas responsabilidades para com o ocorrido. Além da premissa natural de que, para haver um assassinato, há de haver um assassino, e que personalizar os responsáveis aumenta a probabilidade de que respondam por isso em um eventual julgamento.

E para chegar à conclusão de quem foram os responsáveis pelas mortes e responder a perguntas formuladas pela equipe ainda no início da apuração, a equipe trabalhou de diferentes formas, mas houve destaque para o *Open Source*. Enquanto Masha e Yousur realizaram três viagens para a Ucrânia, o núcleo da Visual investigations trabalhava em Nova Iorque e, mesmo parte desse time, trabalhava apurando evidências e pistas diferentes, mas todas para responder às mesmas perguntas. Neste estudo, optamos por dividir a análise entre objetivos da apuração em três: como os jornalistas descobriram os nomes dos soldados russos que fizeram ligações telefônicas usando celulares roubados de vítimas ucranianas; como os jornalistas usaram Osint para identificar os veículos que pertenciam à unidade; e a Reportagem assistida por computador realizada de forma experimental.

4.2.2.1- Ligações e números de telefone

“Conversamos com moradores de Bucha que passaram pela ocupação e muitos deles nos disseram que os soldados russos estavam pegando seus telefones ou os destruindo” (FROLIAK, 2023). Quando a campo em Bucha, Masha e Yousur suspeitaram que os soldados russos estavam

usando tais celulares para ligarem para suas casas, na Rússia. A partir disso, começou uma apuração conjunta para aferir tal hipótese, realizada por vários jornalistas e, em alguns momentos, ao mesmo tempo, mas que separaremos em dois para fins de estudo: Apuração Open Source e Apuração Tradicional. “Precisávamos passar por várias camadas de verificação para entender melhor, pois se trata de uma pista séria” (FROLIAK, 2023). Na visão de Masha e Yousur, o assunto precisava de camadas de verificação e a divisão proposta considera, justamente, algumas destas camadas.

Da posse da informação de que soldados russos estavam roubando celulares de moradores de Bucha e formulada a hipótese de que estavam sendo usados para ligar de volta para a Rússia, Masha e Yousur partiram para tentar encontrar documentos que reunissem o histórico de ligações da região, e os conseguiram. Nenhuma das duas revelou qual foi a fonte que lhes entregou os “call logs”, ou seja, os registros de quais números realizaram ligações em uma determinada área. Yousur se limitou a dizer que “algum nível das autoridades ucranianas nos forneceu os números de telefone, não os números de telefone, mas os registros de chamadas” (AL-HLOU, 2023) e Masha afirmou que “recebemos este registro telefônico das ligações das autoridades ucranianas” (FROLIAK, 2023). Sendo este um exemplo claro de *Whistleblower*, de fonte que forneceu informações e dados para a reportagem.

O documento ao qual se referem continha todas as chamadas que se conectaram a Bucha, “mas nesses números pudemos ver que havia números russos, então sabíamos que havia chamadas feitas para a Rússia com base nesse documento, e eram cerca de meio milhão de linhas [linhas da tabela, não linhas telefônicas], portanto, meio milhão de chamadas feitas” (FROLIAK, 2023). Yousur elabora mais a respeito e exemplifica como tais dados foram obtidos pelas autoridades ucranianas para depois serem repassados a elas:

“Não sei qual é o seu plano de celular, mas, em Nova York, eu tenho a AT&T, que é uma empresa que armazena todos os meus dados ou todos os registros telefônicos que estão sendo colocados nas chamadas feitas e recebidas. Assim, eles [a autoridade ucraniana] puderam nos fornecer os registros de chamadas ou ‘a lista de chamadas feitas dentro e fora da área de Bucha naquele mês’. Então, eu acho, não sei como eles fizeram isso, mas eles filtraram para nós, como: no mês de março, quais telefones estavam sendo usados para fazer ou receber chamadas nessa área geral” (AL-HLOU, 2023).

A partir da análise deste documento, as jornalistas começaram a notar padrões como celulares ucranianos ligando para números russos, o que, segundo Yousur, seria algo comum antes da invasão e que não lhes chamaria a atenção. Mas que, devido à guerra, a probabilidade de alguém ligar diretamente para a Rússia era algo notável, porque havia uma divisão social muito grande e, entre os cidadãos ucranianos, um medo de serem vistos como colaboradores do invasor, alguém que está dando informações para a Rússia, ou mesmo um espião.

Portanto, é menos provável que você use sua linha telefônica direta para fazer essa chamada. Então, imediatamente pensamos: essa é uma tendência interessante. ‘Por que tantos ucranianos estão ligando para números de telefone russos?’ E logo percebemos: precisamos analisar esses números de telefone russos para descobrir quem são essas pessoas [que estão recebendo as ligações] (AL-HLOU, 2023).

Neste momento, a única informação que as jornalistas tinham se tratava de uma tabela com números que efetuaram e receberam ligação na região de Bucha durante o período da ocupação. Contudo, ainda não conseguiam saber a quem os números pertenciam, quem usara os telefones para efetuar as ligações ou mesmo quem as recebeu na Rússia.

Quando estávamos identificando os corpos na rua Yablunska e encontrando os parentes dessas pessoas, perguntávamos a eles: ‘você poderia nos fornecer o número de telefone do seu parente que foi morto? Queremos verificar se esse número foi usado após a morte do seu parente (FROLIACK, 2023).

Ao cruzar as informações concedidas pelas fontes sobre os números de celular de seus parentes com os dados do registro de chamadas, puderam identificar que diversos dos celulares levados pelos soldados constavam nos registros; vários destes, fazendo ligações para a Rússia depois que o dono do aparelho já havia sido, há horas, assassinado.

De posse dos números de telefone que ligaram de e para a região de Bucha, os jornalistas aplicaram técnicas de *Open Source* que variam em nível de complexidade. Masha e Yousur começaram a pesquisá-los em redes sociais populares na região (GORHAM, 2014), como o *VKontakte* (VK)⁸¹ e *Odnoklassniki* (OK)⁸².

Primeiro, analisamos as mídias sociais. Basicamente, nós tínhamos um número que foi chamado na Rússia, que era um número russo, certo? Portanto, a primeira camada de nossa investigação em relação a essas evidências telefônicas, a primeira coisa que fizemos foi tentar descobrir a quem esse número pertence. (FROLIACK, 2023)

Neste processo, as jornalistas estavam, de início, pesquisando pelos números de telefones russos de que dispunham nas abas de pesquisa das redes. “Da mesma forma que o Odnoklassniki, o Facebook aprimora os contatos off-line existentes, principalmente ao sugerir que os usuários importem contatos de e-mail para sua conta do Facebook” (GORHAM, 2014, p. 78). Quando um usuário de uma rede social, seja ela qual for, opta por fornecer dados como seu telefone celular, contato de e-mail ou semelhantes, faz com que estas informações estejam vinculadas a seu perfil na rede. Explorando esse vínculo, as jornalistas poderiam apenas pesquisar pelos números que tinham acesso para conseguir como resultado o perfil em tal rede ao qual ele é vinculado.

⁸¹ O *VKontakte* (VK) é informalmente conhecido como o “Facebook russo”. Em 2016, a rede contava com cerca de 81 milhões de usuários na Rússia e quase 28 milhões na Ucrânia.

⁸² O *Odnoklassniki* (OK) surgiu em 2006 e é geralmente considerada uma rede para os segmentos sociais mais baixos (GORHAM, 2014).

Contudo, como se pode imaginar, tal vínculo pode ser explorado por outros investigadores ou mesmo governos e expor os usuários a vulnerabilidades. Portanto, algumas redes — como o Facebook, por exemplo — deixaram de cooperar com um usuário que busca por números de telefone, especialmente se privados, em sua ferramenta de busca.

Mas esta mudança em relação à disponibilidade dos dados pessoais vinculados aos perfis é, mais ou menos, recente. Da mesma forma que episódios semelhantes já ocorreram em países como Estados Unidos e Brasil, agências estatais e redes sociais russas tiveram parte de seus dados vazados em diversos momentos. Então, se um usuário havia vinculado seu número de telefone ao seu perfil na época em que dados foram vazados, esse vínculo ainda pode ser observado nas bases de dados.

Nenhum dos entrevistados deixa claro se o OK ou o VK cooperaram com a busca, porém, Yousur explica como usaram bots do Telegram para pesquisar pelos números em meio a grandes quantidades de dados russos vazados, quando as redes não cooperavam:

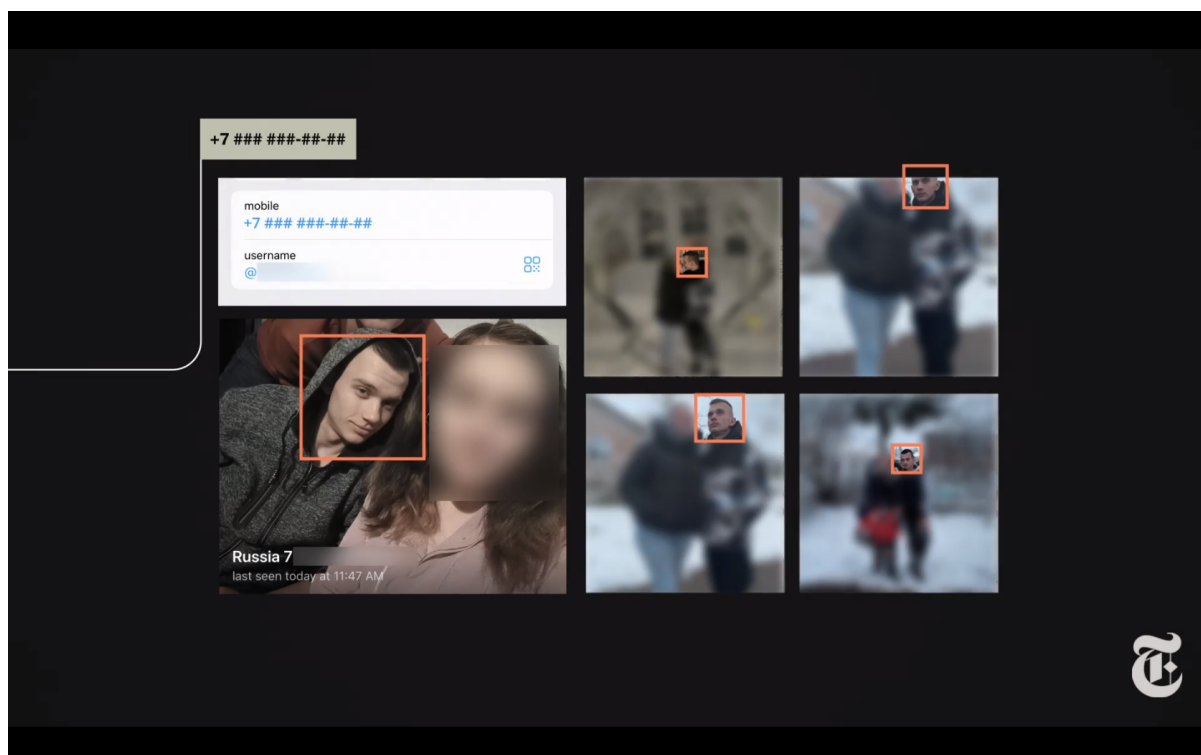
É algo como um grupo de telegram que é criado. É como se fossem resultados gerados automaticamente. Então, se você encontrar o bot certo, ou o “grupo certo, você pode digitar um número de telefone e ele produz resultados de dados russos vazados. Isso não está atualizado. Depende de quando esses dados foram vazados. (AL-HLOU, 2023).

Além das funções do Telegram, Yousur explica que existem alguns sites que também pesquisam dados russos vazados, e destaca os que buscam “dados de fotos russas”. Aqui aparece uma combinação com outra técnica Open Source — muito menos complexa — que, quando juntas, aumentam a precisão das buscas: Masha e Yousur passaram a adicionar como novos contatos em seus celulares cada um dos números a que tiveram acesso. Aplicativos de mensagem instantânea como WhatsApp, Viber e Telegram mostravam às jornalistas, de forma automática, se aquele novo contato recém-adicionado também usava alguma dessas plataformas. Desta forma, dependendo das opções de privacidade que haviam sido escolhidas pelos cidadãos russos que receberam as ligações, os jornalistas tinham rápido acesso a fotos de perfil, nomes e mesmo outras redes sociais que estavam vinculadas aos seus números.

A partir das fotos e demais dados que esse processo fornece, os jornalistas as colocavam nos já citados sites que pesquisam por dados vazados e, se a plataforma encontrasse vínculos “às vezes ela lhe dará a página do VK ou do Ok dessa pessoa. Portanto, esse é o tipo de informação que está aberta para todos usarem” (AL-HLOU, 2023). “Às vezes, encontrávamos avatares ou, basicamente, fotos de uma pessoa e, muitas vezes, havia uma namorada, uma mãe ou uma amiga para quem o soldado estava ligando” (FROLIAK, 2023).

Mesmo que funcional, tal processo era penoso para as jornalistas, já que precisavam adicionar um a um dos contatos em seus telefones e realizar uma busca aprofundada a partir de cada um dos dados obtidos. Sem deixar de considerar a explicação de Yousur de que, devido a uma falta de energia por parte significativa do tempo em que a cidade ficou ocupada por soldados russos — o que impediu que as ligações ficassem gravadas nos *call logs* por que as antenas de telefone locais estavam inoperantes — os jornalistas baseados em Nova Iorque tentaram acelerar o fluxo de pesquisa aplicando técnicas inovadoras e experimentais de Reportagem assistida por Computador (RAC), com destaque para Ishaan Jhaveri, especialista na área que terá sua atuação destacada em um capítulo seguinte.

Mas, além de penoso, até este momento o que os jornalistas tinham à disposição eram indícios das identidades dos russos que receberam as ligações que partiram de Bucha, ainda sem conhecimento das identidades dos presentes na cidade, que era seu principal objetivo. Neste momento, começou a apuração definida por Masha como “busca reversa”. Esse processo consistiu em, usando os perfis nas redes e os nomes que obtiveram a partir da primeira etapa, procurar por alguém na família dos remetentes das ligações que pudesse ser um soldado (FROLIAK, 2023).



Para identificá-los, em um primeiro momento, os jornalistas navegavam pelos perfis dos possíveis soldados para buscar “qualquer evidência de que eles eram militares” (AL-HLOU,

2023). Como fica claro no vídeo, para tal confirmação bastava encontrar uma única imagem destes homens vestidos com seus uniformes militares.

Por meio deste processo, que se valeu quase que exclusivamente de informações Open Source, a equipe pode definir um número considerável de soldados que estavam intimamente ligados à cidade e aos assassinatos, pelo fato de terem usado os telefones dos residentes assassinados. Com tudo isso, a equipe construiu “uma rede completa de conexões entre essas pessoas e, no final, encontramos os nomes dos membros da família e também da maioria dos soldados” (FROLIAK, 2023). A partir destes dados, e de informações colhidas a campo, havia uma abundância de indícios que denotavam que a maioria destes soldados faziam parte da 76ª Divisão e a maioria deles era especificamente do 234º Regimento.

Contudo, a equipe ainda não estava satisfeita em afirmar que as pessoas que encontram por meio dessas pesquisas eram as responsáveis pelos supostos crimes de guerra.

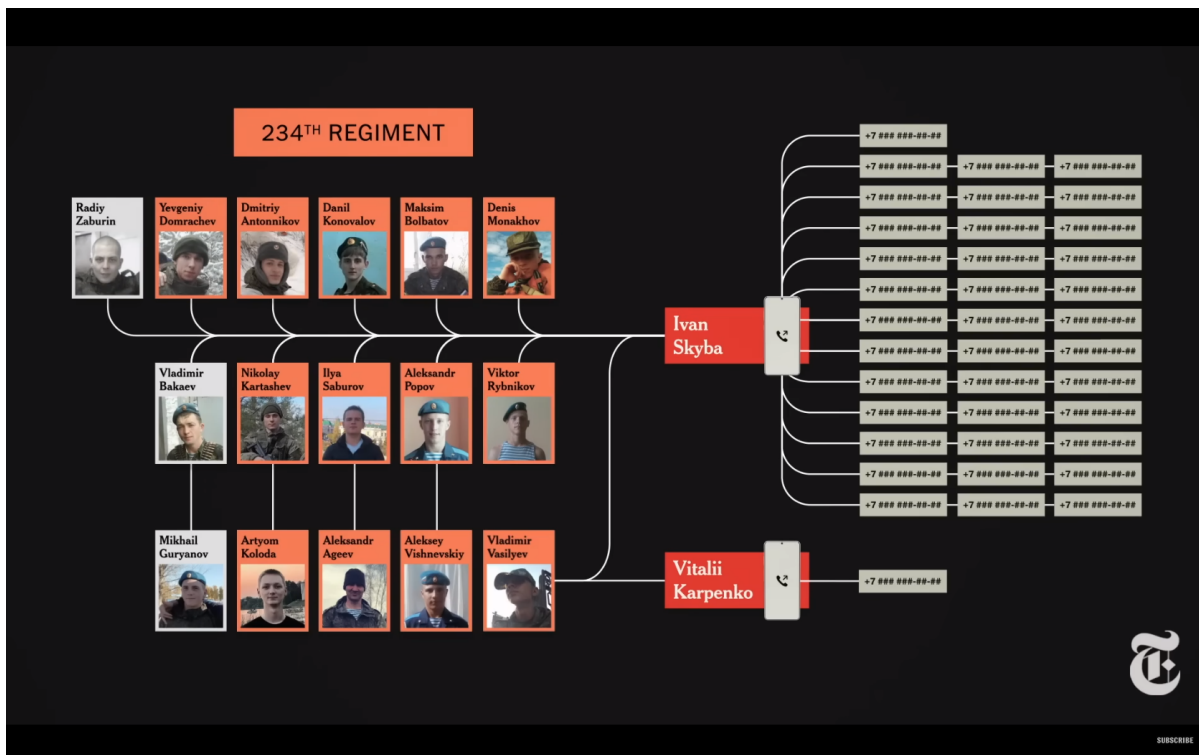
Então, agora tínhamos duas coisas que queríamos fazer, além disso. Uma é verificar, fazer outra camada de verificação da identidade deles. Porque, o que acontece se eles mudarem o sobrenome nas mídias sociais? Sabe, sempre temos que questionar tudo. Portanto, precisamos fazer duas coisas: ter certeza de que se trata ‘desta pessoa’, que este é o nome dela, e que ela está de fato nesse regimento que não está em algum outro tipo de regimento que nem esteve presente em Bucha (FROLIAK, 2023).

O uso de técnicas Open Source para esta apuração demonstra que algumas dessas técnicas são de baixa complexidade, sem abdicar da eficiência. Seu emprego permitiu que as jornalistas alcançassem um alto nível de precisão quanto aos responsáveis pelos assassinatos: dentre um efetivo estimado em 1,15 milhões de homens⁸³ que fazem parte do exército russo, a reportagem foi capaz de nomear e encontrar fotos dos 22 homens que estiveram mais próximos do assassinato de 36 pessoas, em uma única rua, em uma região em que pelo menos 458 civis foram encontrados mortos.

Contudo, assim como apontado por Malachy, Masha e Yousur (2023), o que permitiu que a reportagem alcançasse esse nível de assertividade não foi a apuração Open Source isolada, mas a sua união com métodos e técnicas tradicionais.

Se não falássemos com os moradores locais, não saberíamos que os russos estavam capturando telefones, e isso também foi uma evidência muito importante para nós nessa investigação. Portanto, foi uma combinação dos dois: fonte aberta e reportagem de campo (FROLIAK, 2023).

⁸³Disponível em: < <https://tass.com/defense/1554075>> (fonte russa) e em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/russia/#military-and-security>> (fonte ocidental)



Para adicionar mais uma camada de verificação para as informações que haviam sido coletadas e processadas por meio das técnicas de Open Source já discutidas, Masha e Yousur fizeram o mais lógico que lhes restava para a apuração: ligar para os números de telefone.

Sem dar muitos detalhes sobre a forma da obtenção, Masha destaca que começaram a “ligar para uma unidade militar em Pskov” (FROLIAK, 2023). Como a este ponto os jornalistas já suspeitavam da relação da 234º Regimento de Ataque Aéreo de Guardas do exército russo, uma rápida pesquisa na internet em sites de fonte aberta como a Wikipédia retorna ao pesquisador a informação de que este regimento sob suspeita é baseado na cidade de Pskov, ao noroeste da Rússia, a cerca de 20 quilômetros da fronteira com a Estônia.

Encontramos um número interno que era uma espécie de ‘número de recepção’ onde as pessoas... na verdade, acho que estavam falando com suas famílias e, portanto, basicamente nos forneciam informações: ‘Esta pessoa está servindo em suas unidades?’ e eles confirmavam. Assim, uma vez que tivéssemos os nomes, você confirmaria com as unidades militares e obteríamos essa camada de confirmação: “sim, essa pessoa está servindo conosco”. Isso foi muito importante (FROLIAK, 2023).

Esta confirmação que estava sendo fornecida pelos responsáveis pela comunicação da unidade russa em Pskov, somada à anterior obtida por meio de métodos Open Source, poderia ser suficiente para a publicação das informações. Contudo, uma terceira camada ainda foi apurada pela equipe, para que os soldados também tivessem a chance de se pronunciar e explicar o

ocorrido. “Vamos telefonar para as famílias e pedir para falar com os soldados, porque queremos dar a eles a chance de falar conosco e explicar o que aconteceu” (FROLIAK, 2023).

Masha é ucraniana e também fala russo fluentemente, portanto era a responsável por conversar diretamente com os recepcionistas, as vítimas, os familiares e os soldados. “Masha e eu coletamos todas as informações, coletamos todos os nomes e preparamos uma lista de perguntas juntas. Eu não falo russo, então estava ao telefone, mas em segundo plano” (AL-HLOU, 2023). “Eu falava diretamente, mas Yousur estava ao telefone comigo e, para cada caso, tínhamos que planejar como falar com essa pessoa” (FROLIAK, 2023).

Essas chamadas ocorreram dias e meses após o ocorrido, portanto, alguns soldados poderiam estar em casa devido à prática militar comum de rotação de tropas, em que soldados cumprem um determinado tempo de serviço a campo e, depois, retornam para casa para outro de descanso. De acordo com Yousur, algumas destas ligações foram realizadas próximas a um feriado russo, o que também pode ter ajudado a encontrar os soldados em casa.

Algumas famílias decidiram falar, outras bateram os telefones na nossa cara. Alguns soldados optaram por falar, outros bateram os telefones na nossa cara. Acho que, quando se faz ligações delicadas como essa, é uma aposta. É uma proporção. Portanto, se você tiver cem números de telefone, talvez trinta atendam, talvez vinte conversem, talvez dez fiquem ao telefone por mais de um minuto e talvez cinco falem com você e talvez um lhe conte sobre um possível crime de guerra (AL-HLOU, 2023).

Quando perguntada sobre a abordagem escolhida, Yousur explica que sua comunicação também tinha como objetivo ouvir a “versão da história”, o lado dos soldados e, portanto, não lhes impugnar nenhum crime. “Dizíamos: ‘quero entender o que seu filho passou’, ou seu irmão, ou seu primo, e ‘podemos falar com eles? Se por acaso estiverem na sala com você?’” (AL-HLOU, 2023).

É um processo difícil e alucinante falar com esses soldados russos e suas famílias, sabendo que eles estavam em um lugar e bem perto das pessoas que foram mortas. Essa foi a última peça de um quebra-cabeça: fazer essas ligações (FROLIAK, 2023).

Masha reforça que fizeram estas ligações “para acrescentar uma terceira camada de verificação. Portanto, não era nossa principal prova, porque já tínhamos feito a prova [verificado], mas queríamos apenas fazer uma verificação extra” (FROLIAK, 2023). Ao que complementa que, em alguns casos, as próprias famílias lhes informaram que os parentes estiveram em Bucha. “Portanto, é apenas uma forma de nos tornar muito sólidos na análise dessas evidências e na apresentação desses fatos” (FROLIAK, 2023).

Por uma escolha ética, e também orientação do veículo, sempre se apresentavam como jornalistas do New York Times que estavam ligando para conversar sobre o ocorrido em Bucha, com o que um parente da pessoa do outro lado da linha poderia estar envolvido.

Às vezes isso ajuda, às vezes prejudica. Às vezes as pessoas nem sabem o que isso significa. Sempre foi uma aposta. Acho que o mais importante é que, mesmo para as pessoas que fecham os telefones na nossa cara, nós ainda assim as acompanhamos (AL-HLOU, 2023).

Explica que seguiam em contato com a fontes por outros meios, como aplicativos de mensagem, para seguir perguntando e tentando confirmar informações sobre os militares.



E mesmo que desconfortáveis em fazer estas ligações delicadas e conversar com parentes de possíveis criminosos de guerra, Masha e Yousur se expressaram como certeza de que esta confirmação adicional era necessária e relevante para aferir e enriquecer a história; mesmo que os áudios dessas chamadas não estejam presente na reportagem. “Em primeiro lugar, como repórter, você precisa fazê-las [as ligações para os familiares] e, em segundo lugar, precisa dar o melhor de si para mantê-los ao telefone e ser honesto” (AL-HLOU, 2023).

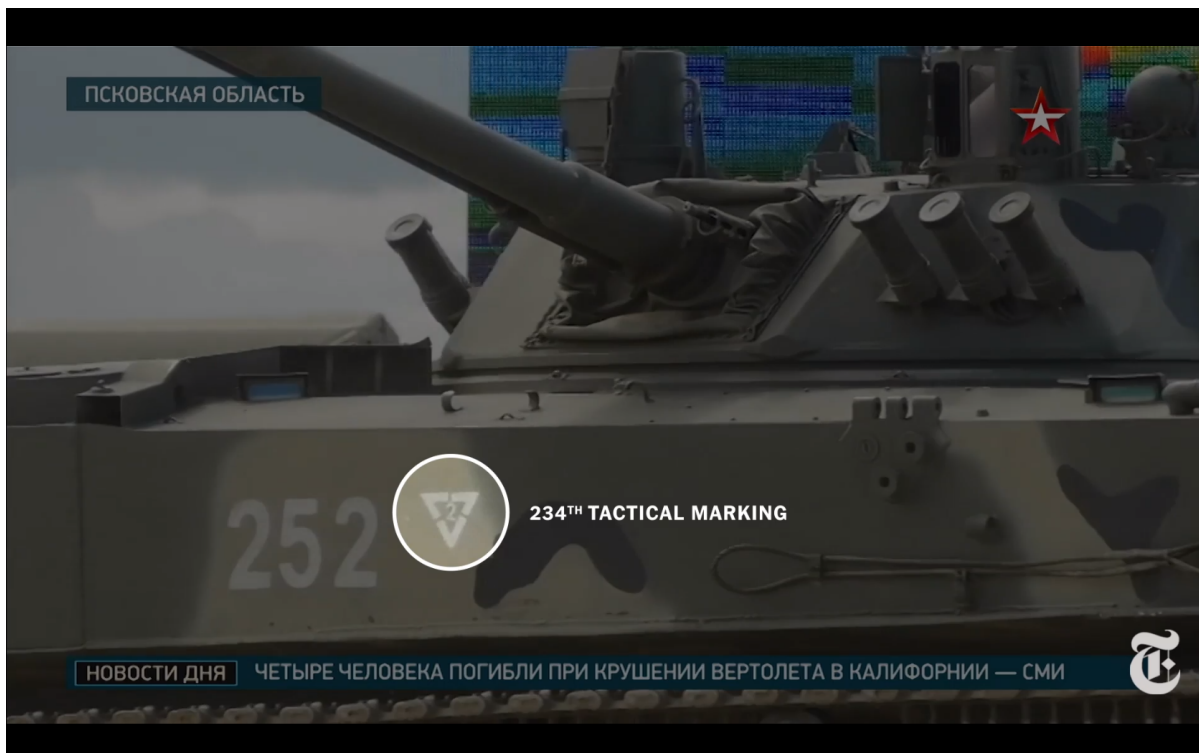
Ainda em busca da possibilidade de responsabilização, um processo semelhante — realizado de forma parecida e verificado em camadas — a equipe chegou a identidade do comandante da unidade que esteve presente a campo, presenciou diversas das mortes de civis e não agiu para impedi-las: Tenente Coronel Artyom Gorodilov. Responsável pelo comando do 234º regimento, Gorodilov teve sua identidade confirmada por documentos encontrados no local que revelam seu codinome nas transmissões de rádio (*URAN*), entrevista com um soldado capturado. Mas, além disso, o que permite ao público que assiste ao vídeo ter maior esclarecimento sobre a identidade do militar são as imagens dele na Bielorrússia, dias antes do

ataque, anteriormente em uma parada militar e, posteriormente, sendo promovido na hierarquia na mesma semana em que as imagens do massacre de Bucha começavam a circular pelas redes; todas encontradas por meio de apuração Open Source, “que consistem apenas em procurar imagens dele no VK, YouTube e Facebook” (AL–HLOU, 2023).

4.2.2.2 - Apuração usando Osint para identificar os veículos

A partir das imagens captadas pelas câmeras de segurança e obtidas em campo por Masha e Yousur, a equipe de Open Source do NYT identificou as insígnias e marcações que constavam nos carros de combate presentes em Bucha. Mesmo em instituições militares, os veículos têm marcações externas que definem de qual exemplar de um modelo específico de veículo se trata e a qual unidade pertence — semelhante a placas de carro. Se confirmada, esse tipo de informação se cristaliza como uma grande evidência de que a unidade a que os veículos estão ligados esteve em Bucha, já que as marcações são dados oficiais do exército, tendo sido marcadas, pelos fabricantes. Tanto é o caso que, como mostra a reportagem, diversos dos veículos tiveram suas insígnias cobertas pelos soldados, a fim de escondê-las.

Por meio da análise das imagens, o time de Open Source (OS) pode confirmar que pelo menos 4 dos veículos presentes no local e no momento em que civis estavam sendo mortos eram veículos do 234º Regimento de Ataque Aéreo de Guardas do exército russo. Todos os veículos tinham um padrão de um número de 3 dígitos e uma insígnia — semelhante a um triângulo invertido com um número 2 ao centro — como símbolo que marca todos os veículos que fazem parte da unidade.



Com a informação da insígnia que definia a unidade, o número que marcava cada veículo e de posse da informação sobre o modelo de cada um dos carros, os jornalistas baseados em Nova Iorque cruzaram as informações com imagens e vídeos disponíveis na internet: como mostra a reportagem, fotos dos veículos 321 e 202 foram encontradas num banco de imagens de arquivo de um exercício militar realizado em setembro de 2020 em Belarus. Já os veículos 282 e 270 foram encontrados em vídeos disponíveis no Telegram da *Voyen TV* — televisão ligada ao Ministério da Defesa Bielorrusso — sendo transportados da Rússia para a Bielorrússia em fevereiro de 2022, poucos dias antes de as tropas partirem de lá para o território ucraniano.



Veículos presentes em Bucha que podem ser vistos pelas câmeras de segurança.



O mesmo veículo encontrado em fotos de arquivo de um exercício militar realizado pela unidade em 2020, na Bielorrússia.



Fotos dos mesmos veículos encontradas em matéria jornalística disponível no Telegram da *Voien TV*, ligada ao Ministério da Defesa Bielorrusso, sendo transportados da Rússia para a Bielorrússia em fevereiro de 2022, poucos dias antes de as tropas partirem de lá para o território ucraniano.

Mesmo que este cruzamento de informações pareça, agora, mais do que óbvio, a equipe não tinha acesso a nenhum registro interno ou a dados fornecidos pelo exército russo. Portanto, recorreu ao Open Source para tentar encontrar evidências visuais que permitiriam a aferição de que: um veículo com as mesmas cores, modelo e número de identificação que aparece presente em treinamentos no passado ou em deslocamento para a Ucrânia, se trata do mesmo veículo que aparece presente em Bucha.

[As imagens de treinamentos militares] estavam lá fora, estavam no Telegram ou em algum lugar assim [...]. Acho que o ‘Dima’ [Dmitriy Khavin] apenas as encontrou. Obviamente, ele estava à procura delas, mas ele estava apenas vasculhando os canais no Telegram [quando as encontrou] (BROWNE, 2023).

Mesmo que sejam evidências fortes, este fluxo de reportagem ganha ainda maior credibilidade quando aliados às atingidas por meio dos fluxos de reportagem anteriores. Evidências que confirmam que veículos que pertencem a uma unidade específica estiveram no lugar e no momento dos assassinatos não é forte o suficiente para definir que os soldados daquela unidade foram os responsáveis pelas mortes. Veículos são objetos inanimados e precisam de operadores, porém as qualidades técnicas para operá-los não são exclusivas desta unidade,

podendo ser apenas pertencentes a uma das unidades, mas naquela operação em específico, estarem sendo operadas por outra, por exemplo.

4.2.2.3- Reportagem Assistida por Computador (RAC)

Ainda em busca de tentar confirmar qual era a unidade do exército russo responsável pelos assassinatos — com foco em esclarecer quais eram os soldados que a compunham — a equipe passou a usar, de forma “experimental” (BROWNE, 2023), técnicas de Reportagem Assistida por Computador (RAC). O uso destas técnicas só foi possível por que o jornalista Ishaan Jhaveri, especialista em RAC “entrou no projeto mais ou menos na metade” (BROWNE, 2023) se juntando à equipe em junho de 2022.

Sem desconsiderar a pertinência do trabalho realizado por Ishaan, Malachy (2023) faz uma ressalva de que “quase todas as reportagens que obtivemos foram feitas por meio de métodos de fonte aberta e das reportagens tradicionais em campo que Masha e Yousur coletaram” (BROWNE, 2023). Contudo, como será explicado mais a frente, parte da atuação de Jhaveri buscou acelerar processos que eram realizados com maior penar pelos outros jornalistas. Devido a tal finalidade, a sua atuação e por se tratar também de um tipo de apuração Open Source, este estudo discorrerá sobre elas abaixo.

Tínhamos muitas centenas de horas de filmagem de câmeras de segurança, então as enviamos para uma plataforma de Inteligência Artificial, uma plataforma de Visão Computacional para tentar condensar a quantidade de filmagem a que teríamos que examinar, foi uma coisa que experimentamos. Mas, quando obtivemos os resultados, já tínhamos assistido ao material de qualquer maneira (BROWNE, 2023).

Além da atuação que buscava otimizar o trabalho quanto às imagens de câmeras de segurança que teriam de ser assistidas por meio de filtros, Ishaan também atuou na filtragem de bancos de dados que contavam com “informações relacionadas aos soldados russos e com informações de registro de veículos, registros postais da Bielorrússia de soldados que enviaram mercadorias da linha de frente para a Rússia quando voltaram para a Bielorrússia” (BROWNE, 2023). Para manipular estes dados, Malachy aponta que Ishaan programou um “exercício de engenharia de dados” em que organizaram todos os bancos e as informações para que os demais repórteres pudessem verificar rapidamente os registros e todas as informações relacionadas a determinados soldados em suas unidades.

Em outra frente, a reportagem assistida por computador de Ishaan começou a refinar a análise de dados Open Source. Em uma reunião de pauta, a equipe chegou à conclusão de que poderia definir qual unidade do exército russo esteve presente em Bucha se encontrassem soldados russos que morreram na região e conseguissem identificar de que unidade pertenciam.

Foi quando Ishan afirmou que poderia programar para que o computador fizesse esta busca. Desta forma, o código de Ishan fez com que sua máquina começasse a baixar milhares de arquivos que estavam abertos a qualquer um que os procurasse na internet. Tais arquivos estavam presentes em redes sociais, mas poderiam estar em diversas outras “localidades” da internet, desde que abertas. Esta primeira etapa buscava formar uma grande base de dados, mas, devido à abundância de conteúdo relacionado ao conflito, tal base acabava por estar repleta de conteúdo que não interessava à reportagem.

Ele estava baixando todas essas postagens sobre pessoas sendo mortas, mas obviamente era muito poluído. Então, ele aplicou um filtro, que é um filtro de visão computacional, porque a maioria das famílias, se fosse seu ente querido, tinha uma foto do soldado de uniforme, então ele fez a coleta e aplicou o filtro de: somente se houvesse alguém de uniforme olhando para a câmera, o que criou uma espécie de lista de soldados de altíssima qualidade (BROWNE, 2023).

De acordo com Malachy este procedimento foi repetido, com filtros semelhantes, para as vítimas que estavam desaparecidas ou mortas em Bucha, sabe, e assim por diante, nas mídias sociais.

Por fim, a terceira e última forma na qual RAC foi utilizada nesta reportagem também envolveu a aplicação de filtros em imagens Open Source presentes nas redes sociais. Enquanto Masha e Yousur inseriam manualmente cada um dos números de telefone presentes nos registros em seus próprios celulares, Ishan realizou uma apuração paralela

Ishaan pegou todos esses números de telefone, criou um telefone Android virtual em um computador, passou todos os quatrocentos mil números e fez essa verificação automática usando os aplicativos de várias plataformas de mídia social e aplicativos de mensagens diferentes e, assim, criou outro banco de dados que tinha um perfil anexado a todos esses números de telefone (BROWNE, 2023).

Este processo também resultou em um banco de dados com “dados visuais”, no momento em que foram cruzadas com as informações visuais anteriores, obtidas por Masha e Yousur, ou pela “raspagem das fotos destas pessoas na internet” — procedimento que análogo ao realizado manualmente pelas jornalistas, só que automatizado. A partir deste banco de dados visual, o

jornalista especializado em RAC aplicou um filtro de “correspondência facial” que comparava as imagens captadas pelas câmeras de segurança em Bucha com as retiradas das redes sociais e as imagens de arquivo dos exercícios militares, para tentar definir se se tratavam das mesmas pessoas. Essa tentativa de observar as correspondências entre as diferentes imagens buscava ver onde era possível encontrar correspondências entre esses três conjuntos de dados diferentes e, de acordo com Malachy (2023), encontrou algumas correspondências.

Portanto, trata-se de uma reportagem realmente inovadora, mas, nesse estágio, isso estava perto do fim do nosso processo de reportagem e Masha e Yousur já haviam identificado muitos dos soldados e falado com eles também usando a reportagem tradicional (BROWNE, 2023).

Desta forma, como se pode aferir a partir dos passos cumpridos por Jhaveri, e relatados por Browne, seus métodos de trabalho envolvendo reportagem assistida por computador (RAC) diferem do comum praticado pela grande maioria dos jornalistas e mesmo de seus pares no New York Times. Conteúdo, como apontado por Lage (2001), o jornalismo é uma profissão na qual o “grande profissional” e o “grande artífice” são confundidos, sendo os métodos e as experiências entendidos como equivalente e até mais relevantes que os conhecimentos para a avaliação de um bom jornalista e por consequência, de um bom jornalismo.

Assim, mesmo que Jhaveri não tenha estado em Bucha, não tenha conversado com fontes ou mesmo escrito uma só linha de texto para as reportagens, este estudo entende que sua atuação deve ser entendida como de um jornalista diferente — nem melhor, nem pior, mas diferente. Sendo o jornalismo uma disciplina da área de comunicação, mas que também tem afinidades com as ciências humanas, são, proporcionalmente, raros os exemplos de jornalistas que se dedicam a áreas profundamente como a programação e os códigos escritos por Jhaveri. Isso explica o fato dele ser o único dentre os 15 jornalistas destacados com essa função, mesmo que os outros também disponham de notáveis conhecimentos de computação e Open Source. Também devido a isso, escolhemos destacar a atuação de Jhaveri nesta sessão do estudo, separadamente de seus pares.

Como definido por Browne (2023), a RAC aplicada na apuração da reportagem foi “experimental”, o que pode parecer dar-lhe um papel de menor importância. Contudo, este estudo entende que, mesmo que em um papel de coadjuvação, a aplicação dos códigos e máquinas virtuais de Jhaveri acabar por, no pior dos casos, adicionando um outra camada de verificação às informações já encontradas por meio da pesquisa realizada anteriormente e nas mesmas bases de dados, por Masha e Yousur, mas de forma agora computadorizada e otimizada em relação ao

tempo de duração. Ao passo que catalisa a velocidade da apuração realizada por seus pares, também as ratifica e confirma as informações encontradas.

4.2.3 Discussão

Após entrevistar profissionais do núcleo de Visual Investigations do New York Times, entendemos se tratar uma série de reportagens já consolidada e reconhecida, seja pelo público ou pelos demais jornalistas. Ganhando diversos prêmios e tendo milhões de visualizações em suas publicações, as publicações das Visual Investigations não se enquadram em experimentais, mas seguem sendo inovadoras e competentes. Em entrevista, Browne afirma que, quando convidado a explicar aos editores da companhia os métodos de apuração que sua equipe usava, recebeu como resposta deles que “é apenas apuração, mas de uma maneira diferente”. Acrescenta que hoje seus pares já têm conhecimento das práticas que a unidade usa e as entendem e apoiam.

Mesmo com isso, como afirmam Malachy e diversos dos jornalistas em declarações anteriores e mesmo a descrição da equipe na página oficial do jornal, sua intenção não é suplantiar as técnicas tradicionais do jornalismo, mas sim aliá-las a técnicas inovadoras. Com isso, as reportagens anteriores da unidade costumam ser, como definidas por Yousur, realizadas “desde uma mesa em Nova Iorque” (AL-HLOU, 2023), sem deslocamento até o local, usando quase que exclusivamente vídeos de testemunhas oculares (UGI). Desta forma, na reportagem sob análise, a quantidade de informação e evidências que costumava se basear em maior quantidade no Open Source, teve suas porcentagens investidas, agora se baseando mais em reportagem tradicional do que em Osint.

Contudo, características comuns a qualquer *tipo* de bom jornalismo, como a criteriosa apuração e verificação das informações, se manteve presente. Dado que verificação é mesmo a essência do jornalismo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014), seja ela realizada por meio de técnicas tradicionais ou alternativas, sua finalidade segue sendo aplicada.

Em “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”, técnicas de jornalismo Open Source foram aplicadas em apenas três momentos da apuração, mas que foram de importância igual, ou superior, que as demais.

Há uma grande diferença entre relatar os fatos ocorridos a partir de relatos dos vizinhos, documentos encontrados no local ou mesmo imagens que capturam os movimentos das tropas e mesmo civis sendo mortos. Tais evidências são, sem dúvidas, fortes o suficiente para sustentar uma narrativa jornalística e relatar ao público os fatos ocorridos. Contudo, ao adicionar a camada seguinte, realizada primariamente por técnicas de Open Source — e depois complementadas com

mais jornalismo tradicional — a identificação da unidade e mesmo dos soldados que a compõem eleva ainda mais a força do jornalismo praticado e das evidências reunidas. Não apenas a identificação, mas também a apresentação dos nomes e das fotos dos soldados e dos comandantes da unidade, se soma a essa força.

Todas essas informações, se provenientes de apuração com Open Source ou não, são apresentadas no vídeo usando os mesmos elementos de “apontamentos de verdade” que costumam ser usados em obras anteriores (BJERKNES, 2022). Nominalmente, “narrativização (A distribuição e organização de artefatos visuais)”, “esquemas de codificação (Classificando e interpretando o ‘visual’)” e “Sincronização, justaposição, inscrições e técnicas de destaque” (BJERKNES, 2022).

5 - Considerações finais

Em síntese, ao longo deste trabalho, examinamos o papel fundamental das técnicas de jornalismo Open Source na apuração da reportagem que permitiu à equipe de Visual Investigations do New York Times identificar os responsáveis pelo massacre de civis desarmados em Bucha, no contexto da invasão russa da Ucrânia. Nossa investigação teve como objetivo central compreender a relevância da aplicação dessas técnicas no âmbito das Visual Investigations, possibilitando a apuração de informações que de outra forma seriam inacessíveis e permitindo a abordagem única de identificar e ilustrar com suas fotos os responsáveis pelo massacre.

Na fundamentação teórica, exploramos a natureza distinta do jornalismo Open Source, diferenciando-o das práticas tradicionais, mas também ressaltando as semelhanças e características que o tornam uma abordagem única no campo jornalístico. Demonstramos que, apesar de sua juventude como prática, o jornalismo Open Source já conquistou reconhecimento e impacto, como exemplificado pelas conquistas da reportagem em questão, que ganhou o Prêmio Pulitzer e foi indicado ao Emmy.

Nossos objetivos delineados na pesquisa foram plenamente atingidos. Por meio das entrevistas com profissionais envolvidos no processo, como Masha Froliak, Yousur Al-Hlou, Malachy Browne e Barbara Marcolini, examinamos as principais técnicas de OSINT (Open Source Intelligence) empregadas pela equipe do New York Times. Isso permitiu compreender como informações públicas e fontes de dados abertos foram habilmente exploradas para construir uma narrativa detalhada e precisa. Em seguida, avaliamos a efetividade dessas técnicas, demonstrando como elas superaram as limitações das abordagens tradicionais de jornalismo, permitindo uma investigação aprofundada e a identificação dos responsáveis pelo massacre. Além disso, analisamos como a equipe escolheu apresentar essas técnicas no vídeo, entrelaçando-as com outros elementos da apuração.

Ao mesmo tempo, as entrevistas e a análise permitiram inferir como parte da filosofia do movimento Open Source e alguns de seus valores foram, conscientemente, excluídos dos processos e práticas da reportagem. O modelo de trabalho “derivado” do movimento Open Source — Bazar (RAYMOND, 2002) — conta, fundamentalmente, com maiores doses de cooperação do que o modelo aplicado pelos jornalistas do NYT. Este está muito mais próximo do modelo Catedral (RAYMOND, 2002), devido à sua lógica de busca pela exclusividade e à circunscrição de informações a um núcleo pequeno de jornalistas enquanto da decorrência da apuração — tal lógica também aparece nos momentos em que a reportagem enfatiza a

exclusividade e o pioneirismo do conteúdo que está sendo apresentado, em um raciocínio comum ao *furo jornalístico*. “Quando se está em um lugar como, uma organização como o New York Times, é um público competitivo e, portanto, você não vai compartilhar suas descobertas, sabe, em tempo real, à medida que as descobre” (BROWNE, 2023). Todavia, valores como o da transparência estão fortemente presentes na obra, já que parte significativa parte de sua apresentação é composta por momentos de explicação e detalhamento de como as imagens ou informações foram obtidas.

Assim, este estudo conclui — quanto ao enquadramento desta obra em jornalismo Open Source ou não — que a reportagem se enquadra apenas parcialmente no conceito, já que opta por não incluir parte de sua filosofia por escolhas narrativas e comerciais. Contudo, também entende que o senso de altruísmo, o interesse público e a assertividade proporcionados pela aplicação do jornalismo Open Source em tal reportagem suplanta quaisquer implicações de catalogação ou delimitação de enquadramento de conceitos.

Dessa forma, este estudo evidenciou o valor intrínseco das técnicas de jornalismo Open Source — e de alguns de seus valores — no momento atual da sociedade e do jornalismo, destacando como elas expandem as fronteiras da narrativa jornalística ao fornecer evidências que de outra forma poderiam permanecer ocultas. Através da análise das entrevistas com os realizadores da reportagem, confirmamos não apenas a relevância acadêmica deste campo jornalístico e desta obra, mas também sua capacidade de envolver o público em narrativas complexas e cruciais para o entendimento de um evento tão delicado e importante para quem preza pelos direitos humanos.

À medida que concluimos esta pesquisa, entendemos que a reportagem “Caught on Camera, Traced by Phone: The Russian Military Unit That Killed Dozens in Bucha”, representa uma ferramenta poderosa para revelar a verdade por trás de um evento complexo e impactante, ao mesmo tempo, relevante e de interesse público.

Ao mesmo tempo, devido ao reconhecimento do veículo e da equipe, está servindo de inspiração e base para a formação de outros núcleos em veículos de mídia tradicionais. Como apontado por Malachy Browne (2023), diversos veículos de países diferentes têm implementado núcleos de reportagem semelhantes aos que comanda, ao que o presente estudo pode contribuir como revelador de informações a respeito das práticas aplicadas, raciocínios desenvolvidos e escolhas tomadas por alguns dos precursores deste tipo de apuração e apresentação de apurações realizadas por meio de Osint.

Ademais, o realizador deste estudo entende que recolheu valiosas informações e conhecimentos por meio da pesquisa e análise despendidas para sua confecção. Além dos

conteúdos aprendidos pela troca direta com jornalistas tão experientes e premiados, muito foi adquirido por meio da pesquisa bibliográfica e do processo de escrita deste texto. Grande parte do que foi aprendido enquanto da realização deste trabalho servirá de base ou será mesmo aplicado pelo realizador em sua carreira como jornalista.

Tendo isso em vista, cabe tratar sobre o futuro do jornalismo que tem Osint como sua metodologia. Ao mesmo tempo, em que essa liberdade de acesso a informações e a capacidade de condensá-las aumenta, também aumentam as tentativas de usurpar e enganar os investigadores. Possibilidades, inclusive no Brasil, como a obrigatoriedade de uso de câmeras corporais em operações policiais e semelhantes, podem inserir o país no mapa da apuração com Osint. Todavia, tentativas de usurpação, como *deep fakes* ou a encenação de vídeos com desinformação — compartilhada como informação — põem em risco a credibilidade do jornalismo Open Source. Mas, como realizado no exemplo “Como os investigadores online provaram que o vídeo de soldados ucranianos a assediar uma mulher foi encenado”, do site Bellingcat, manter-se firme aos métodos e raciocínios empregados, assim como às técnicas e ferramentas, é o que este estudo entende que pode fazer do jornalismo Open Source de ainda maior apreciação pública e de maior efetividade em suas investigações.

Referências bibliográficas

BALKA, Kerstin, RAASCH, Christina, HERSTATT, Cornelius. Open Source beyond software: An empirical investigation of the open design phenomenon. Em: R&D Management Conference. 2009.

BJERKNES, Fredrik. Images of Transgressions: Visuals as Reconstructed Evidence in Digital Investigative Journalism. Journalism Studies, 23:8, 951-973. 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/The_Google_Story_2018_Updated_Edition.html?id=H1OxMfZFKssC&redir_esc=y>. Acesso em 23 de jul. de 2023.

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo Open Source: discussão e experimentação do OhmyNews International. 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8457/000576267.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

BURNS, Ken; WARD, Geoffrey C. The Vietnam War: An Intimate History. 2017.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Vol. 1. 4ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLQUHOUN, Cameron. A Brief History of Open Source Intelligence. 2016. Disponível em: <<https://www.bellingcat.com/resources/articles/2016/07/14/a-brief-history-of-open-source-intelligence/>>. Acesso em 15 de jul. de 2023.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril de 1998.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo Atlas, 2005.

FEDERICO, P. J. Origin and Early History of Patents. Journal of the Patent Office Society, v. 11, p. 292-305, 1929.

GILLMOR, Dan. We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the People. 2004.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. A semiose da notícia em ambiente de crise: movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea. 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5372>>. Acesso em 17 de jul. 2023.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. 2015.

GORHAM, Michael et al. Digital Russia: The Language, Culture and Politics of New Media Communication. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 2007.

HERSH, Seymour M. Massacre at My Lai. 1972. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1972/01/22/coverup>. Acesso em 18 de ago. 2023.

HUNTINGTON, Samuel. O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KOETTL, Christoph. Satellite Images and Shadow Analysis: How The Times Verifies Eyewitness Videos. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/09/04/reader-center/social-media-video-how-to-verify.html>. Acesso em 7 de jul de 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. A reportagem teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2001.

LEINER, Barry M. et al. A brief history of the Internet. ACM SIGCOMM computer communication review, v. 39, n. 5, p. 22-31, 2009.

MERCADO, Stephen. Sailing the Sea of OSINT in the Information Age. 2004.

MÜLLER, Nina C., WIJK, Jenny. From Gatekeeper to Gate-opener: Open-Source Spaces in Investigative Journalism. 2023. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/17512786.2021.1919543?needAccess=true&role=button>>.

NEWMAN, Nic. The rise of social media and its impact on mainstream journalism: A study of how newspapers and broadcasters in the UK and US are responding to a wave of participatory social media, and a historic shift in control towards individual consumers. 2009. disponível em: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:a980df14-1b49-401b-a136-78d47ab76cdc/download_file?file_format=application%2Fpdf&safe_filename=The%2BRise%2Bof%2BSocial%2BMedia&type_of_work=Report>. Acesso em 25 de julho de 2023.

RAYMOND, Eric S. The Cathedral and the Bazaar. Version 3.0 Thyrsus Enterprises, 2000. Disponível em: <http://www.catb.org/~esr/writings/cathedral-bazaar/cathedral-bazaar>. (Acesso em 04/06/2023).

RIBEIRO, José Hamilton. O gosto da guerra. 2005.

RISTOVSKA, Sandra. Open-source investigation as a genre of conflict reporting. Journalism, 23(3), 632–648. 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14648849211060627#bibr15-14648849211060627>. Acesso em 8 de ago. 2023.

ROSSI, Andrew. Page One: Inside the New York Times. 2011.

SALIBA, Raquel. A construção do jornalismo audiovisual na web: um olhar sobre o The New York Times e o Buzzfeed. São Leopoldo, 2016.

SILVA, Marcelo Nunes Sousa; Maciel, Alexandre. TV Folha e Mídia Ninja: Análise da convergência do gênero reportagem para o Youtube. 2019. Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2019/paper/view/1910>. Acesso em 18 de ago. 2023.

TRÄSEL, Marcelo. Hacks and hackers: the ethos and beliefs of a group of Data-Driven Journalism professionals in Brazil. *Revista FAMECOS*, 25(1), ID27589, 2018.

TURNER, F. Where the counterculture met the new economy: the WELL and the origins of virtual community. *Technology and Culture*, 2005. 46(3): 485—512.

WISE, David A; MALSEED, Mark. *The google story*. 2018.

WIKIPEDIA. Wikipedia, 2023. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>>. Acesso em: 16 de ago. 2023..

Apêndice A - Entrevista - Barbara Marcolini



Perfil de Barbara no NYT | Crédito: Reprodução.

Keske - Como você define OSINT?

Marcolini - Então eu dou e dou até uma aula numa pós-graduação no Insper em Osint e eu costumo dizer que a gente é uma abreviação de Open Source Intelligence, mas na área do jornalismo a gente não gosta de usar tanto o Intelligence, porque remete a investigações de polícia e tal. Isso se refere um pouco a essa coisa da Cia assim, então, a gente a gente a gente não é a CIA, então a gente prefere não usar. Open source intelligence, a gente usa Open source investigations, né?

Então são investigações de dados abertos, investigações de fontes abertas. E o que são fontes abertas? Qualquer coisa que estiver disponível para o público, a ideia de Osint é que qualquer pessoa pode fazer, você não precisa de um acesso específico. Claro tem algumas ferramentas que você precisa pagar algumas ferramentas que você precisa de um treinamento para saber usar. Mas não é nada que um cidadão comum não poderia fazer. você não precisa de um acesso especial Digamos assim. No jornalismo, quando a gente pensa em Jornalismo investigativo, a gente pensa muito em Whistleblower, né? A gente pensa em documentos vazados, alguém que tem uma informação super privilegiada e que passa para o jornalismo. No caso de Investigações, você não tem na maioria das vezes, alguém com uma fonte com informações privilegiadas, na maioria das vezes é simplesmente usar sua criatividade para buscar informações que estão disponíveis para o público e a grande sacada de Osint, eu digo que não são nem as ferramentas em si. As ferramentas são, como a própria palavra diz, ferramentas, mas você precisa saber usá-las e a grande sacada de Osint de quem trabalha com a gente é ter criatividade é ter um pensamento que você vai sair da caixinha: “o que que eu posso fazer? Qual é a informação que eu preciso e como eu posso acessar essa informação? e aí é muito da criatividade. Eu uso sempre um exemplo do acho que é Nathan Ruser o nome dele. mas é Nathan alguma coisa, que ele fez ... ele era um

estudante, hoje em dia ele trabalha com várias equipes de Open Source, mas na época ele era um estudante, acho que tava na graduação ou na pós-graduação, e ele tem aquele aplicativo de corrida que chama strava. o Strava liberou onde as pessoas estão correndo no mundo e aí ele ficou curioso e falou: “Cara deixa eu ver onde e em lugares impensáveis “Aonde que estão sendo usados” e ele começou a identificar pessoas correndo em círculos no meio do deserto do Saara e assim o que é isso? Obviamente ele dessa forma, ele encontrou bases militares e secretas só usando uma coisa que estava disponível para o público.

Então é muito essa essa curiosidade e essa criatividade “Aonde eu posso encontrar informações e como que eu posso juntar esse quebra-cabeça?” Acho que Osint é muito uma questão de encontrar peças que aparentemente não se comunicam e quando você junta elas você identificaria um padrão identifica alguma coisa, então é necessário montar esse quebra-cabeça.

Keske - Faz sentido definir técnicas ou seria melhor definir raciocínios em relação a apuração das informações?

Marcolini - Acho que definir raciocínios é interessante Mas é aquela coisa: Eu posso usar um raciocínio, você pode usar outro e a gente chega na mesma conclusão. Aí eu acho que é a partir de você aí se você conseguiria definir todas as raciocínios possíveis para se fazer uma matéria uma investigação de Osint. O que eu diria o principal: Quando a gente está começando uma investigação de Osint, eu imagino um pescador que joga a rede. Você joga a rede e vê o que você encontra. Então você sempre começa reunindo o máximo de informações possíveis que tem a ver com esse tema. Então, por exemplo, no caso desse massacre de bucha. Claro que você tem que pegar imagens da TV russa porque você tem que pegar tudo o que está disponível em relação àquele assunto. E apesar de você saber que as TVs russas vão provavelmente ter desinformação, vão, provavelmente, não representar aquilo da forma como a gente acredita que foi. Mas ali você tem evidencia. A gente trata de imagem, principalmente quando você fala de visual investigations, está falando de Investigações visuais, então a gente tá buscando ... e é importante separar que os Osint e investigações visuais não são a mesma coisa, né, muitas investigações as investigações visuais usam técnicas de Osint com técnicas tradicionais de reportagem. Então é importante fazer essa diferenciação: Osint e investigações visuais, não são a mesma coisa. Mas quando você fala de investigações visuais e Osint usa também Isso. A gente usa dados abertos qualquer informação, informação pode ser áudio, pode ser vídeo, pode ser foto, pode ser texto, pode ser metadados de qualquer informação é útil. Então você vai pegar todas aquelas informações e você vai começar a analisar aquelas informações e, de uma certa forma, arquivar ,

recolher, coletar todas aquelas informações e você vai começar a definir, o que que a gente literalmente usa uma planilha que você coloca tudo naquela planilha tudo que você encontrou você coloca naquela planilha. E você vai começar a selecionar quais são as informações, aonde é que eu se encaixa como se fosse uma timeline mesmo. Eu gosto muito de trabalhar com timeline. Então eu faço uma planilha de excel onde eu coloco tudo e quando aquilo aconteceu então: quando esse vídeo foi filmado, quando esse post foi publicado, quando esse documento foi ... e aí você começa a criar uma timeline daquele evento, daquela situação que você está investigando. E aí você começa a encontrar onde que você tem coisas que são concomitantes e você começa a identificar onde tem coisas que estão faltando, onde que tem buracos que você precisa, né responder.

então enfim, é isso, cada pessoa funciona de um jeito, cada pessoa tem um raciocínio diferente, esse é o meu raciocínio, Essa forma como eu trabalho, pode ser que você converse com outra pessoa que tenha trabalho de uma forma diferente.

Keske - A equipe teve algum treinamento especial em relação a apuração? e em relação a produção dos vídeos?

Marcolini - Não, o que acontece eu vou te contar um pouco como que essa equipe se formou: O Malachy Browne, que é o chefe da equipe o cabeça o criador dessa equipe, ele é jornalista, ele foi um dos fundadores da Storyful que era uma startup, hoje em dia já mudou muito, mas na época a storyful foi uma agência de verificação de vídeos em redes sociais. então basicamente ela começou se não me engano 2010 por ali alguma coisa com muitos vídeos estavam chegando via redes sociais e o jornalistas não sabiam como verificar aqueles vídeos. tem um caso clássico que foi, se não me engano foi em 2008 de uma uma manifestante que foi morta no Irã nos protestos no irã se não me engano em 2008. E aquele vídeo daquela mulher sendo morta foi filmado e compartilhado nas redes sociais, foi filmado e compartilhado pelo Twitter.

E na época o governo do Irã negou as informações disse que não sabia aquilo, mas aquele vídeo comprovava, acho que era Rosa o nome dela não lembro eu vou procurar e te mando. Tinha um vídeo, tinha uma evidência mas como jornalistas podiam verificar que o vídeo realmente tinha sido filmado naquele protesto naquele dia, que aquela realmente tinha sido a mulher que tinha sido morta. E aí acho que foi onde criou-se essa necessidade essa demanda, né esses vídeos que começaram a surgir primeiro no Twitter e depois com outras redes sociais criaram essa demanda. A gente precisa de alguém que saiba identificar e verificar a veracidade desses vídeos e a Storyful surgiu como uma Startup de jornalistas eram todos muito jovens nerds que sabiam fazer

Geolocalização e assim, naquela época, acho que nem existia a palavra geolocalização era isso, né? Você ia testando como é que a gente pode verificar tenta em Google Maps, vamos abrir aqui o Google earth “Ah tem aquele prédio, tem não sei o que...” e você começa a fazer essas verificações. e o fundador da storyful, era o Mark little, na Irlanda, ele identificou isso como um possível produto para oferecer para organizações de mídia. e o Malachy que é um jornalista irlandês na época foi parte dessa primeira equipe que trabalhava na storyful fazendo esse tipo de verificação.

Enfim, o malachy saiu da storyful foi fazer outras coisas e um determinado momento chegou no New York Times. Onde eles queriam começar a trabalhar não sabia se ainda muito bem como o quê? Mas ele é um cara brilhante E ele foi trabalhar na equipe de vídeo lá.

Eu na época trabalhava na Storyful, isso em 2016, tinha ido fazer mestrado em Nova York. Enfim, fiquei sabendo da Storyful. Achei super interessante, nunca tinha ouvido falar sobre aquele trabalho que eles faziam e fui para lá e trabalhei um ano com eles.

E aí o Malachy estava procurando alguém que tivesse essas habilidades, né que soubesse fazer aquele tipo de verificação e tal para ajudá-lo nos projetos que ele tava começando a fazer lá no New York Times, ele já tinha feito ... quando eu entrei ele já tinha feito, se eu não me engano duas duas matérias, que que são assim, já começa ali o que viria a ser visual investigations. Daí ele tava procurando alguém para ajudá-lo, eu tinha tava trabalhando na Storyful e aí fui trabalhar com ele. E um pouco, depois ele chamou o Christoph Koettl que trabalhava na Anistia Internacional. O Christopher, Ele é muito bom em imagem de satélite. No início éramos nós três: eu com assim muito muito nova ainda muito muito crua ainda não eu nem sabia o que era eu nunca tinha ouvido falar Osint quando eu entrei nessa equipe, mas era isso tinha curiosidade estava aprendendo tinha começado a trabalhar no Storyful tava aprendendo já sabia geolocalização esses outros tipos de verificações e tal e eu acho que eu, apesar de ser a mais nova e a mais inexperiente, de uma certa maneira nessa equipe, eu tinha uma experiência de jornalismo que eles chamam Leather shoe journalism, jornalismo de sala de sapato mesmo, né? Eu tinha trabalhado aqui no Globo no Rio. Então eu tinha acho que eu trazia também uma visão um pouco mais do jornalismo do dia a dia assim que o Malachy e o Christoph não tinham. Então essa era um pouco a organização assim eu com as habilidades de verificação e tal mas também com esse pensamento um pouco mais de jornalismo que eu diria raiz. De dia a dia e tal de cata fontes de achar gente de né buscar enfim o Malachy com mais essa visão mais Ampla, ele já trabalhava com isso há algum tempo e o Christoph também com essa esse olhar mais específico que ele trazia até do Direitos Humanos, ele não tinham passado, ele não tinha nenhuma experiência com

jornalismo. E foi assim que a gente começou a trabalhar basicamente éramos nós três. Lógico, né com editores de vídeo animadores de graphics e tal, mas esse era o núcleo inicial.

E depois foram chegando, né? Depois chegou o Cristiaan que já vinha trabalhando com Bellingcat há bastante tempo e o Cristiaan também é uma pessoa que é totalmente autodidata assim ele acho que ele nunca fez curso nenhum Ele aprendeu tudo sozinho é muito uma pessoa muito brilhante assim muito com é essa coisa assim um pensamento fora da caixa e a Hayley que tinha trabalhado, ela assim teve um treinamento mais formal porque ela estudou na Berkley e trabalhou no .. que é uma é um uma equipe de de direitos humanos lá. o Berkley Human right center, se eu não me engano, a haley foi a única pessoa dessa equipe Inicial que teve um treinamento mais formal, porque ela estudou na berkley e trabalhou ..., eles têm treinamento e tal, mas tanto eu como o Christian acredita que o Christopher também e o Malachy que sei que a gente aprendeu fazendo.

Keske - E como funcionava o fluxo de trabalho para a produção dos vídeos?

Marcolini - É só uma outra questão Como eu disse, assim a equipe tinha um ... e eu tô falando da época, eu saí de lá em 2021, então eu não posso falar de 2021 para cá, né? Eu não sei como está a composição agora, mas a equipe tinha uma experiência no conhecimento muito heterodoxo então, por exemplo, o Cristoph é uma pessoa que nunca tinha trabalhado com jornalismo antes, então pensei até o básico do líde e sub líde ele não sabia né? Então era um cara muito técnico, né? Eu já era o oposto, eu tinha zero experiência com investigações e tal então não era uma pessoa muito técnica, mas eu tinha mais experiência do jornalismo do dia a dia. E eu trabalhava também, eu sabia editar vídeo e tal então eu era meio que o naquela equipe ali, eu era meio que o pau para toda obra Que fazia um pouco de tudo.

Então por exemplo aquela matéria da que você citou do WhatsApp, a Bomba da Síria aquela matéria eu eu fiz reportagem. Eu editei eu fiz de tudo. Então era um pouco de acordo com as demandas assim do que do que a gente tava precisando naquele momento. Bom eu não fui a editora principal, Tinha uma editora principal, mas eu trabalhava fazendo como uma editora assistente ali porque eu acho importante assim para o meu trabalho, eu gosto de pegar e colocar os vídeos e enxergar como que ele tá a cadência, O que que tá encaixando aonde eu trabalho muito com sobreposição de vídeos, então assim eu gosto de pegar fazer uma timeline botar todos os vídeos que eu tenho e começar a identificar como eu disse assim padrões, Tem coisas que estão acontecendo na mesma hora coisas assim então Eu fazia um pouco de tudo, mas eu acredito que hoje em dia eu acho que nenhuma nenhum uma das pessoas da equipe sabe editar vídeo,

então, eles trabalham sempre com editores. Então os editores fazem esse trabalho de edição e os repórteres ficam mais focados na reportagem. O que eu acho bom de uma certa maneira porque você ter editores excelentes excelentes que são pessoas que trazem uma vida para o trabalho e você pode focar mais na reportagem em si. Porque às vezes quando você tá fazendo os dois, apesar de eu gostar de fazer os dois, você acaba não tendo muito tempo, Ou então assim você acaba gastando muito tempo, Porque você tá fazendo o trabalho de duas pessoas.

Keske - Como funcionava o fluxo de trabalho de checagem das informações a partir dos vídeos?

Marcolini - Então, eu diria que a primeira primeira fase é aquela que eu falei do do pescador que joga redes e o que que encontra. Acho que a primeira fase era essa fase de exploração mesmo, né de ver “ok a gente está ouvindo falar disso, né? A gente tá vendo alguma coisa aqui”. Hoje, eu acho que tá mais separado, mas na época a gente também cobria a Breaking News a gente não era uma equipe dedicada só para investigações então às vezes muitas vezes na verdade, Acho que a grande maioria das vezes começava com Breaking News alguma coisa que aconteceu e a gente está cobrindo sabe para fazer um vídeo de 30 segundos daquilo que aconteceu e tal e aí a gente começava a catar né pegar todo o material que tem ali.

E nesse processo ali a gente já falava. Poxa. Acho que rende alguma coisa maior. Acho que rende algo aqui ou não ou falar, olha não acho que foi só isso não rende nada e era um papo que rolava muito durante o trabalho, Foi isso Acha que rende uma história acha. Ah, acho que ainda não sei vamos tentar vamos ver então esse primeiro processo era o de o de buscar material. Depois que a gente já tinha E aí obviamente, né, conforme a gente ia buscando o material normalmente assim uma pessoa tava fazendo download dos vídeos outra pessoa de repente tava focado em verificar né os vídeos para ter certeza, né que a gente tava trabalhando com material que era legítimo. Entrando em contato, né com possíveis autores dos vídeos, né para pegar mais informação e tal muitas vezes se a gente encontrava autor do vídeo essa pessoa acaba virando uma fonte Porque tinha mais informações e tal mas A partir desse momento a gente já tinha aquele conteúdo e a gente conversava. “O que que a gente acha que rende aqui? O que que a gente acha que pode sair? Quais são as perguntas?” Eu acho que eu pelo menos Ficava muito atenta ao Twitter assim, o que que as pessoas no Twitter estavam qual era a conversa no Twitter? O que as pessoas estavam querendo saber, né? Acho que o jornalismo Claro tem aquele objetivo principal, né de holding Power for account, mas acho que também tem um outro que é de responder as perguntas que o público quer saber. Então, eu ficava muito atenta a isso eu falava. Olha tá rolando uma

conversa no Twitter sobre isso. Eu tô lembrando muito de um vídeo que era uma história de um caminhão com ajuda humanitária que estava saindo da Colômbia para a Venezuela e pegou fogo. E aí no Twitter tinha muita uma conversa falando de que o Maduro Tinha mandado os próprios venezuelanos que tinham botado fogo na ajuda humanitária e tal no caminhão eu falei cara, essa é uma pergunta. Que que tá rolando assim as pessoas tão né? Tem essa essa teoria e tal. Acho que a gente tem que responder essa pergunta daí a gente fez o vídeo e tal.

Enfim, não foi maduro, foi uma manifestante mesmo que botar fogo enfim e acho que isso é uma coisa interessante também de se falar que: quando você vai começar a fazer uma investigação é importante que vocês não tenha já uma ideia pré concebida. Acho que muita Essa era uma pergunta que me faziam muito assim. “Ah, mas você só vai lá confirmar a sua teoria” eu falo: não, pelo contrário, eu não posso ter teoria nenhuma porque na maioria das vezes você descobre não posso completamente diferente essa matéria mesmo do Assad que você falou é a teoria corrente na época era de que o assado tinha usado uma outra uma outra química, não foi o que ele usou foi clarinho, mas era um outro gás, que que ele já tinha sido usado antes inclusive e a teoria era essa de que ele tinha usado esse gás esse Sarin. Essa teoria era essa que eles tinham usado Sarin

Depois fazendo a análise a gente falou “cara, a gente não pode comprovar que foi sarin a gente pode a gente tem evidência assim de que foi cloro foi bomba de cloro agora, só que forma de cloro já tinha sido usado outras vezes então assim por que que aquela borra de corte essa de tão Letal e aí foi a pergunta que a gente teve que responder, né? Tinha outros motivos etc, mas é isso. Você sai sem saber o que que você vai encontrar né? Você tem. Talvez uma suspeita. Por exemplo, nesse caso estamos dizendo que foi Sarin. Será que foi sarin mesmo? Como é que a gente vai comprovar isso? Para que você tem que estar aberto a falar não na verdade não foi carinho não na verdade não foi maduro que botou fogo no no caminhão de ajuda.

Keske - Como funcionava a comunicação para encontrar os autores/ fontes primárias dos vídeos? enfrentavam dificuldades para encontrar as fontes dos vídeos e das informações?

Marcolini - Sim. Isso é muito comum, né? E acho que o vídeo em si é o seu maior aliado nesse momento porque você imagina quem poderia estar nesse lugar nesse momento para ter filmado esse vídeo, por exemplo no caso que você falou aí do Ciclone onde esse vídeo foi filmado você consegue ver alguma construção ao redor, né? Então provavelmente é uma pessoa que mora naquele lugar, né? Ou uma pessoa que tava passando por ali, você falou do Ciclone, eu lembrei de um vídeo uma vez de enfim de um furacão no Estados Unidos é? E aí também era uma coisa

meio assim. Ah é muito difícil encontrar tal, não sei o quê, mas aí lá no finalzinho a gente. Viu uma placa de um hotel. Tá espera aí, vamos entrar em contato com o dono desse hotel aí o dono do hotel fala. Ah não. Esse vídeo foi filmado pelo meu vizinho que mora enfim e aí você descobre né? Então é o seu maior aliado é um vídeo então eu vou te dar um outro exemplo esse mais Mais complexo né? É nesse nessa matéria do Assad tinha um vídeo que era uma pessoa assim subindo a escada uma pessoa subindo a escada e filmando o que parecia ser um buraco no teto E e a gente não sabia, né? Quem foi que era a mesma coisa, né? O vídeo tava circulando e tal e a gente tá pensando cara, esse vídeo tá mostrando um monte de vários corpos no chão, né? Provavelmente foi uma das primeiras pessoas a entrar ali porque a cena ainda estava intacta, né? Ninguém tinha mexido em nada, os corpos ainda estavam ali, né? Enfim. E a gente falou quem poderia ter filmado isso a gente pensou bom, quem são as primeiras pessoas a entrar num lugar depois de ter sido bombardeado os primeiros socorros. Então vamos procurar primeiro a gente começou a procurar procurar. Eu lembro que foram assim semanas até a gente encontrar o autor daquele vídeo que tinha sido realmente um um socorrista. E aí a gente falou a gente primeiro na tentou entra em contato com os primeiro encontro com socorristas. E aí tem os white helmets que é a organização e eles falam. Olha os socorristas Tava todo mundo fugindo, né então. é impossível falar com eles a gente conseguiu encontrar esse socorrista na Turquia, sei lá três semanas depois do ocorrido. E aí ele ainda tinha o vídeo no celular. Não sei se ele ainda tinha o vídeo. Acho que ele ainda tinha o vídeo no celular dele e a gente queria confirmar a que horas ele tinha aquele vídeo tinha sido feito porque aquilo ajudaria a gente a identificar que horas o ataque aconteceu porque aquilo ali era provavelmente a primeira imagem do da cena, né? E aí ele tinha aí no vídeo no celular dele, ele mandou para gente os metadados, né a informação que aparecia ali na tela do celular dele que mostrava o horário, o dia e tudo.

Então é isso assim a informação que o vídeo tá te passando é a sua maior aliada em descobrir quem foi aquela pessoa e é isso aquele aquele vídeo foi assim crucial para a gente identificar quando tinha acontecido e falar com aquele socorrista e confirmar o horário que a gente tinha sido filmado foi muito importante para investigação. Então mas acontece Às vezes a gente não conseguia. E aí a gente tem que fazer outras formas de verificação para garantir que aquele vídeo é real, né que a gente pode usá-lo.

Keske - Como funcionava o fluxo de trabalho de análise de bases de dados? No caso dos aviões russos que sobrevoavam o local?

Marcolini - Acho que depende da depende da falta, depende da história eu não trabalhei nessa nessa dos pilotos então não posso te dar mais informações dessa matéria dos pilotos, mas como eu disse muitas vezes a gente fazia. A gente bate as informações, por exemplo. Tô pensando aqui uma outra matéria que eu trabalhei que foi a Breonna Taylor que foi uma mulher que foi assassinada pela polícia, né nos Estados Unidos dentro de casa isso. E a gente teve acesso, de novo teve acesso era público não é uma coisa que a gente teve a gente era público os depoimentos dos policiais estavam era antes era um público a gente pegou isso foi o trabalho que eu sei que eu fiz é de ler todos os depoimentos, Ler, os que tinham escritos escutar as gravações e começaram não tá inconsistências. Era esse cara que falou isso. Esse cara falou que chegou. Tava aqui, mas esse outro cara disse que ele tava ali, então isso não tá batendo. Quem tá mentindo, então acho que é isso assim, você tem a coisa do horário, né da data. Mas também essa coisa de bater informações, né? Fulano disse X e sicrano Y quem tá mentindo? Aí a gente começa a colocar todo mundo ... Desenhar, é uma coisa que a gente fazia muito assim eu desenhar diagrama, né? Desenhar você tem né? No produto final coisa super bonita tem uma uma como eu posso chamar ela uma gráfica que chama Anjali Singhvi que ela é também fenomenal, ela é Ela tem ela formada em arquitetura então todas essas matérias que tem uma reconstrução espacial, ela trabalhava fazendo essa essa reconstrução, né? E ela trabalhou a gente trabalhou juntas nessa matéria do Assad, da Síria, ela trabalhou também nessa da briana taylor. mas antes de chegar naquele naquela coisa super bonita bem feita que leva semanas para fazer que a gente ali fazia a gente pegava lá para esse papel e desenhava mesmo, né? Pera aí vamos entender né? Como é que é.

Eu lembro por exemplo, na matéria do Assad a gente reconstruiu um prédio Só que antes de ter aquela reconstrução do prédio, Teve muito eu e a Anjali desenhando ali no papel Pera aí, ele tá Entra aqui depois ele vir aqui aqui a cozinha e depois ali é o banheiro e a gente tá então a gente entender arquitetura naquele lugar para montar esse quebra-cabeça como eu te disse, então tem muita tem muito papel e caneta mesmo assim desenhando e tentar entender e aí obviamente depois da Anjali passava a noite, né quebrando a cabeça e fala não pera aí. Acho que eu com a cabeça da arquiteta dela, né? Não consegui desenhar a planta do apartamento então o prédio deve ser mais ou menos assim e aí depois a gente ia e olhava na imagem de satélite a gente confirmava é não tem razão uma planta Acho que é essa né? mas enfim é isso, né? É de bater informações.

Keske - Como obtinham imagens de circuitos de câmeras de segurança? Isso pode ser considerado Open Source ou não?

Marcolini - Sim e não depende depende da câmera. Eu vou te dar um exemplo de uma outra matéria que eu participei que eu fiz que era o assassinato de um menino no Bronx Junior, acho que a matéria foi publicada em 2018. E naquela aquela situação as câmeras de segurança os vídeos das câmeras de segurança foram publicados pelo eu não sei se foi o próprio esse menino ele foi foi assassinado dentro de uma de uma lojinha, tipo uma lojinha de é uma lojinha de bairro, ele chamou de bodega nos Estados Unidos, é uma mulher é uma lojinha de bairro de conveniência.

As imagens da câmera de segurança eu não sei se foi o dono da loja alguém postou as imagens das câmeras de segurança no Twitter. Depois nós fomos lá e tentamos pegar as imagens originais e o dono da loja se recusou, então a gente só tinha que a gente tinha que trabalhar com o que a gente tinha que era as imagens que estava no Twitter e não era não era um vídeo inteiro era cortes e tal. A gente teve que ir buscar buscar até achar assim é melhor qualidade, Porque obviamente muitas As pessoas vão repostando. E aí vai perdendo qualidade vai diminuindo e tal, mas essas imagens por exemplo de câmera de segurança estavam disponíveis nas redes sociais, depois a gente foi lá e bateu de porta em porta e encontrou teve acesso um Administrador de um outro prédio que ficava próximo da casa desse menino deixou a gente analisar as imagens da câmera de segurança daquele prédio e a gente conseguiu coisas que eram exclusivas que ninguém tinha mas é isso, às vezes essas imagens, você tá certo imagens de câmera de segurança, não são Open Source por natureza, Mas em alguns casos podem se tornar ou pensar se se alguém resolver compartilhar se alguém resolver colocar nas redes sociais.

Uma outra coisa, por exemplo, que em teoria não é Open Source: os áudios dos pilotos nessa outra matéria que você mencionou da Síria são áudios, né de comunicação que não deveriam ser OS não deveriam ser públicos. Mas algumas pessoas, essas pessoas apaixonadas por radioamador e tal, estavam monitorando esses áudios e gravaram essas conversas e deram para a equipe do NYT e aí foi graças a isso que eles fizeram.

Essa foi uma matéria Open Source nesse sentido? Não, porque não qualquer um não teria acesso a esses rádios essas comunicações, alguém teve que ir lá gravar essas horas e horas de áudio e dá para eles então, por isso que eu digo que visual investigations não é o Osint. Visual investigations usa técnicas de Osint, mas também tem jornalismo tradicional também tem informações que são privilegiadas.

Keske - Implicações éticas de usar imagens que foram gravadas pelos outros?

Marcolini - Sim uma questão até você tinha perguntado sobre encontrar o autor das imagens, né? É você precisa eu já fiquei sabendo através dos meus alunos brasileiros que no Brasil a lei é diferente, mas nos Estados Unidos se você é o autor de um vídeo e você posta nas redes sociais aquele vídeo continua sendo seu né? E você tem o direitos autorais sobre ele então eu não posso simplesmente pegar o seu vídeo que nem muito muito veículo brasileiro faz aqui pega um vídeo e posta a reprodução das redes sociais nos Estados Unidos, você não pode fazer isso porque você precisa ter autorização.

Da da pessoa que fez aquele vídeo independente estava nas redes sociais ou não e era por isso que a gente tinha e primeiro lugar, porque como eu disse encontrar a fonte de um vídeo, às vezes pode te dar muitas informações, né? A fonte a pessoa que fez aquele vídeo é uma fonte eh enorme né? Tem muitas informações que talvez você não tenha sobre o vídeo sobre a situação e etc é uma testemunha do Fato, né? Do evento que você está investigando, então é muito importante falar com essa com essa pessoa, mas também pelas questões de direitos autorais. Você precisa ter autorização por escrita daquela pessoa de que ela autoriza você usar o vídeo dela em na sua reportagem no caso de você não encontrar uma pessoa que a pessoa né que fez o vídeo você precisa. Isso eh de novo é relacionado a as leis nos Estados Unidos você se por acaso aquela pessoa vier a te processar ter usado o material dela. Você precisa poder provar que você fez todas as formas possíveis é de contar então assim olha nós procuramos enviamos e-mail, mandamos mensagens, não sei o que não conseguimos descobrir quem era o autor e achamos que tinha valor de notícia, né? Então usamos é e aí, você tem que fazer tem que fazer um argumento de fair use de uso justo, né? Que a gente não simplesmente pegou e reproduzir o vídeo na sua totalidade sem adicionar nada. A gente adicionou informações contexto etc etc então Eh e muitos casos a gente tinha que passar o vídeo antes da gente publicar a gente tinha que mostrar o vídeo para a equipe legal do NYT que via todo o vídeo e fazia um fim um milhão de perguntas, né? E às vezes a gente já teve que trocar vídeo. A gente já teve situações e que falavam não você não pode fazer um feriu se de repente uma em momentos que a gente porque assim uma a gente usa imagem como evidência então quando a gente tá mostrando desenhando fazendo aquela círculozinhos e tal, né? Aí a gente tá usando como evidência, só que tem outras horas que a gente usa o vídeo só com digamos assim papel de parede, né? Que é só para cobrir, né para para Broll Que eles chamam e Nessas horas se você tá usando um vídeo que você não tem autorização, você não pode usar. Então já aconteceu da gente ter que trocar vídeos porque a equipe legal falava não aqui você não pode você não tem um argumento para estar usando esse vídeo nesse momento.

Keske - Ocorreram discussões sobre a pertinência ou sobre questões legais ao escolher as imagens que eram apresentadas? Discussões semelhantes sobre a exibição de imagens que mostram violência explícita?

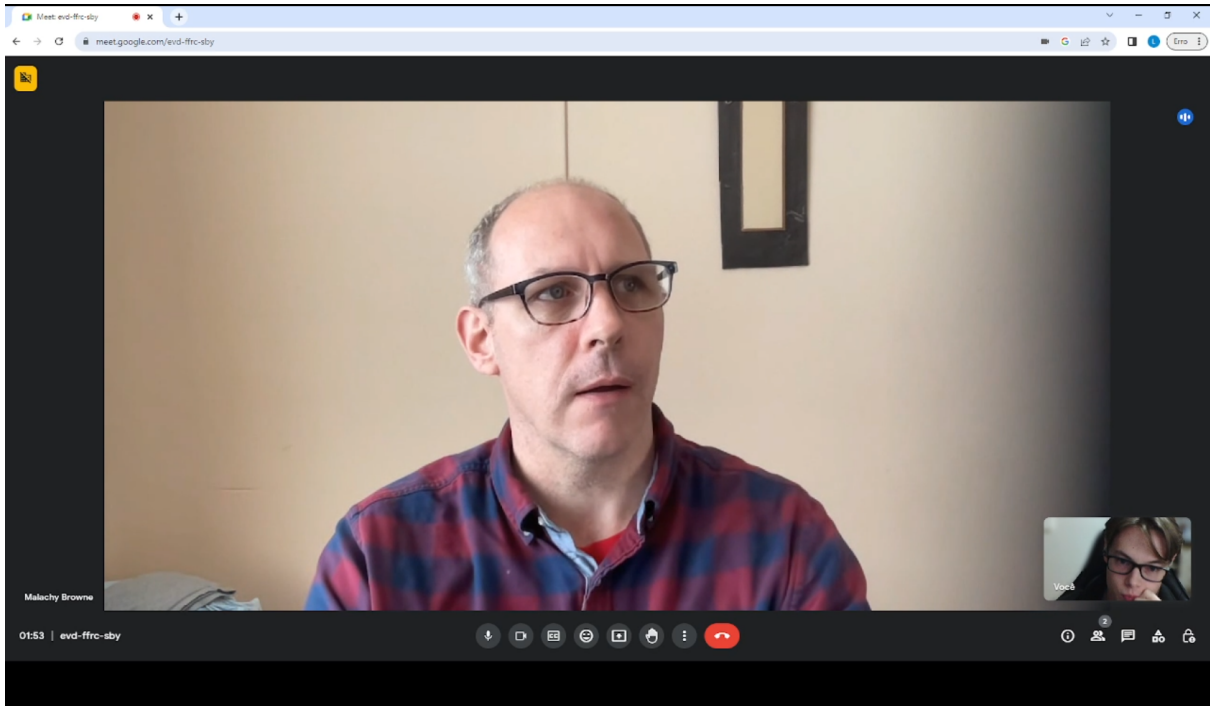
Marcolini - Sim, foi Foi uma discussão que a gente teve especificamente nessa matéria porque por um lado você. E eu lembro eu lembro que na época quando a gente teve essa discussão. Eu Na verdade era a favor de mostrar. Porque era muito assim. É muito chocante, né? É muito muito chocante. E é horrível, mas eu na época não concordo mais com isso, mas na época eu achava que a gente tinha sempre mostrar na sua totalidade. A gente tinha que mostrar os corpos como eles estavam. E o meu argumento era que aquela era realidade a gente precisa como jornalista a gente precisa mostrar a realidade a gente não pode como a gente diz assim colocar panos quentes dar uma aliviada E eu lembro que Eu mencionei aquela foto que é uma foto, né histórica da segunda guerra mundial daquela menininha com corpo correndo Não na Guerra do Vietnã aquela foto que é clássica daquela menininha. Eh correndo com o corpo queimando se aquela foto não tivesse feito Então tinha feito, né? Se o fotógrafo tivesse Ah não não vou mostrar porque é uma criança e e tal . Talvez o a revolta não teria sido tão grande, né contra a Guerra do Vietnã, então o meu argumento na época foi a gente precisa mostrar porque essa é a realidade. Mas o contra-argumento era de que você precisa mostrar mas existe um limite, né um limite em relação à gente já tá pedindo para o nosso público assistir uma coisa muito dolorosa muito difícil de assistir E você vai chocar ele mostrando Aquelas imagens horríveis, né assim até que ponto É factual e até que ponto é sensacionalismo? Acho que tem essa esse esse limite, E há um limite muito é uma linha muito término e disse Navegar, Entre o você precisa mostrar as barbaridades que estão sendo feitas Mas também você não precisa chocar as pessoas Você não precisa ser tão apelativo. E acho que tem uma questão ali de respeito também as famílias e as vítimas Acho que a gente tentou tratar daquilo com uma delicadeza, né muito grande Para mostrar é o que foi feito, mas respeitando eh as vítimas. Então acho que é mas é bem é uma linha bastante tênue assim é bem difícil de mensurar, né? O que que até onde você vai?

Keske - Qual é a importância desse conjunto de práticas para o jornalismo contemporâneo?

Marcolini - Assim uma coisa que você falou lá no início que eu ia até te corrigir e falar Osint é uma coisa nova, eu sempre digo aos meus alunos, a Osint não é uma coisa nova. É o que é novo são as possibilidades. A gente consegue fazer muito mais hoje do que 30 anos atrás quando não existia Twitter quando não existia Instagram quando não existia Google Maps. Mas você já se

fazia o Osint eu ensino na minha aula que a primeira equipe de Osint foi construída durante a segunda guerra mundial pelo office of internal sei lá, que é o predecessor do que hoje é a cia e eram caras que ficavam lá ouvindo rádios e buscando documentos e fotografias para identificar os movimentos do inimigo e tal durante a segunda guerra mundial. Tem um vídeo maravilhoso, que fala sobre o assassinato do Kennedy é que é o homem do guarda-chuva preto que no vídeo lá da fazenda tem um cara com guarda-chuva preto quem é aquele cara e tal e tem um documentário maravilhoso que retrata Enfim aí todas as teorias e traz e tal por trás daquele cara, aquilo é um exemplo de Osint quando você pega todos os vídeos do do assassinato do Kennedy e você coloca ele juntos e começa a tentar identificar quem era e pega fotografias e tal. Não sei o quê para jantar e identificar, encontrar a identidade daquele cara. É um trabalho de Osint. Então Osint sempre foi usada no jornalismo, só que hoje as possibilidades são muito maiores porque você tem ferramentas muito maiores é o que eu disse né? Antes você tinha um martelo agora você tem um martelo a chave de fenda, Então você tem mais mais possibilidades, mas eu acho que a gente e eu sou uma grande assim, como se fala entusiasta de que todo mundo tem que usar Osint todos jornalistas, tem que usar e não só investigações no seu dia a dia para encontrar a fonte para para ilustrar matéria para tudo. Eu acho que todo mundo pode usar e deveria usar e é isso. Eu acho que é uma coisa que só está crescendo.

Apêndice B - Entrevista - Malachy Browne - Visual Investigations



Malachy Browne em entrevista para a pesquisa

Keske - The Visual Investigations idea has any relation to the “vídeo first” policy of some social medias like the ones from meta? In relation to production and to distribution?

Browne - No, I don't think there's any difference. I mean, obviously the manner in which the social media platforms prioritized imagery or some some platforms prioritized imagery, but also just by enabling people to share videos and photographs. I mean that obviously exponentially increased the availability of Audio/Visual Evidence is what I see it as and so that's definitely helped us as investigators.

Now, there are downsides to that too because it's also see, you know, the circulation of child pornography on Instagram as you know, there's a recent example of that you're going to see a lot of our you know deep fake or our AI generated imagery in the coming elections. And there's a lot of elections coming up next year national elections. I think you know this type of Technology can be used for good and for bad. But for us as investigators and journalists, it doesn't matter that the algorithms prioritize this in the feeds, necessarily. because a good investigator is going to go

be out there trolling through stuff and using Search terms and search strings to try to find information. If they have like a curiosity that leads them there.

For example, like in 2017. I saw tweet text, all text, from I think it was the icrc that hospitals in and medical facilities in Syria had been bombed once every 29 hours for the last five weeks. And that's seems to me to be far more than an accident and more of a pattern and so that then began a two year long investigation of This phenomenon of medical facilities being deliberately targeted in Syria, which Russia was doing. It was one thing that sort of like sparked the question and the Curiosity but then lots and lots of digging and interviews and sourcing and finding material kind of let us to be able to actually catch the Russians in the act of doing it. So, yeah, so it's a mix of all forms. I would say.

Keske - Do you know the de raymond manifest? Do you see some kind of different work in this video related to the different Bazaar and Cathedral?

Browne - Yeah, I think a lot of our team would have come from what is described as the Open Source community and that's not Open Source and programming, It derives its name from that idea of Open Source programming, but actually it's more crowdsourced investigations or reporting that you might have seen during the Arab Spring years for instance or through Russia's first invasion of Ukraine back in 2014 where people in real time and are quick fire adding information and sharing information and I'm trying to problem solve around around things on the open web and you still see that happening is a training exercise on Twitter accounts now like quiztime or things like that. and so a lot of us grew up our reporting or Open Source reporting skills in that term mode.

And I think you know this investigation perhaps started in that way because it was the images that were shared on social media and on Telegram and started ricocheting around the international around the open web that first draw our attention to what happened in Bucha and got us in there really quickly and and then set us off on this investigation. But then and I think this happens with most of our investigations when you're at a place like an organization like the New York Times. It's a competitive public and so you're not going to share your findings, you know, as you're you know in real time as you're finding that you're going to collect you're going

to analyze you want to make sure that you have it right and then I think our investigation when much more into this sort of the traditional reporting of going to the scene collecting evidence and then analyzing it and pairing it with information that's available on the open web, Open Source reporting. So we exclusively get videos of the armored vehicles coming down the street and our OS team can go: "Okay Let's scrape all of their training exercises for the units that we think we're in Bucha and then let's do some manual identification if we can identify the model the serial number the the logo Etc".

And we do other things like okay, let's get more CCTV and now we can track this individual tank as it's moving the streets. And so we know that this is part of one unit. And so it's applying some of the same methods but to sort of exclusive evidence if that makes sense.

Keske - Is it better to define techniques or thoughts about the reporting? Talk to Barbara and capacity to think differently from the rest.

Browne - The way you're thinking is more important. that's my personal opinion because I think that if you if you're not curious about finding out everything that you possibly can about this particular event or piece of content or having an instinct to sort of like develop a story or an idea or a curiosity from one place and then having the drive to "figure out how to figure it all out", you can have all the techniques in the world. But actually what you really need is that drive, that instinct, that Curiosity to try to uncover something new or to find out something new. That's something of every good reporter, and after that it's about learning the techniques and applying them and reapplying them and they become a reflex.

Keske - Researchers say that the Vietnam war was the one in which television got its first images and the gulf war was when it got live broadcasts. Could you trace any parallel with the Syrian war and the Ukraine one?

Browne - Yes, I mean, they're both very highly documented conflicts and for us as journalists that I mean for The Wider public that means that you have very quick access to what's happening in, you know, Villages and towns around both countries as those conflicts were happening or Uprising in Syria's case, and and for us as investigators, that means that there's an abundance of Audio/ Visual Evidence in it that we can use, you know, as part of our investigations in conjunction with traditional reporting and sourcing and all that kind of stuff. So, I think the two of those are very very highly documented and you know disseminated in very similar ways. I'll be in different platforms.

I think one difference perhaps between the two is that in Syria There was a western X to push Camera technology in the hands of activists. And so there was funding that went into that and their initiatives that went into that. because smartphone technology Wasn't that advanced and the footage out of the technology at the time was still quite grainy and connectivity might have been the best and so there was a concerted effort, very much supported by Western countries, to try to create an activist community that would document things and in doing that, There is a certain risk that by equipping one side of a conflict. If you call that that you know, you're presenting one side of you know of the story and there I think in Ukraine and in the occupied territories what you have is and even amongst the military themselves what you have is just It's more organic in the sense that it's people who that the smartphone and Camera technology and connectivity is now such that the you know, anybody can record in high definition. They're very existence. And that's what you saw and you in Ukraine. I think that was one difference.

Keske - Why did the team pick this story in specific?

Browne - So I bring you back to just that weekend, perhaps as a starting point. So that story broke over the weekend. Russia had just withdrawn from Bucha, having occupied it for four weeks or more and everybody then was shocked by those pictures of bodies lying along the street, apparently executed people with their hands bound and again apparently executed, shot in the head and all of that. And this was possible only because Ukrainian officials finally got in there and started documenting it, Bucha had been sort of almost there, like, a black hole of communications over it. It was like a Communications blackout for a month because electricity was caught off for weeks. The signal was down and whatnot.

I think you know those images were just so shocking. Up until that point. Yes, people knew that the Russian tactics in Ukraine were barbaric, but they seem to be barbaric from a distance: shelling civilian populations, shelling residential buildings shelling hospitals, decimating mariupol. But there were something up close and personal and particularly depraved about occupying a place and then healing the population a large percentage of the population that remains there that hadn't fled and decided to stay. and so there was something about that that it just it felt different and it was the first sign of what you the occupation of a Ukrainian Town under Russia looked like. And and then also immediately the denials that Russia had anything to do with it, Instead of being open-minded and saying okay, we will launch an investigation, We will talk to our commanders and to those units who are involved there. It was an immediate: "This is a plot by the West to set up Russia to make us look bad. These bodies were killed by the

Ukrainian military And, in fact, some of them are still alive and you can see that they're moving” which was all untrue it's approved in the end.

That they were the claims and I remember on that weekend looking at the images. Our editor called us into look at them and So what I saw was these bodies along the street, some of our team had geolocated the street, And then what I did was I kind of pinpointed the bodies along the street and then looked at satellite imagery over the past few weeks to see well are these bodies new or they killed recent days or were they there during the period which Russia occupied the town and we could see clearly that that they had laid there for weeks in some cases three three weeks or longer.

And so that was the starting point and that's then the question became: Okay, what happened here? Who are the people who have been killed and who's responsible for killing them? And that was the focused end of our investigation. We assembled a large team of the Visual Investigations unit. And we had two of our colleagues from video Masha Froliak and Yousur Al-hlou who happened to be in Kiev nearby.

Keske - What is the team composition? About the number of members and specialities?

Browne - Yeah, we had Haley Willis and Cristoph Kuttl and Evan Hill who was a member of the Visual Investigations team at the time and he was in New York. And then we brought in a couple of other people, Oksana Nesterenko who's in Ukraine. We had Aleksandra Koroleva who's in the US and we had Milana Mazaeva who's in the US as well and they speak, you know, Russian Ukrainian fluently Chechen and so we had worked with with them previously so they all came in. And then later in the process We had another video editor and motion graphics editor Alexander Cardia the motion graphics editor and Natalie Reneau is a video editor. And then we had people who are helping us throughout the project in various ways as well: Ishaan Jhaveri who's A fellow on the team and he's a computer assistant reporter, He uses computer assisted reporting, That I can tell you about some of his work. And then Julian E. Barnes who is a national security reporter in Washington D.C. and then we had other colleagues for Across The Newsroom who were consulted on the project.

Keske - How did Haley, Christoph and Dimitri find the archive images from the Russian exercise in Belarus? Could you consider them Open Source investigation?

Browne - They were in telegram or some social media like that Dimitri found them.

Keske - Ethical implications of the images of Ukraine army drone usage?

Browne - Yeah, I mean I think you're always wary of using footage that can be captured for propaganda purposes, that are being put out there for propaganda purposes. But we felt that in this case it was information that was corroborated by the hundreds of other hours that we had collected so we weren't using it in isolation or by itself. We were using it in combination with just a multitude of other data points and evidence. And so therefore that was okay.

The other thing about this is that it took us months to actually extract that video from the military. They had captured it, but they had kind of left it on a shelf and had gone off to another part of the country, because it was an active conflict. So they were so busy and so many of the sources that we were talking to were just overwhelmed with war crimes cases or with the war and so we were really a nuisance on them. We were on their backs all of the time to try to get that Drone footage and it actually came to us only about a month or six weeks before the end of our project and all of that March 5th footage that you see which is now such a centerpiece of the documentary and of the evidence. Like we couldn't believe what we were seeing when we finally got our hands on it and it was only because finally after months and months and months of chasing them. They were in Kiev when Yousur and Masha went back and actually talked to them and managed to get the footage from them. So it wasn't like they were handing it to us and saying "here please use this" they didn't know they didn't know what they had. So for us it was actually quite a scoop to get that footage because it really showed the organization and the intent and the fact that there was a commander there and all of that kind of stuff.

Keske - The ethical implications of deciding to expose the names and locations of citizens like Viktor Shatylo. And the possible ethics implications of using the images obtained by a victim as evidence?

Browne - Yeah, again, so we thought that he was a very strong witness to us. And he you know was a courageous witness who, even though people were being executed and at risk of being executed if they had footage on their phones, which is why this stuff this investigation was so hard to put off. He went upstairs to his attic and documented it and kept it on his phone and made it available to us. And of course he and many of the other witnesses that we interviewed were traumatized by what they had seen happen And what happened along the street. But we didn't have any problems. He was a very prominent witness. And so we had no problem in taking his testimony.

As for his images we got the original images. We know that they're not documented, they are supported by what we can see in satellite imagery. They're supported by what we could see in the Drone footage, they're supported by what we knew happens to many of the victims. And so in fact what he gave us, what his photographs gave us was really valuable metadata, and he didn't know this either. He didn't know that there was a metadata like sort of embedded within that we could match up with the metadata from the Drone that showed the moment of the attack that killed those people or that show sniper setting up, you know moments before minutes before some of the other victims were were shot dead. And so again, it was the cross corroboration of all of this information that actually allowed us to say "this is the moment that these people he photographed or killed". So that was quite powerful reporting, I thought.

There was one source who provided us with CCTV from inside his home and he said "please you please be free to use it". and it showed the Russian soldiers inside his house and it was an important location in that whole street, but he said "you can use it on condition that you don't show my house and you don't identify where my house is" because he was in fear the Russians might come back and so he was so traumatized. And so even though it would have been a very strong part of elements to use in the documentary, we decided not to use it. because you needed to know where it was, the whole reason for using it was to put the Russian soldiers near or certain people were killed.

Keske - You say in the Irish American Heritage Museum Interview: Why did they not show the interview with the captive that survived the shooting? If he confirmed his version with the positioning of the killed man and the way they were taken to the spot?

Browne - because It would be hard to identify one particular person who epitomized this whole thing. What our reporting showed was that this was systemic and systematic eradication of anybody who got in the way of the Russians and therefore you had to tell the story of the street and the street by the way represented less than 10% of the people who were killed in the overall town. And so we felt that it was important to show that, to show the recklessness and how it was not some rogue soldiers. That is how you might explain one person being executed, But when you see dozens of people executed along 1.2 miles of a road, day after after day after day by the same unit, that's systematic and that is a crime against humanity. And so it's the most egregious and serious of war crimes and we had the evidence to back it up, we felt. And The way that happened but then it took us much longer to identify the unit, you know comprehensively by the methods that we see in the documentary.

Keske - Is this specific video closer to a regular documentary than the piece on the Rouzans death, for example? why it was made differently

Browne - I think, going back to your analogy, Well, it's not quite building a cathedral out of the bazaar. But maybe it's building like temples within the bizarre, if that makes sense? it's kind of like using all of that information, but then like doing something special with this applying some sort of special magic. And then we're like everybody has been contributing to that and then you build this sort of representation of what happens, if you think of that event as a bazaar. Because yeah, you're right, we weren't there in Gaza on that day to witness what happened, And so we relied on what everybody else who was there captured and documented using their phone and actually It was 1300 videos in photographs. And what was really important there was the metadata, for us like organize it a minute by minute spreadsheet and then string that video out. And then we realized that some of the camera's settings were off like about eight or nine cameras were off. So we had to go back to those sources and say “okay, take a photograph with your iPhone or your camera settings now and we will calculate how much it's off by” then we would reorganize the spreadsheet and restring it all out. And that was Yousur again working with me and some of the team. And so we did these different iterations of it and then we could see what happens sort of like minute by minute. And then obviously you're going there interviewing people, getting a sense of what they remember from the day. Some people Miss remembered what happened and then Other people could remember it accurately. And so that's only human nature, over time stories and memories tend to gel and act each other and that kind of thing. And then we were able to tell the fuller story.

I think Bucha is similar, but a lot of the videos in the Rouzan al-Najjar instance were already shared on social media and we could collect them as a starting point and we knew what direction we wanted to go in. with Bucha, We had these questions, but we didn't know what evidence was available out there to answer it, And so it was very speculative from the get go. That we would be able to name the unit, the commander and the soldiers by name.

Keske - How did you work along with Ishaan Jhaveri and the computed assisted reporting?

Browne - He did several things and he came into the project about halfway through because he just started with us in June and it was he was new to the team and i will caveat this by saying that almost all of the reporting that we got was you know from Open Source methods and the traditional reporting on the ground that Yousur and Masha collecting they approached it almost

like war crimes investigators in collecting all of this evidence and really, interviewing I think close to 50 officially Ukrainian officials to get access to evidence and that kind of stuff.

The computer assisted stuff, it was experimental and what we were trying to do there was for instance we had many hundreds of hours of CCTV footage and we uploaded that to an AI platform, a computer vision platform to try to condense the amount of footage that we had to look through, and it was one thing that we tried out. But by the time we actually got results we had already watched through the material anyway, like for the next time we have this problem, and he also we had lots of different databases with information related to Russian soldiers and with vehicle registration information, postal records from Belarus of soldiers that sent Goods back to Russia from the front lines when they went back to Belarus and we had all of these various databases and we basically did a data engineering exercise where we tidied all of that up so that you could very quickly check our records for all of the information related to certain soldiers in their units. So that was another thing that Ishaan Jhaveri did using his computer programming skills.

Then with the phone numbers, with all of the phone numbers There's about 440,000 of them: if you manually put that into your phone you'll see if there's a corresponding Whatsapp or Signal account or Viber account or even maybe on social media, You might find them some Yousur and Masha we're doing that manually and and so they were tracking people down manually using a variety of really Innovative tools and methods. But in parallel Ishaan took all of those phone numbers, created a virtual Android phone on a computer and passed all of the four numbers through and did this automatic checking using the apis of various different social media platforms and messaging apps and so then he created this another database that had a profile attached to all of these phone numbers. And then by scraping the photographs of all of those people as well You had like a visual data set as well. And later on in the process We did a variety of things where Ishaan took our CCTV and he took our videos that he scraped of the training exercises from this unit and then he took all of the Photographs that we had assembled of suspected Russian soldiers in Bucha and he he did a facial ... not facial recognition but a facial matching to see where could you find matches between these three different data sets and he found a few matches. So it's really Innovative reporting, but at this stage this was close to the end of our reporting process and Yousur and Masha had already identified lots of the soldiers themselves and spoke to them as well using traditional reporting.

When the Russian soldiers were dying, we were interested in identifying who died in Bucha, you know, which Russian soldiers because that might lead us to the units that were there and this was early on. But then Ishaan came in and he was listening to us in an editorial meeting and He said “I can write code to do that” And so he wrote a script to scrape VK and Ok the Russian platforms. He was just like downloading all of these posts about people being killed but obviously was very noisy. And so then he applied a filter to it, which is a computer vision filter because most of the families if it was their loved one there was a picture of the soldier in uniform and so he did the scrape and then he applied the filter of only if there's somebody in uniform looking facing the camera and that created like this really high quality sort of list of soldiers and then we did the exact same thing then for victims people are missing or killed in Bucha, you know, and so you social media. So those guys were up to all of these different trades, So what I was trying to do was trying to keep Yousur and Masha's information on track and keep that and keep this going and so I was kind of ... I wasn't doing too much of the actual reporting, but it was more sort of like directing and trying to running the investigation.

Keske - Working with communities as a big organization? The difference between the Open Source logic and traditional journalism

Browne - Now I think people in the New York Times understand what it is, but I think if you go back seven years ago when we just started this team, it wasn't quite clear I think to editors who are more traditional journalists or come from more traditional backgrounds the usefulness of this type of reporting.

But I remember you know that there was a curiosity there was a lot of interest once we did a couple of stories and you know, actually the editors at the times asked for a meeting for us to explain the methods and I remember walking through our first two stories and then they were like “it's just reporting, but it's a different way”. So I think you know the way in a traditional new Newsroom you would think of this is you would see Somebody who's witnessed an event and recorded it on their phone as a source just as any eyewitness would be treated an interview, in a print report or whatever it is. There are some differences in that Well, they own the rights to that content and so do you pay them for that content or do you not pay them for that content? And so you know there and then there are other rules around fair use for instance. So these are sort of like some of the legal things that you have to sort of navigate with, using our incorporating evidence and imagery that other people have collected.

But I see with you what you're kind of asking is like you have this big bad wolf, which is a corporate organization like the New York Times and then you have this sort of free wheeling and open minded sort of community there and how do the two sort of interact? You know for us it's I suppose really comes back to the sources. Because, yes, you could think of like a swarm of people online as a community around an event, but actually and this was very true in Gaza: when we got there on the ground these are all individuals who don't know each other but who are out there at a protest together, apart from the Medics who worked together.

And yes, their imagery ends up out in The Ether on the web, But then it's other people out there who are kind of weaving it together in a twitter thread and what not. And so that's where the sort of the “digital Community lies”. But actually it's the real people on the ground are sort of disconnected and they are actually Witnesses and sources and so for us we're always trying to identify that first witness that First Source and talk to them and be honest and transparent with them about what we're interested in and what we want. And very often we can't do that And so therefore it's a judgment call: “do we use the material that has found its way on to Facebook or threads now or lose tiktok or whatever it is. The important thing for us is can we verify it, can we stand over it and, hopefully we can find the source and talk to them.

Keske - How is this type of journalism being carried out today? are more and more newsrooms applying it?

Browne - yeah, yeah very much. So there's you, you know have the Washington Post visual forensics team. And so they do it in a more newsy way. You've got BBC it started as BBC Africa eye and now it's become BBC I and they do documentaries with Open Source methods as part of their documentaries you now have a big team in the BBC called BBC verify and that's a team that's been created from their disinformation their monitoring and they're either generated content Hub. And another team. It's a it's about 60 people 50 to 60 people. So it's a huge team when they're doing very much live breaking news Open Source analysis woven through it and then they're doing investigations off the side as well and they're also covering this information, I believe and then you also have CNN of just yesterday announced and you know Olson's team in London. Actually. I don't know if they announced it, but they appointed and, Yesterday and a senior editor and then they have the financial times is setting up a team wall Street's return wants to set up a team amnesty as a team Human Rights Watch have you know one want to set up a team? They're trying to get funding to do it. And then you have all of these smaller units like deutschevela has maybe four or five reporters. Doing this stuff CBC in Canada want to do it. I

want to do it. you know, so you've got lots of different the lemond is doing little bits of a wish in France and I Yeah, exactly, you know Democratic and yeah, and then you have you have other groups like forensic architecture or Lighthouse reports or all of these different groups that are partnering with newsrooms around around the world as well on different stories. So it's definitely growing.

Apêndice C - Entrevista - Masha Froliak - Departamento de Vídeo



Perfil de Masha no NYT | Crédito: Reprodução.

Keske - Did you talk to soldiers that could be responsible for the killings? Why not show these conversations in the documentary?

Froliak - So first of all, the main reason why we decided to make these calls is: from the beginning, we got this phone log of the calls from Ukrainian authorities. We obtained this document that contains the date of all the calls that were made in that region from Ukraine to Russia. Or rather, just to clarify, all of the calls in general, but in those numbers we could see that there were Russian numbers so we knew that there were calls made to Russia based on that document and they were like half a million lines so a half a million picked up outgoing calls. So there was a lot right and we wanted to know exactly how would apply this document So it was just in our hands and then in the course of our reporting, locals who we spoke to locals in Bucha who went through occupation and many of them told us that Russian soldiers were taking their phones or destroying their phones so they would like Shoot at their phones or destroy them or just take them away.

So knowing that information, at some point we decided, Yousur and I, thought: well, is it possible that Russian soldiers took the phones from people they killed? And when we were identifying the bodies on the Yablunska street and finding the relatives of these people, we would ask the relatives: "Could you give us the phone number of your relative who was killed? we want to check if this number was used after the death of your relative ". And in a number of instances what we saw, is that indeed Russian soldiers were using the phones of some of these people killed to call their families.

So but, you know, for us we needed to go through a lot of layers of verification to better understand, because it's a serious clue. And so first, we analyzed social media so we had basically a number that was called in Russia, which was a Russian number, right? So the first layer of our investigation in this phone evidence, the first thing we did was trying to find out who this number belongs to. So we would go through different things, It was a very complex research so, you know, basically we would find social media profiles of these people. Sometimes we would find

avatars or we would find basically photos of a person and a lot of times there was a girlfriend so my mother or a friend that the soldier was calling.

So based on that, people then kind of go into a reverse search and then from that point, from that person look for Somebody in their family who might be a soldier. Anyway, it was a long process. We would build like whole network of connections between these people and in the end we found names for you know for the family members and then for most of the soldiers as well and once we had the names of all the soldiers we wanted ... we also, based on social media profiles and some of the database military databases, we got clues that most of them were from 76 Division and most of them were specifically from 234th regiments. So now we had two things that we wanted to do on top of that. one is to verify, do another layer of verification of their identity. Because what happens is if they, like, change their last name on social media and like ... you know, we always have to question everything. So we need to do two things: make sure that this is a person, this is their name, and they are actually in this regiment that they are not in like some other kind of regiment that wasn't even present in Bucha.

So, in order to do that, we basically started calling a military unit in Pskov. We found an internal number That was some kind of a reception number where people actually, I guess, were speaking to families and so they basically provided us information: Is this person serving in your units? and they would confirm. So once we had the names you would confirm with the military units and we would get that layer of confirmation, that: "yes has this person is serving with us". So that was huge.

And also what we did is we said, well, "now that we are nearing the publishing of our piece, let's just make calls to the families and ask even to speak to the soldiers because we want to give them a chance to just speak to us and to explain what happened". And so we spent a couple weeks just making these calls, Yousur and I. I was speaking directly, but Yousur was on the phone with me and for each case, we had to plan out how we're going to talk to this person. It's kind of a difficult mind-blowing process to speak to these Russian soldiers and families knowing they were in a place and they were directly near the people who were killed. and so he needs to find a way to give them a chance to even open up, to trust you to open up. And so that was a whole different kind of layer .. this was our last piece of a puzzle to make these calls.

In several cases the mothers actually had an hour long conversation with us. In one instance, a soldier was missing in action and she was telling us she was upset with the Russian military unit that they were not ... she was critical of them that they're not helping her to find the Sun. So she said he was in Bucha because that's what he was telling her and His wife. So you see it was just an additional layer, like even the families there were a lot of cases where the families actually said that the sun was in Bucha.

So it's just kind of to make us very solid in this, you know, in analysis of this evidence and in presenting these facts.

Why didn't we publish the audio? I mean, I don't know what it would add. You know, I think maybe we should publish a separate story just because there were a lot of interviews there that

were long and I just don't know they were not I mean, yeah, maybe we could have caught some audio bites with confirmations that the sun was in Bucha. but I think we just felt solid that ... they made the calls just to confirm our findings like just an extra confirmation. But otherwise we knew our facts were already very solid and we actually didn't even have a conversation about including these phone call conversations in the video. I think we provide so many pieces of data, maybe it could be like a separate story.

We were making the calls more to like to add a third layer of verification. So it wasn't our main kind of proof because we already made the proof, but we just wanted to do like an extra extra check. But it turned out that some families talked to us and some soldiers talked to us. So in the end It was just interesting for the kind just as a separate story, Maybe it would be interesting to hear from these people and like just ... we had this conversation a little bit about doing something else but this information but we never followed up. So Yousur and I should think about it to maybe publish.

Keske - But how did that go? Did you work with the team before for example, is it all connected like you and other video reporters are part of the same department with the vision investigation team, for example? or is it something different and you work together? Sometimes when you feel that you need that working together would enrich and hence the story, for example?

Froliak -Yousur is a staff New York Times for many years, so basically we all sit on the same floor. We all work in the same video departments and we all collaborate on different projects. so we know each other very well and we've worked on different projects together. So when Yousur and I were on the ground in Bucha, and we saw all the destruction and the death and just the effects of russian occupation, we started you know, we had a camera guy with us and we started documenting everything. and then we realized that it's kind of a big crime scene. Bucha is a big crime scene and we need to do investigative work here. And so we were already speaking to Malachy and we decided to collaborate. That's how it kind of happens: when you know, the story is investigative and it can use Open Source data, you know, you just feel it. You know this is it, you know. And he's the main editor for that type of work, so we reached out to him. And it was an interesting mix of sort of "on the ground reporting" and Open Source. So of course you can you know be anywhere in the world and just collect Open Source data, but here it was essential to be on the ground as well, so the work became so powerful because: sometimes you couldn't collect all the data with Open Source, you needed to collect it from witnesses, you need to knock on the doors to ask people to take a look at their cell phones, check their data, meet people ask them for access to different Telegram groups, Viber groups. You know, you need it to be on the grounds to collect that initial data, speak to witnesses to understand what happened there, exactly. "What are the clues?" If we didn't speak to the locals, we wouldn't know that Russians were picking up phones and that was also very important evidence for us in this investigation. So it was a combination of the two: Open Source and the field reporting.

Keske - How can I say the main implication of the main point I am researching now. Is this working together between the could say traditional reporting, but I also that allowed to gather allowed with allowed a light with Open Source investigation, but also around it all there's one reason why a question my question be why did you choose to do a documentarian I mean a video that was posted in YouTube and on the internet. Why what? Proved. What was your point in? Which you had to you knew how to make a video about it. I know your video a video journalists. I don't know. How do you pick the story right how or when at least did you know that was worth making a video about like a big documentary just like this one there was published later.

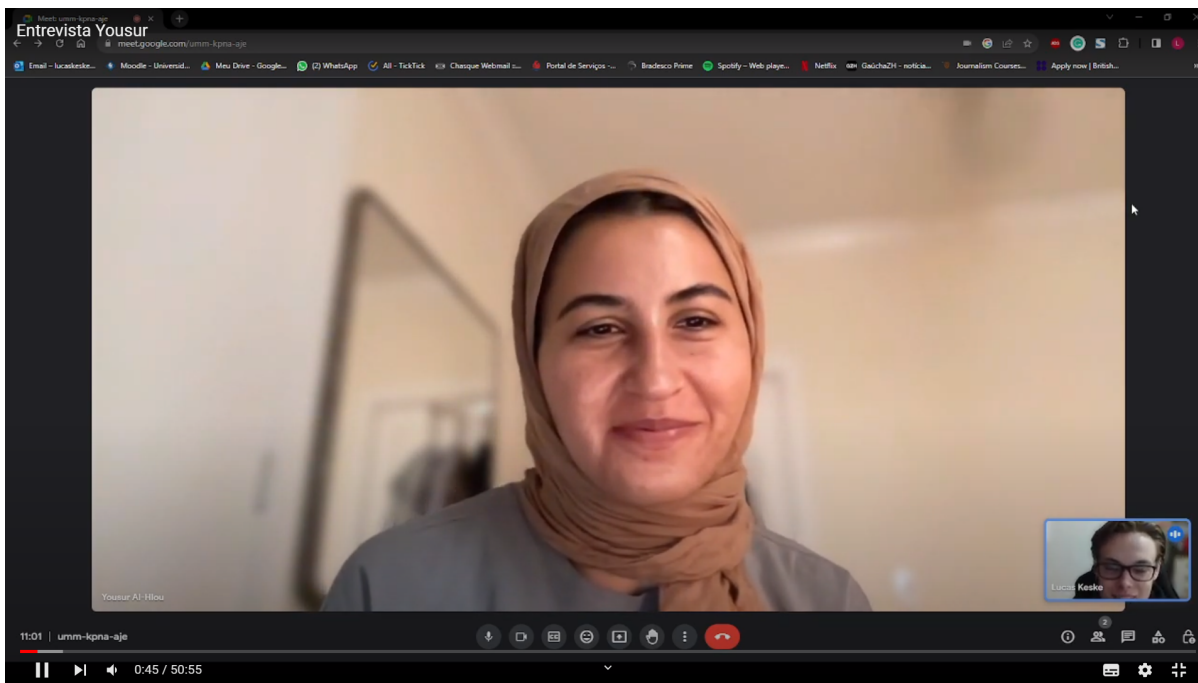
Froliak - When we returned from Ukraine, in April, coming back from our first deployment, we was there for four months from the beginning of the invasion to April. And even earlier, I think we were there from January anyway. We started collecting data and when we returned to New York we published an interactive story about the killings of the people at the blog post on Yablunska Street. I don't know if you've seen that article but that information was later included in the documentary as well. Initially it came out as an interactive so it had prints, it had all the interactive elements with CCTV and drone but like separate assets. And here, you know it just because we wanted to cover the killings of 36 people, not eight. So we had a lot of data and a lot to talk about and also Visual Investigations is obviously a visual, you know, the most important kind of evidence base is an is like visual, you need to not just say something you need to show it. That's the you know, that's what makes it kind of you can't just you can't say, you know, like Russian authorities were saying "Bucha is a fake. The bodies are fake. This is all staged. It's not true. Russian soldiers didn't kill any civilians", right?

So here you're not just saying "listen, we spoke to hundreds of people and we know Russian soldiers were the only ones present there and they killed these people". It's weak, you know, but when you actually collect terabytes of CCTV footage and have all these other pieces of evidence that you see on the screen that the tank is firing at a civilian car. And then you find this person based on the plate number of this car and you call this person and she tells you what happened. So it's just more difficult to say it's not true. Right? And because we had so much data and we had so many CCTV cameras it all built into this kind of Narrative that you could just emerge yourself into this reality of Bucha and occupation. And you kind of see just how horrific and Eerie it was you know, like we show you know drone footage, cctv footage and there are these tanks rolling down the streets and people walking out with hands up and like you just see that it's so just very scary. And it's something sometimes that words cannot describe. The best medium is to show it in this specific form.

Keske - Just about that that thing we're just talking about some of the images that are shown are explicit and in which you can see a graphic and you can see bodies and and some of them just like the one you talked about. You can see for example a tank firing and core being hit in and while the very exact moment in which a person was was killed order. And he could say even legal or article implications and and debates about which of those images we would be you would be showing your show. At the commentary due to some of those implications or in general if there were not were there any implications of which images you were shower we're not show.

Um, yeah, there is always a conversation happening between the editors and I'm not sure what this department is called "legal department", maybe just to you know, even for the first story when it came out where there is we referred to photograph from a crime scene where you know, nine bodies are laying on the grounds with visible wounds and this is the photo that shocked the world this photo became symbolic to what happened there. And this is the photo that's families had to see and it was you know all over the Internet, so to censor it. I don't know. I mean, you know for Yousur and I it was obvious that we needed to publish it, but I think there was some conversation in that regard between the editors. You know, it's ultimately not our decision. It has to be approved, every time you show death and Gore and blood, you need it to be approved by the standard Department, a legal department in the New York Times. So I guess they green lighted it because we published all that footage.

Apêndice D - Entrevista - Yousur Al- Hlou - Departamento de Vídeo



Yousur Al- Hlou em entrevista para a pesquisa

Keske - Is this video a final edition of all the reporting on the massacre? Meaning that you have summed up the events and all the reporting in a definitive edition?

Al- Hlou - I Would say it represents the body of work and The material that we collected over the eight months we were reporting on the story. It doesn't mean it's everything. In May of last year we published the first investigation in the series. About the eight men who were killed behind an office building in Bucha that started the impetus of our reporting of the work and then later in September. We published the intercepted investigation where we obtained I think maybe 4,000 audio intercepts from Russian soldiers that Ukrainian authorities have captioned. And then we published some more information and an article called Putin's War which was a team ever and then we published. sort of we collected all of that and published it in a larger sort of more packaged piece in the documentary. So if you've been watching the VI space or our work throughout the course of the war some of the reporting in the butcher documentary might not have been surprising but we stitched it together or brought it together in a new way.

Like we also learned how the evidence we collected earlier in the year actually and it unfolded in different ways and actually using that reporting in new ways in the documentary, but the reporting itself wasn't necessarily new but the way we used it was new. So yeah, I would say it's a summary of most of the material we collected. Obviously when you're reporting you collect a lot

more than you publish. That's a normal part of any process, but it's a pretty good representation of the reporting we did in one package.

Keske - Why did the team pick this story in specific? Is VI and the video part of the same department?

Al- Hlou -It's the same and Department under the visuals Department. But I have a lot of field experience. So I think what he might have been referring to is kind of like in a traditional visual investigation you're working on it from your desk or from your home, You're not traveling. But in the you know, the few Visual Investigations or like then the lead reporter on we travel to the field. So like you mentioned the visual investigation of years ago [Rouzan's case], I made like three trips for that story and same thing with the Bucha investigation. We did three three trips to Ukraine. So these are a bit more unique because they involve or have like a field or deployment component. So I was already in Ukraine when the war broke out. Sorry, when The Invasion broke out there was a war for eight years prior obviously, but the invasion happened. Yeah, I was already there and so Kiv was really a big pivotal like important Frontline that the ukrainians obviously wanted to make sure they were protecting. So when the Russians withdrew ... So we had access to the Villages of Kiev like you could go closer to Boyarka and Irpin but we were never able to make it as far away as Bucha because the Russians occupied The Village or the town. So when the Russians retreated, all the journalists typically would go or flock to the areas that the Russians Left Behind to do the reporting so Bucha was just an obvious Setting for wanting to do an investigation because the crimes were so public.

So when we first won it was actually to document just the physical Horrors like the bodies that were left on the ground and the damage to the buildings, people's homes, the destroyed Bridges. So our first initial trip, which I was to do just standard breaking news documentation and Reporting and eventually the editors in New York sort of asked if we'd be interested in pursuing additional material and sort of more of an investigative nature. And once we started to do more of that reporting that was led from New York like ... The assignment was sort of given to us from New York, but really once we did the reporting on the ground in Ukraine, we sort of had a conversation and decided that this is where we wanted to spend some additional time to report. The war was still raging, so we were based in Zaporizhia, and could have decided to continue reporting in Zaporizhia or in Donbas. But I think it was too dramatic of a scene to leave behind very quickly. So It evolved kind of naturally from this discussion between the editors in New York and us reporters in the field in Ukraine.

Keske - And what about the video production? How was it made? Like when you were there on the ground? I mean you're reporting alone or with a cameraman on you and Marsh frolick right? It's her name I think and maybe together.How did it go?

Al- Hlou - Yeah, so I was working very closely with Masha on the ground at the time and on our first Bucha trip We had a cameraman Benjamin Foley but in the second and third trips, I was also the cinematographer. So I was the lead reporter with Masha and then the cinematographer because we didn't require much filming. So only on the days where we needed the camera, I

would use it but for the most part we weren't doing a lot of filming. It was mostly Evidence Gathering, building relationships with sources, doing interviews with Witnesses and collecting data from government and authorities, government officials. So the production in terms of cinematography was very small but important. I think it brought a face to the story, but the production on the ground was Masha and I in terms of the reporting and we would collect so we would collect and Report the material and send it back to New York and in New York, there was an editor and another reporting team that would process I mean Masha and I would also process that material but there'd be a secondary processing of it reviewing of it analyzing of it in New York and then there was an editor who was organizing it in the editing software. So it was being led by Masha and I Ukraine but being facilitated an additionally reported in New York, and I think that was a very productive workflow. so it was being edited over time. It wasn't or sometimes it wasn't even being edited. It was just being reviewed and eventually would go on to that and go into the editing software, but it took a while for us to really decide on the shape of the story and it really wasn't until a few months into the recording that we felt confident in the actual structure and like headline, you know the story so.

Keske - Did you talk to soldiers that could be responsible for the killings? Why not show these conversations in the documentary?

Al- Hlou - Yes, so Masha and I collected all the information, we collected all of the names and then we prepared a list of questions together. I don't speak Russian, so I was on the phone but in the background. no one knew I mean we did them together, but it was Masha who was leading the questioning based on the or the conversations based on the questions we had prepared together. Um some families chose to speak, some families close the phones in our faces. Some soldiers chose to speak, some soldiers closed the phones on our faces and I think that when you're making sensitive calls like that It's a bet. It's a ratio. So if you have a hundred phone numbers, Maybe 30 will pick up, maybe 20 will engage in a conversation, maybe 10 will stay on the phone for more than a minute and maybe five will speak to you and maybe one will tell you about a potential War crime.

So it's a numbers game. There's absolutely no guarantee that you can get what you want under the phone calls. But one, as a reporter: you have to make them and two: you have to try your best to keep them on the phone and be honest like we always ... Masha always, speaking to them in Russian, always identified to them that we're the New York Times, we're working on a story about the war and Bucha. We understand that they're relatives were there and could they speak to us? and that was the approach. There are some journalists who take different approaches and they hide their Identity or their outlet, but we don't work that way. Based on the ethics and guidance of the New York Times, you know, we always identify ourselves and sometimes it helps, sometimes it hurts, sometimes people don't even know what it means. and so those are very interesting. It was always a bet. I think what's important is even for the people who close the phones and our faces like you still follow up with them so Masha and I would prepare some text like what do we want to say? And then we would do whatsapp with them or telegram or Viber like trying to continue to get them on the phone and sometimes it worked.

Um, oh, I forgot one more thing we did for this. Sorry, related to the soldiers. One more thing we did Open Source was to identify the soldiers themselves. So once we got numbers and we got the profiles on VK are OK we then needed to find the soldiers and when we found the soldiers, we needed to find any evidence that they were in the military. So that was also Open Source, but that was just kind of stalking, you know, like what you do with an ex-boyfriend or girlfriend you just go through a thousand photos until you find what you're looking for. So that was the third way we did Open Source.

But yeah, that's how the phone calls went. It was just again just traditional reporting. You can either knock on their doors or if you can't go to their town in Russia, you give them a phone call and you have to be a really ... I think a nice person and be honest. Obviously, we weren't calling and saying "we're calling you because your son might have committed a war crime" we were saying "I want to understand what your son went through" or your brother or your cousin and can we speak to them if they're in the room with you by any chance because they were going on holiday sometimes.

Keske - What was the process of going back to Ukraine and obtaining the drone images that guide the video? The ukrainians really did not know what they had?

Al- Hlou - I mean, it's not just about the Drone footage, the CCTV or the security cameras. And the Drone footage is the same process. You really have to kind of build relationships with people who you assume or know have certain material. And you look for them, you know, sometimes you don't know who the sources are so we asked ... in all the trips we made we collected visual data. So CCTV, cell phone footage, drone footage It's the same process right? It's like, okay either who was living here at this time and then finding that person and asking them for their cell phone footage, or who was fighting here at that time. So we had to really narrow down which of the Ukrainian military or like military actors were there at that time because it could have been the National Guard or the Armed Forces or the naval forces. So you kind of need to figure out from your reporting in your sources. Okay, who are the teams or which division or Battalion or unit was here at that time and then really narrowed down. "Okay, then who has a drone operator on their team" and that drone operator or the security camera facilitator did they save that footage because they could have filmed it but they might not have stored it. So then you need to make sure you figure out who filmed any of the footage. Did they store it in a way and you can collect it and then, you know, you need to fact check it and process it and report on it. But so that was kind of the same. We did that on all three trips, right? The security camera footage was actually the most important footage, and the first footage we obtained and then the last kind of important footage we obtained was the imagery from the drone on March fifth of last year.

All of that collection and sourcing was done on the ground in Ukraine and with Masha and I and I think the reality is that the story wouldn't have been possible without reporting from Ukraine. Even if you found the Drone operator who was filming in Bucha, he or she might now be in Dunbas, too busy for you. They're not gonna answer your phone call. So you really have to be willing to commit to being on the ground and spending a lot of time on your phone really just

figuring out and meeting with people at different cafés around the city and just making a human connection. And yeah, that's how it was throughout the whole production.

Keske - Ethical implications of the images of Ukraine army drone usage?

Al- Hlou - oh, well, I mean any image, any image is technically biased because a specific person filmed it at a specific time with a specific angle using a specific technology with a specific purpose. So inherently anything that's filmed is biased because it doesn't show you the other side. So on that note, I don't think you can actually to be very honest escape the inherent bias and visual imagery that exists and I think once you acknowledge that your job as a reporter is: can you collect as many angles or testimonies surrounding that footage that you can right? So our job is first to collect the imagery and then the second thing I mentioned earlier is to analyze it and fact check it.

So obviously that Ukrainian military was filming using drones because they wanted to understand where their enemy was located. Could they locate the Russian military vehicles? And could they use that footage to strike them? How do they understand the war in the places they were not able to access because the Russians were occupying? So, absolutely the same thing with Witnesses, the assumption: is they're filming the reality unfolding around them? They want to document the horrors around them? They want to be able to potentially bring perpetrators to Justice? I mean, they can have any kind of motivation.

So our first job is to collect and really you cannot use any kind of footage in my opinion without understanding who filmed it. When did they film it? Can you see the metadata behind it? And then can put it into context with what was happening in that area at that time? So we don't just use the Drone photography to uncover where the Russian forces were moving on the Yablunsk street, the street that we are focusing on in our story. We also pair that footage with testimony from people who are living on the street at the Time. video footage that was filmed at the same time. A security camera that was also filming at the same time. So you really have to sort of collect as much data as possible and come to your own conclusions. And also we were speaking to military experts and political political experts to help us understand this footage. We were all speaking to experts who can help us identify the Insignia or like the markings even if the Ukrainian military or a witness says these were definitely these types of soldiers. I mean, we're not going to ever take that on point blank. We're going to analyze that imagery in the footage. So Inherently yes, you have to acknowledge and understand the biases behind the images that are captured but that's kind of your job as a reporter is to unpack all of it and then tell audiences: Well, what is it all mean and what are we trying to say with this imagery? So I didn't have any and I don't have any ethical Issues with Gathering that information in an appropriate way and I think there's no issue with using it as long as it's used with context.

Keske - Mr. Browne mentioned that, while the team was building the spreadsheet with metadata collected from the cameras, they realized that some of the phones data were off and so you had to go back on the ground to help them calculate how much it's off by. Could you walk me through this process please?

Al- Hlou - That was the case for the Gaza story. I mean there was a spreadsheet of chronology with the butcher story, but we didn't have off ... sometimes the cameras were off So you needed to recalibrate. Sometimes the security camera footage was off by 10 minutes. So we collected enough cameras and all of them were saying the same time but one of them was off, you could feel pretty confident that that one clock just needed to be recalibrated. So we never had to go back to our sources and say "film something new for us". But in the case of the Gaza story we did do that because of the journalists ... We collected a lot of footage from people in Gaza who are civilians with cameras or journalists with cameras. And a lot of them didn't change their settings. So, you know when you get your phone or a camera or GoPro, the first thing it will say is put your settings and where which time zone are you in? I mean for people like me who are lazy or who forget or the hour changes and your phone doesn't you know, that means that your clock goes off. So usually the date was correct. Usually it was like June 20, but the hours were way off. And so what we did to fix that problem is we went back to the sources and we said take a picture of your settings with your phone.

So, yes, it wasn't that the sources weren't telling us the truth, it was just the technology had human error. And so the way we fixed that problem was, we asked people to take photos of their cameras with their cell phones and because the cell phones were on real time. We were able to understand the correct time in which the camera or the other phone was filming so that technique was or that checking in with sources was more of an issue with the Gaza project. With the Bucha project it was just a few cameras that were out of sync, but eventually we were able to pair the right images with the right time so that yeah wasn't a major factor.

Keske - How was the process of adding the phone numbers to your phone and identifying the soldiers and their calls home?

Al- Hlou -Some level of the Ukrainian Authorities gave us the phone numbers not phone numbers they gave us the call logs or like the like let's say you I don't know. Are you in Brazil?

Keske - Yeah.

Al- Hlou - So I don't know what cell phone plan you have but in New York, I have AT&T which is a company that stores all my data or stores all the phone records that are being placed in it outgoing calls and incoming calls. So they were able to provide for us the call logs or the list of calls that were made in and out of the Bucha area in that month. So I guess they don't know how they did it, but they filtered for us like in the month of: March which phones were being used to place calls or receive calls in this general area.

So we started to notice some patterns. Masha and I where Ukrainian cell phones were calling Russian numbers, which wouldn't have been something that we would have paid attention to before the Invasion, but because of the war the likelihood that someone would call Russia was striking because it was just such a divide a societal divide at that and it continues to be like you don't want to be perceived as a collaborator or one who's giving information to Russia or a spy.

So you're less likely to use your direct phone line to place that call. So immediately we were like, this is an interesting Trend. Why are so many ukrainians calling Russian phone numbers and quickly we realize: We need to analyze these Russian phone numbers to figure out who these people are. So, yes, we literally manually entered the numbers of Interest. so we didn't have to enter as many as you think because for most of March the electricity was out. so the satellite towers weren't working. And so the phone calls were mostly being placed at the beginning of the month. So we just needed to analyze the phone numbers for March 3rd, 4th and fifth and then later in the month like March 18, but really it was three days that we were really interested in the fun records. And so we placed each number in our phones and that is a pretty good method to do when you're trying to analyze a phone number because the messaging apps produce avatars and sometimes like on vibrant telegram, actually names; if the people register for an open profile. If you put my phone number in your phone on Viber if I allowed the privacy settings to reveal my name you would have access to them.

So that's what we did. So Masha and I obtained those numbers and Masha and I put those phone numbers in our phone book and then we found out who ... We did a few other steps that are sort of more, you know private for us to continue to use but we use Open Source tools so you can use telegram Bots you can use Russian and these are all tools that are publicly accessible to anyone and they typically rely on leak to Russian data.

So you still have to fact check. So if you use a telegram bot, which is like a resource. It's something like a telegram group that's created. It's like auto-generated results. So if you find the right bot or the right "group", you can enter a phone number and it produces results from leaked Russian data. It's not up to date. It depends on when that data was leaked so you still have to do more steps to fact check that phone number, but for the most part it helped you start like it gave you a starting pad or a launching pad to begin work. We also used... you can import contacts, I don't know if Facebook and Instagram do this anymore, but in the past you could import your contact list. So let's say I enter the 10 Russian numbers. I can technically import them to an application like Instagram and they populate or produce the accounts that are associated with that number. So it's just we kind of had to check all of the methods and sometimes if you lined up on Instagram or not Instagram anymore, but I think VK and and also on the telegram but also on the WhatsApp Avatar, then you could be pretty certain that those are the same person and then you have to call them and so we did all those steps.

Well, I mean really most of this was fieldwork like field labor like being in the field and Ukraine going to Bucha, going to Kiv, going to Odessa traveling to the places where the sources are and obtaining that material. So in this case, Open Source was not helpful in collecting material. Most of the materials collected from the field, from Ukraine. So this is a very unique visual investigation ... Some of the other Visual Investigations are very technology or Open Source heavy. So most of them are built on ugc [User generated content] or videos from the internet that people then report on and then they use these sources. In this case this is a very unique project because the evidence is 90 to 95% collected from traditional reporting when you travel somewhere. You meet sources you obtain the footage or records or the data that was not Open Source. That was 100% traditional journalism. But the processing of that material, In regards to the soldiers and identifying who the phone numbers belong to and which Soldiers were in Bucha,

which time in which Division, that was the biggest part of the story that relied on Open Source. So it was a very unique part of the project. Most of the project was not based on Open Source techniques, but the parts of the piece that were based in Open Source, specifically analyzing the phone numbers. So we obtained the call logs or the spreadsheets. How do we understand who these numbers belong to that relied on Open Source techniques like using telegram Bots which source Russian leaked data, using social messaging applications like Viber, telegram ,WhatsApp to produce avatars and names, and then using websites where you can actually import someone's face. There's a couple of websites that also search leaked Russian data or Russian photo data and you can take the photo from the Avatar someone's Whatsapp and put it in a Russian website like who is this person in the picture. If the machine finds a match they'll sometimes give you the VK or Ok page for that person. So those are the kind of very they're open for everyone to use. Those are some of the techniques we use. But once we did that then you have to go back to traditional journals and actually place phone calls. So then you have to call the families of the soldiers, and it's a very unique case study because It's not traditional Open Source, like you might think for other projects.

Some of the other ways we used Open Source was to find imagery of the commanders. So like *Lt. Col. Artyom Gorodilov* was the division Commander for the 76 division, which was responsible or which is pegged as the division responsible for the potential war crimes. And so can we find images of him online? Where has he been in Ukraine? Is he still alive? that reporting was also based on Open Source Reporting techniques and that's just going on VK, YouTube, Facebook looking for images of him. But so yeah, I think that those are the two big areas where we used Open Source.

Keske - Why did they not show the interview with the captive that survived the shooting? If he confirmed his version with the positioning of the killed man and the way they were taken to the spot? Mr Browne mentioned showing in this video that there was a systematic killing of civilians and, therefore, decided not to focus on one specific survivor. Was it really the idea?

Al- Hlou - I don't think it was either I mean, I think in the first story that we published in May his testimony ... It was a print article and so has written, you know, the spoken word. That was then translated into text like his interview over the phone with us was enough. We were not in Ukraine at the time and he was no longer in Ukraine. and Masha and I were back in the United States. So we didn't have the chance we needed to publish that story so we didn't have a chance to film. So just technically it wasn't feasible and that story was done, you know the story in which he survived we produced already. So by the time the documentary came around we wanted to show new ... we used his testimony in the evidence part of the evidence Gathering process. But we felt that we could bring new and fresh voices to build on the evidence and the testimonies so it wasn't like we excluded anyone's voice on purpose. It was more like what can we add to the story and because we published his testimony and interview in May. I don't think it was like we consciously excluded anyone. It was more like what can we do to move the story forward and for the newer who aren't some new characters, sources, Witnesses, we can bring into the story just to

elevate the amount of evidence. We are showing viewers. So I don't think there's any specific reason other than sometimes in production you just naturally Use certain pieces of footage.

I mean, we got 20 terabytes of CCTV. We only showed 30 minutes or less of it. And I think you make there's the fact that we had already printed or used his testimony. We need to double down. And then also the fact that in any editing process you have to decide on which voices are moving the story forward and you know, perhaps that was one of the considerations. It wasn't very like explicitly revoking or removing his testimony so I don't know if that's really an important question for us. But if you want to talk, you know touch on that and your research, that's fine.

No, I don't think it's more important. I think it's just a natural editing choice. I wouldn't say anyone's story is more or less important. I think you just you have 20 to 30 minutes to tell the most impactful story and sometimes you're reflecting on what narratives have already been shared or told and how can we move that forward and I think just because of the limited amount of time and logistically more in the United States for a lot of the report. We were back and forth between Ukraine and the United States. It just felt that the material we collected in Ukraine was unique, was raw, was new and would be adding a new layer of reporting. So I wouldn't use the words stronger or better. I think everyone's really important and heartbreaking. So I think it's just like a natural part of the editing process. Sometimes you lose or don't include some of the strongest material for the sake of other strong material as well. I again I just don't think it was like something we did or didn't think about. I think it is a natural product of editing. Yeah, you lose something.

Keske - Is this specific video closer to a regular documentary than the piece on the Rouzans death, for example? Do you think that there is any relation to one of them having won a Pulitzer prize and the other not?

Maybe, maybe not. I don't know, like a lot of the Visual Investigations happen from a desk in New York, you know, and those are just as important, impactful, significant and sometimes there are places you can't travel. Like, for another reporting for another visual investigation I was able to travel to Northwest Syria, but for another visual investigation, no one was able to travel to Syria for that story because the bombings were happening in very dangerous places and we couldn't get access there. So I think both of those cases or instances show that whether or not you go into the field or not. So I think I would say it depends. I think this work stood out because we were in the field though specifically for the Bucha project. I think this was a story that was based in visual evidence and the best way to tell the story was visually. So if you wrote a print article about the CCTV cameras and the Drone footage, I would make an argument that they would have less impact. Because spoken or written journalism is important and powerful and impactful, but if you have the visuals you should show and they also I think are important historic images. So when you look back at a conflict, it's you know without an archive It's hard to tell what really happened and hopefully, we hope that this can cement an honest version of what happened in

Bucha. What a reflection on, to analyze. Prosecutors could use this material if they wanted to, so opens up the possibilities for the kind of impact journalism can have. So I think it was an important part of the story that it be told visually, but I don't think it's the only way to have an award-winning package or an impactful package but it helps, for sure. It helps to see and witness the atrocities I think or the way in which they unfolded.